APERFEIÇOA A NOVA LINHA
DE CAMINHÕES E AUTO-BUSES A MOTOR DIESEL

ESTÃO a ser agora fabricados os novos Caminhões e Autobuses Reo com Motor Diesel, com *chassis de concepção Reo e construcção Reo,* dotados dos ultimos aperfeiçoamentos em motores Diesel.

Quatro modelos commerciaes e dois de autobus apresentam-se *traçados e construidos de alto a baixo pela Reo, para o operador dos Diesel.* Os motores são os mais recentes 6 cylindros, de typo Diesel integral. O funccionamento dos carros é identico ao das unidades convencionaes. As taras brutas vão de 13.500 a 15.000 libras, e até 22.000 libras na operação de tractores ou auto-reboques.

Todo o moderno operador de caminhões e autobuses vae desejar informações a respeito destes Caminhões e Autobuses Reo com Motor Diesel. Podem com estes carros fazer-se maiores lucros graças ao seu custo de operação extremamente baixo e á sua longa duração.

FAÇA-NOS UMA VISITA E ASSISTA Á DEMONSTRAÇÃO DA SUPERIORIDADE REO
Exposição e Vendas
CIA. PROPAC
Av. Oswaldo Cruz, 95

VALERIANO
E' O GRAVADOR DE
ESFERA
FONE: 42-2093

Radio Vera Cruz S. A.

SINTONIZEM SEUS APARELHOS EM 1.430 QUILOCICLOS

PRE 2

168 — RUA BUENOS AIRES — 168

TELEFONE
43-1625 — ADMINISTRAÇÃO
43-1624 — ESTUDIO

RIO DE JANEIRO

12 HORAS DIARIAS DE EXCELENTES PROGRAMAS

Dom Casmurro

GRANDE HEBDOMA DARIO BRASILEIRO

Diretor
BRICIO DE ABREU

Redator-Chefe
ALVARO MOREYRA

Assinaturas:

1 ANO .... 25$000
REGISTRADA .... 40$000
ESTRANGEIRO .... 45$000

RUA DO PASSEIO, 2
Edifício Odeon Sala 814
Telefone: 42-1712

NÚMERO AVULSO.
RIO E ESTADOS
500 réis

ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

EDIÇÕES

ELP

NÚMERO 3 — JULHO — 1938

REDAÇÃO:

Edifício Ouvidor
R. Uruguaiana, 86 — S. 805
Caixa Postal, 1.219
Rio de Janeiro
TELEFONE: 42-8835

Brasil .... 2$000
Estrangeiro .... 3$000

ADMINISTRAÇÃO

DIRETOR:
Maria Jacintha
REDATOR CHEFE:
Sílvia de Leon Chalréo
GERENTE:
Aureo Ottoni
SECRETÁRIO:
Frederico R. Coutinho

REDATORES

Afonso de Castro Senda, Atilio Garcia Mellid, Abel Salazar, Dias da Costa, Erico Veríssimo, E. Rodriguez Fabregat, Eneida, Fábio Leite Lobo, Fábio Crissiuma, Graciliano Ramos, Joel Silveira, José Lins do Rego, Jorge Amado, Roberto Alvim Corrêa, Rossine Camargo Guarnieri, Santa Rosa, Waldemar de Oliveira.

ÍNDICE

I N D I C A D O R

M. B. DA SILVA

Arquitéto-Construtor

Rua São Pedro, 348 - 1.°, Sala 4

Fone: 23-1319

VICTORINO RAMOS FERNANDES

Despachante Oficial

Rua São Pedro, 358 - 1.° andar
Fone: 43-4263

Prefeitura e Repartições Federais

JOSE' MULLER ALVES

Agente oficial da Propriedade Indústrial
PATENTES E MARCAS
Rua da Assembléia, 15-A, 5.°
Ed. Brasil — Fone: 42-0513

J. C. TORRES

Dentista

Consultas: 8 ás 12 e 14 ás 17
Edifício Carioca, 9.° andar.
Sala 903 — Fone: 22-0029

ANTONIO ARAUJO GOMES

Procuradoria Comercial Leopoldinense
Uranos, 515 — Fone: 48-6660
Despachantes oficiais da Prefeitura

DR. H. SOBRAL PINTO

Advogado

Rua da Assembléia, 70 — 2.°
Salas 1, 2 e 3
Fone: 22-4747

T U B E R C U L Ó S E

DR. FÁBIO LEITE LOBO
Clínica Médica
TÍSIOLOGIA
Rua São Cristovão, 294-A
Fone: 48-8463

SAMUEL BABO
Despachante

Recebedoria, Prefeitura, Imposto Sobre a Renda, etc.

1.° DE MARÇO, 39-2.°
FONE: 23-0793

DR. BENIGNO RODRIGUES FERNANDES

Advogado

Rua São José, 29 - 1.° And.
Fone: 42-7226

Para

BRONQUITE, TOSSE
RESFRIADOS

XAROPE GIL
REMÉDIO SEGURO

EURIDÍCE MELO DE LEON

Parteira Diplomada

Rua Dr. Mario Viana, 437
F o n e : 2 8 0 1

NITEROI

ADALBERTO G. JATAHY

A d v o g a d o

e

D e s p a c h a n t e

(Federal e Municipal)

RUA
7 DE SETEMBRO, 145
SALA, 6

FONE: 22-0382

SENHORAS!
ATRASOS? CÓLICAS?
Elgan
NA HIGIENE
AGERMOL

DRA. MARGARIDA GRILLO JORDÃO

Médica de senhoras e crianças

Doenças da nutrição, obesidade, magreza, etc.

Consultório:
RUA DA CONCEIÇÃO, 59 - Sob.
FONE: 4717

Residência:
RUA DR. PEREIRA NUNES, 99
FONE: 2518
Niteroi

E D I T O R A S P E S

RUA DE S. BENTO, 290

2.ª SOBRE LOJA, SALA 9

S. P A U L O

EM LITERATURA
PROCURE O MELHOR NAS

EDIÇÕES PONGETTI

Peçam Catalogos

AV. MEM DE SA' 78 — RIO

Escutai meu canto de aniquilamento

Rossine Camargo Guarnieri

Não era o odio que me fazia levantar os braços para o céu
como duas raizes arrancadas;
não era o odio que me fazia curvar a cabeça vencida,
cravando na terra os olhos fracassados;
não era o odio que me aniquilava o coração
como um fruto apodrecido.
Não era o odio, meus irmãos.
Era o desespero,
era a magua irremediavel
do meu abandono irremediavel!
Era o desespero de olhar o mar,
olhar a terra,
olhar os homens,
e achar o mar,
a terra
e os homens tão pequenos na sua pequenez transfigurada...
Era a magua de saber que eu levantava os braços dentro da noite mansa
sem que ninguem me percebesse,
sem que ninguem me percebesse!
Era a magua de saber que a minha voz desesperada
reboava como um protesto inutil,
sem que ninguem me percebesse,
sem que ninguem me percebesse!
Era isso que eu sentia, oh! meus irmãos transfigurados,
quando quebrei o silencio da noite
com o meu canto de aniquilamento,
sem que ninguem me percebesse,
sem que ninguem me percebesse!...

Ilustração de Oswald de Andrade Filho

(Especial para ESFERA)

Palavras em que se fala de Jean Guéhenno, - se parafrasiam e derivam motivos da sua obra

(Especial para ESFERA)

AFONSO DE CASTRO SENDA

A PREAMBULAR

Admiravel Guéhenno! — toda a beleza, toda a esperança, todo o grandioso contido numa só pessoa!

Seio fecundo de generosidade e de engrandecimento, de simplicidade e de abandono — de orgulho e de inconformação.

Tê-lo, nos minutos que correm, é aspirar a vida que se transmite sempre, se eleva, se ultrapassa, se perpetua!

Singularíssima individualidade que se afirma e realiza sem atropelos nem intelectualismos-ultra. A maior simplicidade na maior eloquência!

Eloquência porque é o expoente maior da simplicidade, — a mais expontanea afirmação do homem que se dá totalmente puro, belo — enorme!

Condicionada a perfeição ao momento histórico presente, ele é o símbolo do homem perfeito: candido sem ser primário, orgulhoso sem ser pretencioso, — actual sem deixar de projectar-se no futuro!

Tudo surgido de ontem — viveu no amanhã!

SEQUENCIA LO'GICA

No aperfeiçoamento de cada particular é que reside o aperfeiçoamento do Todo; — no particular, isto é, no irrealmente independente: o desenvolvimento de cada particular realiza-se paralelamente com o desenvolvimento de todos os outros. O "em si" "em separado", é um delírio de metafísicas que morrem a falta de vitalidade rejuvenescente. Tudo se realiza numa directriz simultaneamente determinada e determinante, — fenómenos lançados á vida para na vida se realizarem e dissolverem.

E o aperfeiçoamento de cada indivíduo, justamente porque implica um aperfeiçoamento (aperfeiçoamento não directo mas indirecto; aperfeiçoamento pelo somatório dos progressos intimamente dissolvidos) de todos os outros, — é índice de aperfeiçoamento do Todo.

VIDA EXPONTANEA E' VIDA VERDADEIRA

Ora, a grandeza da vida reside na vida mesma, — nos fenómenos todos que compõem a vida. Se a vida é simplicidade e expontaneo, quanto mais simples e expontaneamente se afirmarem os fenómenos que compõem a vida, tanto mais vida é a vida.

Cada indivíduo, componente dos fenómenos da vida, será tanto mais digna afirmação de vida, — quanto com mais expontaneidade se entregar á vida.

A humanidade, é um fenómeno generalizado de vida actuante. Logo, quanto mais humanidade por cada indivíduo, — quere dizer: na proporção da simplicidade com que cada um se abandona intrinsecamente a todos, — assim esse indivíduo se afirma tanto mais dignamente humano — tanto mais eloquente afirmação particularizada de vida actuante.

O CONTACTO COM O MUNDO REVELA A PERSONALIDADE MAIOR E MELHOR

Nada temos, pois, a recear que o homem, por se confundir no todo, perca as características duma personalidade vincada. Porque a personalidade afirmar-se-á desde que o homem a possua em realidade. E a busca do original para não ser igual, para se distinguir de todos, — é uma afirmação de individualidade, sim, porém de individualidade sem individualidade própria. Porque a personalidade reside intrinsecamente naquele que, sem premeditações, se abandona ao cosmos; — se entrega á sua própria ralização, livre de prévias deduções ou de prévia delimitação de caminhos. Porque a individualidade não nasce; a individualidade faz-se. Nasce o indivíduo, sim, mas a individualidade forma-se no contacto com os individuos — no conviver social actuante.

Hofding, em "Les conceptions de la vie", aponta com lúcido conhecimento e argumentação, que o homem não se realiza do simples para o complexo mas sim do complexo para o simples, — quero dizer: — para o uno. Unificar, eis pois, individualizar, — eis pois — personalisar.

Entregue-se o homem ao meio, aspire dele tudo quanto possa aspirar, e assim se individualisará, e assim se afirmará condignamente humano.

A SEGUIR

Humano, isto é: participante directo dos fenómenos intrínsecos que movimentam a vida — e lhe dão realidade actuante — e a projectam e vivificam — e a engrandecem e realizam.

Porque vivê-la expontaneamente não significa vive-la inactivamente — longe do seu rumor e do seu sentir. Significa, sim, vive-la nas particularidades várias: indirectamente e tambem directamente — o consciênte actuando sobre o subconsciênte e inversamente — fenómenos de dentro e fenómenos de fóra — inter-relacionamento de ritmos paralelos.

E Guéhenno é o homem que vive integralmente, — realidade interior e exterior, — integração de mundos físicos e de mundos psíquicos.

AINDA O MESMO MOTIVO; — DERIVADO!

"J'accord que le peuple n'invente pas les ideés. Mais c'est lui qui les garde. Il est le vaste coeur ou la civilisation s'installe, prend sont rythme".

Estas palavras leem-se no capítulo "L'humanité et les humanités" do "Conversion a l'humain" de Guéhenno. São palavras grandiosas que sublimam tudo. Elas condensam a maravilha das concepções eternamente vivas e a todo o momento luminosas. As ideias, sim, não é o povo que as inventa — é porem o povo que as recebe, enriquece e prolonga. A dissolução delas no psíquico do povo é que marca o progredir constante do homem; é ele, nelas disperso e victorioso, que indica o índice de engrandecimento colectivo da espécie. E quem inventa as ideias é o homem de cultura — é o intelectual, — é o perscrutador da vida — fenómeno real actuante Mas é o intelectual na medida desse próprio estado progressivo da alma popular; — porque só as ideias anteriores, a todo o momento difundidas no sub-consciente das massas é que criam e realizam, — é que formam a realidade que ha-de consubstanciar as ideias posteriores.

ONDE OS INTELECTUAIS DEIXAM DE SER

Não esquece Guéhenno a "Trahison des Clercs" de Benda, e vai á conclusão de que talvez haja, mais do que uma trahison des clercs; — chega a opinião de que o que ha, é, porventura, uma traição da própria cultura. Efectivamente, tem-se verificado que a cultura, na sua grande parte, está desvirtuada da sua função (frize-se: função intrínseca, inerente a si mesma.

Não determinada a capricho pessoal). Sim: verifica-se, de facto, que a cultura está longe de preencher o seu lugar. O conceituado de Guéhenno, todavia, conquanto eminentemente generoso, não me parece intiramente aceitável. Tampouco, apesar de mais reduzido, o próprio de Benda. Se bem observarmos, a cultura não traiu nem traíram os intelectuais. Traíram, sim, alguns homens de letras, e, consequentemente a cultura desses homens de letras. Se admitirmos, mesmo, que todos os homens de letras haviam traído, o que significa que igual havia feito toda a cultura, — isto é: — a cultura desses homens de letras, isso não diria, ainda, que a cultura e o pensamento intelectual houvessem traído. Porque uma coisa é o intelectual outra a cultura: — a cultura é o objecto; o intelectual a pessoa. Aliaz, a cultura, quando tal fizesse, deixava implicitamente de ser cultura. Ídem o intelectual.

PARA A FORMAÇÃO DE HOMENS HUMANOS

As torres de marfim não são já toleráveis senão na medida em que representam terreno fecundo de pesquisa especializada. Todo o homem que abandona a sua razão íntima de ser, nega a vida que lhe foi oferecida — mata a vida que lhe foi dada para realizar-se vivendo-a, e vivendo-a, dissolver-se.

Realizar-se, o homem, é aproximar-se dos dramas íntimos das massas anónimas — não para aumentar, nos períodos de decadencia as "hostes bárbaras" — como lhes chama, com propriedade, Fidelino de Figueiredo —, mas para lhes insuflar o "elan" que vincula a superiorisação progressiva e o rejuvenescimento constante duma humanidade sempre maior e sempre mais humana.

Maior, pela eloquência insofismável da sua simplicidade e do seu expontaneo — mais humana pelo apuramento dos variados pormenores — pela personalisação e consciencialisação dos individuos seus componentes.

Maior e mais humana pela formação dos homens confiantes — orgulhosos e solidários.

(Portugal)

●

A Natureza, o Homem e a Cultura no Brasil

O escritor argentino Atílio Garcia Mellid, está trabalhando na prepaação de um livro que se intitulará "Raiz e destino da nacionalidade brasileira" (A natureza, o homem e a cultura no Brasil). Muitos capítulos dessa obra estão sendo publicados no decano da imprena argentina, "La Capital", de Rosário.

Atendendo a que o sr. Garcia Mellid se propõe a oferecer á América Espanhola uma notícia atual e viva da literatura brasileira, consideramos oportuno chamar a atenção de escritores e editores, para que lhe prestem a colaboração que merece pelo seu belo e nobre esfôrço, enviando seus livros e suas edições para: CALLE RINCÓN, 137 — Buenos Aires.

OS DEVANEIOS DO GENERAL

ERICO VERISSIMO

Abre-se uma clareira azul no escuro céu de inverno.

O sol inunda os telhados de Jacarecanga. Um galo salta para cima da cêrca do seu quintal, sacode a crista vermelha, que fulgura, estica o pescoço e solta um cocoricó alegre. Nos quintais vizinhos outros galos respondem.

O sol! As poças dágua que as últimas chuvas deixaram nas ruas se enchem de joias curuscantes. Crianças saem para fora e vão brincar nos rios encapelados das sargetas. Um vento frio afugenta as nuvens para as bandas do norte e quando a gente vê o céu é todo um clarão de puro azul.

O general Chicuta resolve então sair da toca. A toca é o quarto. O quarto fica na casa da neta e é o seu último reduto. Aquí na sombra êle passa as horas sózinho, esperando a morte. Poucos móveis: a cama antiga, a cômoda com papéis velhos, medalhas, relíquias, documentos, lembranças, a cadeira de balanço, o retrato do senador, o busto do Patriarca, duas ou três cadeiras... E recordações... Recordações dum tempo bom que passou, patifes! — dum mundo de gente diferente da de hoje, canalhas! — duma Jacarecanga passiva e ordeira, dócil e disciplinada que não fazia nada sem ordem do general Chicuta Campolargo.

O general aceita o convite do sol. Vai sentar-se á janela que dá para a rua. Cá está êle com a cabeça atirada para trás, apoiada no respaldo da poltrona. Seus olhinhos sujos e diluidos se fecham com medo da violência da luz. E êle arqueja, porque a caminhada do quarto até a janela foi penosa, cansativa. De seu peito sai um ronco quasi de agonia.

O general passa a mão pelo rosto murcho: mão de cadáver passeando num rosto de cadáver. Sua barbicha branca e rala esvoaça ao vento. O velho deixa cair os braços e fica imóvel como um morto.

Os galos cantam ainda. As crianças gritam. Um preto de cara reluzente passa alegre na rua, com um cesto de laranjas á cabeça.

Animado aos poucos pela ilusão de vida que lhe dá o sol, o general entreabre os olhos e devaneia.

Jacarecanga! Sim senhor! Quem diria? A gente não a conhece mais. Ares de cidade. Automóveis. Rádios. Modernismos. Negro quasi igual a branco. Criado tão bom como patrão. Noutro tempo todos vinham pedir a benção ao general Chicuta, intentendente municipal e chefe político. A oposição comia fôgo com êle.

O general sorrí a um pensamento travesso. Naquele dia toda a cidade se alvoroçou. Tinha aparecido na "Voz de Jacarecanga" um artigo desaforado que toda a gente sabia era dirigido a Chicuta Campolargo. Não trazia assinatura. Dizia assim: "A hiena sanguinária que bebeu o sangue dos revolucionários de 93, agora tripudia sôbre a nossa pobre cidade desgraçada". Era com êle, sim, não havia dúvida. (Corria por todo o Estado a sua fama de degolador). Era com êle! Por isso a cidade tinha pegado fôgo ao saber da história. Êle quasi estourou de raiva ao ler o artigo. Enxergou vermelho. Pegou o revólver. Largou. Resmungou: Patife! Canalha! Depois ficou calmo. Botou a farda de general. Foi para a Intendência. Mandou chamar o Mendanha, diretor do jornal. O Mendanha veiu. Estava pálido. Era atrevido, mas covarde. Entrou de chapéu na mão, tremendo. Ficaram os dois sózinhos.

— Sente-se, canalha!

O Mendanha sentou. O general se levantou. Brilhavam os alamares dourados contra o negro do dólman. Tirou da gaveta da mesa a página do jornal que trazia o artigo. Caminhou para o adversário.

— Abra a bôca! — disse.

Mendanha abriu, sem dizer palavra. O general picou a página em pedacinhos, amassou-os todos numa roda e atochou a maçaroca na bôca do outro.

— Coma! — ordenou.

Os olhos de Mendanha estavam arregalados. O sangue lhe coloria o rosto.

— Coma! — sibilou o general.

Mendanha suplicava com o olhar. O ge-

neral encostou-lhe no feito o cano do revólver e disse com raiva mal contida:

— Coma, cafageste!

E o homem comeu.

Um avião passa roncando por cima da casa, que trepida. O general tem um sobressalto desagradável. A sombra do grande pássaro de aluminio se desenha lá embaixo no chão do jardim. O general faz para o ar um gesto de ameaça.

— Patifes! — murmura — Vagabundos, ordinários! Não têm que fazer? Vão pegar no cabo duma enxada, seus canalhas.

E fica olhando com ôlho hostil o avião amarelo que voa rente aos telhados da cidade.

No tempo dêle não havia dessas drogas, dessas malditas máquinas. Para que servem? Para matar gente. Para acordar quem dorme. Para gastar dinheiro. Para a guerra também. Guerras de poltrões, estas de hoje. Antigamente se brigava em campo aberto, peito contra peito, homem contra homem. Hoje se metem uns covardes nuns bichos dêsses que voam e lá de cima jogam bombas, traiçoeiramente, na infantaria.

O general remergulha no sonho.

93... Foi lindo. O Rio Grande cheirava a sangue. Quando se aproximava a hora do combate, o general ficava assanhado Tinha perto de cincoenta anos mas valia por um rapagão de vinte.

E por um instante o general se revê montado no seu tordilho, teso e glorioso, a espada chispando ao sol, o pala voando ao vento... Vejam só! Agora está aqui o caco velho, sem fôrça, sem serventia, esperando a todo instante a visita da morte.

Morte... Mentalmente o general vê uma garganta aberta, sangrando. Fecha os olhos e pensa naquela noite. Naquela noite que êle não esqueceu. Naquela noite que é uma recordação que o há de acompanhar de-certo até o outro mundo.

Os seus vanguardeiros voltaram para dizer que a fôrça revolucionária estava dormindo desprevenida. Si se fizesse um ataque rápido, ela seria apanhada de surpresa. O general deu um pulo. Chamou os oficiais. Traçou o plano. Cercariam o acampamento inimigo. Marchariam de rastros e a um sinal cairiam todos ao mesmo tempo sôbre a tropa adormecida. Acrescentou com energia: "Inimigo não se poupa. Ferro nêles!" Sorriu com o canto direito da bôca. (Como a gente se lembra dos mínimos detalhes...) Passou o indicador da mão direita pelo próprio pescoço, no simulacro duma operação familiar. Os oficiais sorriam. O ataque se fez. Foi uma tempestade. Não ficou nenhum revolucionario vivo para contar pros outros. Quando a madrugada raiou, a luz do dia novo caiu sôbre duzentos homens degolados. Os corvos voavam sôbre o acampamento. O general passou pelo meio dos mortos. Encontrou conhecidos. Antigos camaradas. Deu com a cabeça dum primo-irmão fincada no espêto que servira na tarde anterior para assar churrasco. Estremeceu. Mas uma frase soou-lhe na mente: "Inimigo não se poupa".

O general agora recorda... Remorso? Qual! Um homem é um homem e um gato é um bicho.

Lambe os lábios gretados. Sêde. Procura gritar:

— Petronilho!

A voz que lhe sai da garganta é tão remota e apagada que parece que vem lá de longe, de 93.

— Petronilho! Negro safado! Petronilho!

Começa a bater forte no chão com a bengala, frenético. A neta aparece á porta. Traz nas mãos duas agulhas vermelhas de tricô e um novelo de lã verde.

— Que é, vôvô? — pergunta ela.

— Morreu a gente desta casa? Ninguém atende. Canalhas! Onde está o Petronilho?

— Está lá fora, vovô.

— Êle não ganha pra cuidar de mim? Então? Chame êle!

— Não precisa ficar brabo, vovô. Que é que o senhor quer?

— Quero um copo dágua.

— Porque não toma suco de laranja?

— A'gua eu disse! — retruca ríspido o genral.

A neta suspira e sai. O general se entrega a pensamentos amargos. Deus negou-lhe filhos homens. Deu-lhe uma única filha mulher que morreu no dia em que dava a luz uma neta. Uma neta! Porque não um neto, um homem? Agora aí está a Juventina, metia o dia inteiro com tricôs e figurinos, casada com um bacharel que fala em sociana, metida o dia inteiro com tricôs e figurinos, que prega a igualdade. Há seis anos nasceu-lhe um filho. Homem, até que enfim! Mas está sendo mal educado. Ensinam-lhe boas maneiras. Transformam-no num maricas. Parece uma menina. Tem a pele tão delicada, tão macia, tão corada... Chiquinho... Não tem nada que lembre os Campolargos. Os Campolargos que brilharam na revolução de 93, na guerra do Paraguai e que ainda defenderam o govêrno em 23.

Um dia êle lhe perguntou:

— Chiquinho, você quer ser general como o vovô?

E o pequeno respondeu com voz de menina:

— Não. Eu quero ser doutor como o papai.

Canalhinha! Patifinho!

Petronilho entra trazendo um copo de suco de laranja.

— Eu disse água! — sibila o general.

O mulato encolhe os ombros.

— Mas eu digo suco de laranja.

— Eu quero água! Vá buscar água! Cafageste!

Petronilho responde sereno:

— Não vou, general de papelão.

O general escabuja de raiva, esgrime com a bengala procurando inutilmente atingir o criado. Agita-se todo num tremor desesperado.

— Canalha — diz arquejante. — Vou te dar umas chicotadas.

— Suco de laranja — cantarola o mulato.

— A'gua! Juventina! Negro patife! Cafageste!

Petronilho sorrí:

— Suco de laranja, seu capitão!

O general com um grito de fera ferida arremessa a bengala na direção do criado. Com um movimento de gato Petronilho quebra o corpo e foge ao golpe.

O general se entrega. Atira a cabeça para trás e fica, de braços caídos, a arquejar. A ronqueira continua.

Petronilho sorrí. Faz tres anos que assiste a esta agonia. Vê e goza. Veiu oferecer-se de propósito para cuitar do general. Pediu apenas casa, comida e roupa. Não quiz mais nada. Só tinha um desejo: ver os últimos dias da féra. Porque êle sabe que foi o general Chicuta Campolargo que mandou matar o seu pai. Oh! Êle era pequeno mas se lembra. Uma bala na cabeça. Os miolos escorrendo para o chão. Só porque o mulato velho na última eleição servira de cabo eleitoral para a oposição. O general chamou-o á Intendencia. Quiz esbofeteá-lo. Encontrou resistência. Foi desfeiteado. No outro dia...

Petronilho compreendeu tudo. Muito menino, pensou na vingança. Com o correr do tempo, esqueceu. Depois tudo melhorou. O general perdeu aos poucos o prestígio. Hoje os jornais já falam na "hiena que bebeu em 93 o sangue dos degolados". Ninguém dá mais importancia ao velho. Chegou-lhe aos ouvidos a notícia de que a féra agonizava. Então êle se apresentou como enfermeiro. Agora goza. Provoca. Desrespeita. E fica rindo... Pede a Deus que lhe permita ver o fim. O fim não tarda. E' questão de meses, de semanas, talvez até de dias... O diabo morre aos poucos. Passou o inverno metido na toca. Conversando com os seus defuntos. Gritando. Dizendo desaforos. Dando vozes de comando: Romper fôgo! Cessar fôgo! Acampar! E dizendo coisas esquisitas assim: "V. excia. precisa de ser re-eleito para glória de nosso invencível partido". Outras vezes olhava para o busto e berrava: "Inimigo não se poupa. Ferro nêles".

Mais sereno o general extende a mão, pedindo. Petronilho dá-lhe o copo de suco de laranja. Com mão trêmula o velho bebe.

Lambendo os lábios como si acabasse de saborear o seu prato predileto, o mulato vai para a cozinha pensar em novas perversidades.

O general olha os telhados de Jacarecanga. Tudo isto já lhe pertenceu... Aquí êle mandava e desmandava. Elegia sempre seus candidatos: derrubava urnas, anulava eleições. Conforme a sua conveniência condenava ou absolvia réus. Certa vez mandou dar uma sova num promotor público que não lhe obedeceu a ordem de "ser brando na acusação". Doutra feita correu a relho da cidade um juiz que teve o caradurismo de assumir ares de integridade.

O general fecha os olhos e sonha com a sua glória antiga.

Um grito de criança. O general baixa os olhos. Lá no jardim o bisneto brinca com os pedregulhos no chão. Seus cabelos louros estão incendiados de sol. O general contempla com tristeza e se perde em divagações...

Que será o mundo de amanhã, no tempo em que Chiquinho fôr homem feito? Mais aviões se cruzarão nos céus. E terá desaparecido o último "homem" da face da terra, Só restarão idiotas efeminados, criaturas que acreditarão na igualdade social, que não reconhecerão autoridade, que não se lembrarão mais do glorioso partido, nem dos feitos de seus antepassados, nem... Oh! Não vale a pena pensar no que será amanhã o mundo dos maricas, o mundo a que há de pertencer o Chiquinho, talvez o último dos Campolargos!

E, arquejante, se entrega de novo ao devaneio, adormentado pela carícia do sol.

De repente Chiquinho entra na sala correndo, muito vermelho.

— Vovô! Vovô!

Traz a mão erguida; seus olhos brilham.

HAÏ-KAIS

(Especial para "Esfera")

Barca

¡ De pie en su proa!:
El libro es una barca
que no zozobra

Prédica

¡ Al arte, hombres!:
La emoción es la vaina
de las pasiones

Fracaso

Te has suicidado
con el puñal de un sueño
no realizado.

ALVARO YUNQUE

Pára ao pé da poltrona do general. Ofega. Mostra...

— A largatixa, vovozinho...

O general inclina a cabeça. Uma largatixa verde se retorce na mãozinha delicada, manchada de sangue. O velho olha para o bisneto com ar interrogador. Alvorotado, o menino explica:

— Degolei a lagartixa, vovô!

No primeiro instante, o general perde a voz, no choque da surpresa. Depois murmura, comovido:

— Seu patife! Seu canalha! Degolou a lagartixa? Muito bem. Inimigo não se poupa. Seu patife!

E afaga a cabeça do bisneto com uma luz de esperança nos olhos diluidos.

(Especial para "Esfera")

A noite dissolve os homens

a PORTINARI

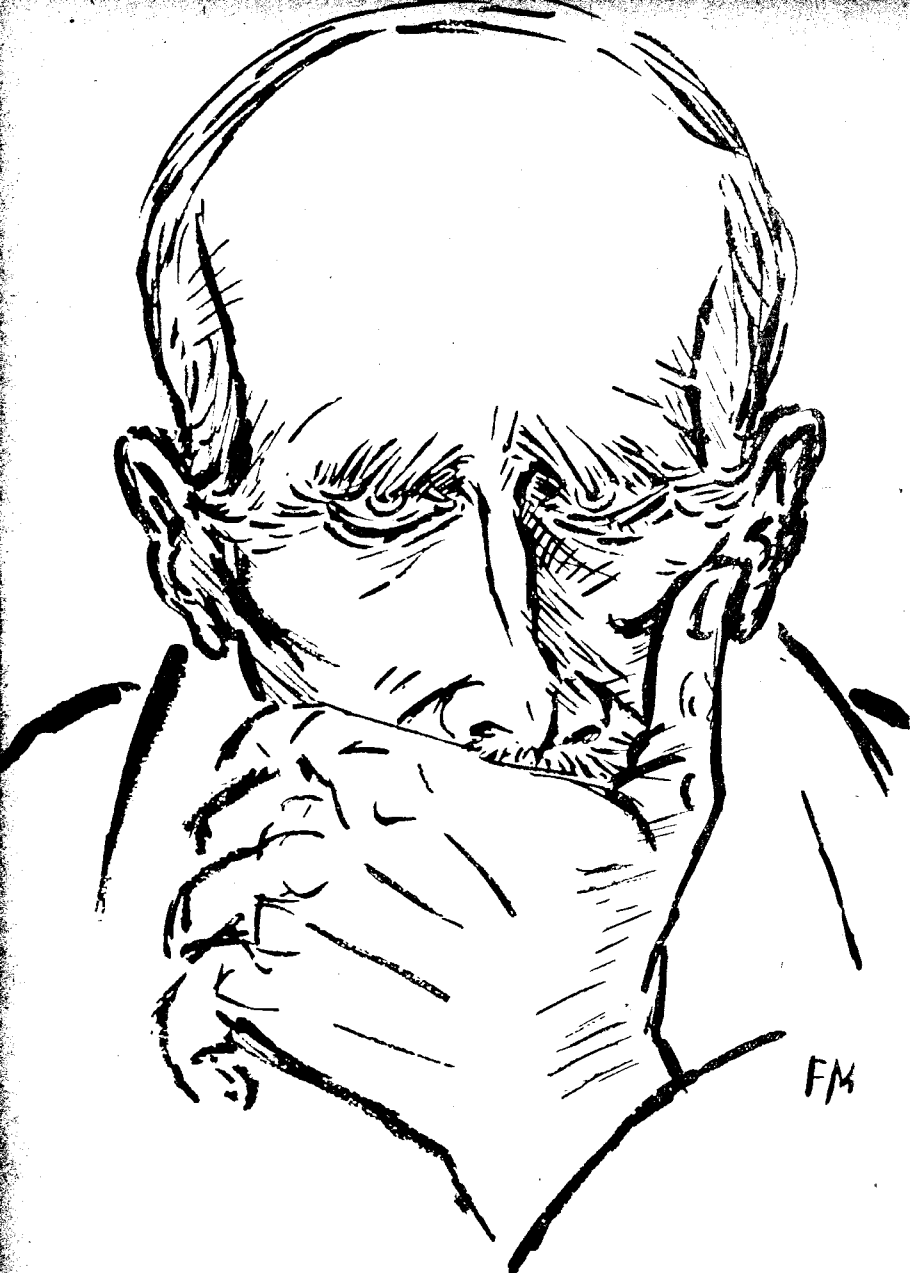
Carlos Drumond de Andrade

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caíu. Tremenda,
sem esperança... Os suspiros
acusam uma presença negra
que paraliza os guerreiros.
E o amor não abre um caminho
na noite. A noite é mortal,
completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens,
diz que é inutil sofrer,
a noite dissolve as pátrias,
apagou os almirantes
cintilantes! nas suas fardas,
a noite anoiteceu tudo...
o mundo não tem remédio...
os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véo de suspiros, queixas e humilhações
eu acredito que sobes, vapôr, róseo, expulsando a treva noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde e peremptório.

Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minhas carnes estremecem na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...
Havemos de amanhecer! O mundo
se tinge com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

(Inédito).

ROMAIN ROLLAND

ESENHOS DE FRANS MASEREEL

De "Clarté" (Paris)

Esquema para um ensaio sobre "A arte como criação livre e inalienavel"

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Criação e liberdade implicam-se: o artista, o filósofo, o homem de ciência, todos, para se submeterem ás fôrças do Espírito, têm de ser insubmissos perante quaisquer fôrças exteriores que aspirem a ditar-lhes o que só Aquêle pode saber se são ou não válidas. Liberdade é, bem o sei, uma palavra da qual se tem usado e abusado, por vezes com inteira inconsciência do seu valor sagrado. Isso não é porém razão que justifique o riscá-la do nosso vocabulário, pois que por ela se entende uma das determinantes essenciais da criação estética em especial, e da cultura em geral.

Jamais as tentativas de torsão da actividade estética criadora, por uma ingerência estranha, deram outro resultado que não fôsse o abastardamento da cultura, pelo silêncio imposto aos verdadeiro artistas e pela glorificação dos pseudo-artistas, sempre dispostos a torcerem-se em qualquer sentido por isso mesmo que são intelectualmente invertebrados e que a sua atitude é sempre a de obedecer: não importa que seja a uma estética em moda ou a qualquer sugestão que nada tenha a ver com a arte.

Contudo "o silêncio imposto aos verdadeiros artistas" não significa que a voz dêstes deixe de se ouvir, mas sim que não lhe sejam dadas, por um lado a possibilidade de dizerem tudo quanto têm a dizer, por outro as condições necessárias para que a sua obra exerça a função cultural a que o seu valor e significado as destinariam. Aqui ainda há contudo uma restrição a fazer, pois é sabido que uma obra, quando reúne as qualidades necessárias para isso, não deixa nunca de exercer a acção cultural que está na razão directa do seu valor — sómente não a exerce com a expansão que seria para desejar, pois quando se dão as condições apontadas a cultura aristocratiza-se, fica reservada áquêles que, graças á sua situação social ou económica, ou por ambas reunidas, estão em condições excepcionais para beneficiar dela.

Mas deixemos o problema da repercussão da arte e considerêmo-la apenas em si. No conjunto de interacções de tôda a ordem do qual resulta a fisionomia geral duma cultura, é inegável que se podem estabelecer numerosas, ou melhor, inumeráveis relações de causa-efeito, de determinante,determinado; e não se pense, generalizando apressadamente uma afirmação ainda imprecisa, que pretendo reclamar para a arte uma total **imunidade** no meio dêsse vai-vém de influências e de implicações. Pretendo sim — lembrando ao mesmo tempo que as suas criações são um dos aspectos mais próprios para verificar o carácter específico duma cultura — fazer observar que a arte, se formos a estabelecer uma hierarquia (que será aliás forçosamente arbitrária) das criações do espírito, ou se encontrará no cume, ou par a par com a religião e a metafísica, ou ainda imediatamente abaixo de ambas estas. E' claro que esta hierarquia figura aqui a título meramente exemplificativo, sem que qualquer das modalidades acima apontadas me pareça conter grande valor **real**, fecundo; o que me interessa é acentuar que a arte não está nunca **abaixo** de quaisquer **poderes** que não sejam os mais elevados **poderes** espirituais, se é que está **abaixo** de alguma coisa. Aliás tal noção de dependência, nesta altitude, não póde significar mais do que "integração numa maior amplitude", "alusão a um mais alto e longínquo vértice". Seja pois como for, a arte aparece-nos caracterizada por uma **qualidade** que a diferencia de tôdas as outras criações e formas de actividade do espírito.

Se a arte fôsse imitação, é bem compreensível que se lhe pudesse estabelecer um programa, moral, social ou político: com efeito, as noções de imitação e de formalismo co-existem a tal ponto que uma é natural complemento da outra, que o introduzir uma é preparar o indispensável sobrevir da outra. A imitação como princípio é a consagração implícita da "forma pela forma": quando se trata de imitar, a forma é o que importa, pois que o **princípio vivo** é dado anteriormente, pre-existe; e uma concepção da arte que parta dêste princípio póde aceitar indiferentemente qualquer maté-

ria-base, pois que porá a glória do artista na melhor realização possível dum programa que lhe é oferecido **a priori**.

Mas se considerarmos a arte como realização específica de determinada virtualidade humana, como realização de certos **valores** implícitos na noção de homem, é bem certo que temos de recusar abertamente a idea de que seja possível dar-lhe um curso que não seja harmónico com o da própria evolução humana. Ora a história da cultura inteira é suficiente para verificarmos que a arte é um dêsses farois que na treva do futuro apontam e anunciam uma luz que será o sol de todos, ou por outras palavras: que a arte está tão consubstancialmente ligada ao avanço do homem na conquista de sempre novos mundos, que os seus criadores anticipam sôbre o estado presente da evolução cultural, e como que estabelecem as novas dimensões do homem que vai nascer. Quero dizer: as grandes obras de arte excedem a capacidade para as entender da época em que nascem. Isto é porém mais do que aquilo que eu pretendia afirmar para o caso presente: para êste, basta a constatação de que a arte, ou lado a lado, á frente, está na razão directa da transformação do homem, dos sucessivos arrancos para uma sempre mais alta e completa expressão das virtualidades nêle contidas.

A arte é uma das formas superiores da cultura de cada povo e de cada época — eis uma afirmação banal. Mas quantos o tura, ou mesmo a tôdas as artes juntas, nada acham legítimo e o apregoam, que ao mesmo tempo querem estabelecer-lhe programas, traçar-lhe directrizes, fazê-la servir a esta ou áquela causa! Ora só na medida em que ela é uma das expressões da liberdade do artista resulta forma superior de cultura. Se é criação — e só na medida em que o for resulta expressão de alto significado dentro duma cultura — não pode ser senão livre. Livre significa: harmoniosa com o dinamismo criacionista sem o qual uma cultura é apenas refracção dum dinamismo que lhe é exterior, faltando-lhe portanto os elementos de autonomia essenciais para ser uma cultura viva. A integração do artista, que o é ainda potencialmente, nesse dinamismo que tornará fecundas e expansivas as suas possibilidades, parecerá a certos simplistas uma alienação da sua liberdade. Mas esquecer-se-ão de que não é o homem que no artista é livre. Ao homem **dentro** do qual nasce um artista, podemos considerá-lo sob dois pontss de vista, dos quais só um interessa para aqui: aquêle sob o qual nos aparece como devotado á expressão de certos valores, á realização duma certa mensagem. O que nos interessa aqui é a liberdade de que essa mensagem beneficia para nascer, é que o homem-artista esteja livre para se abrir a essa obra que lhe cumpre realizar. A liberdade de que falo é a que o impedirá de trair a voz qu edentro dêle procura manifestar-se. Liberdade não quere dizer arbitrariedade, abandôno ao acaso. Significa, sim, ser conforme com os dons que se possuem. Ora o homem não escolhe êsses dons, que são dados inatos da sua personalidade, e o que tem é de os desenvolver, a êles e não a quaisquer directrizes que não lhes sejam conformes. A liberdade do artista está pois em ser êle próprio, em consciencializar os seus dons, em desenvolver harmoniosamente a sua personalidade — em "não vender a alma ao diabo".

Se a arte fôsse uma "função de luxo", não seria difícil conceder a sua plasticidade perante a vontade refletida do homem. A teoria da arte como imitação já mencionada implica também a possibilidade de considerá-la luxo, exercício duma gratuitidade sem fundamento em qualquer necessidade profunda do homem. Mas é criação, brotar duma fôrça superior a qualquer determinação voluntária, a daí a impossibilidade de seguir caminhos outros que os que lhe são próprios. O facto de não sentirem todos os homens a sua necessidade, de os haver insensíveis á música, ou á poesia, ou á pinsignifica. Também a metafísica, também a religião não encontram o menor éco em inúmeros indivíduos, e isso não as impede de serem formas imperecíveis da actividade espiritual do homem. O Homem é aquilo que os homèns não são: entendemos, ao designá-lo ,a totalidade dos valores, das virtualidades, do que é e do que pode ser, que indivíduo algum concentrou jamais em maior ou menor grau, cada homem participa de parte dêsse património comum a todos, mas irregularmente subdividido. Mas é sempre possível que qualquer das múltiplas facetas do Homem se revele, aqui ou ali — onde e quando, é impossível determiná-lo: "O Espírito sopra onde quere" — com uma aparência de arbitrariedade para desconcertar todos os deterministas do planeta. Todos os valores, tudo aquilo pelo que o homem se mostra mais do que animal, tudo o que manifesta a presença do espírito, são bens inalienáveis, é o património comum — e deveria ser para os homens mais um laço, mais

uma base de harmonia, pois vem a ser o que por sua natureza não pertence nem a um só homem, nem a uma só casta, nem a um só povo. e sim a todos indistintamente, visto não pertencer a nenhum em particular na sua totalidade.

A existência de formas e de géneros literários, mas principalmente a daquilo a que se deu o nome de "forma", não contribuiu pouco para desviar os homens da verdade pelo que toca á evidência de a arte ser primordialmente criação. Com efeito, a idea de que o trabalho do artista está em **dar forma** a uma certa **matéria,** quer a tire de si própria quer a vá buscar á sua experiência ou ao panorama que a vida lhe oferece, dessa idea, já de si simplista e portanto contendo um gérmen de falsidade, passou-se fácilmente á de que o papel do artista está apenas nessa função de **dar forma.** A idea de forma tornou-se categoria do espírito, adquiriu independência, e pode dizer-se que **arte** e **forma** passaram a ser, práticamente, sinónimos. Estabeleceu-se assim que **criação** era trabalho puramente formal — e daí o aforismo: "a arte é uma longa paciência".

A idea de arte com sendo fundamentalmente forma não permite pois que se conceba nela a criação senão como estabelecimento de novas relações e combinações formais. Segundo ela, a outra criação não será artística mas de ideas; por exemplo, num poema **sôbre** o destino humano, só a idea que servir de base ao poema será criação (se o for, claro), mas criação não artística, e a arte consistirá em dar uma bela forma a essa idéa. Ora um artista pode dizer que pretende ou pretendeu traduzir sob forma artística determinada idea, a verdade é que, se é de facto um artista, não traduziu essa idea, porque a tê-lo feito o seu trabalho teria sido o dum artista, mas o dum artífice. Não há permuta da arte com qualquer outra forma de expressão; eis um ponto fundamental, e esquecê-lo impede-nos de entender os fenómenos da criação artística na sua estrutura profunda. Expliquemo-nos: há no Homem, e manifestam-se em alguns, certos dons inatos, anteriores a qualquer aprendizagem; êsses dons podem ser absolutamente intuítivos, manifestarem-se tais como surgem num espírito virgem de qualquer cultura; temos um exemplo, que escolho entre muitos, em cerots poetas líricos, como João de Deus; ou anda em certos **inspirados** (metafísico-religiosos). E — caso mais corrente — podem reclamar um trabalho de mina que é realizado pela cultura, no sentido mais lato desta expressão: contacto e penetração entre o mundo exterior e o interior. Para êstes, o dom em bruto não é senão um ponto de partida, e cuja primeira actividade consiste em impeli-los para a conquista da cultura, através da qual, ao contacto da qual, se descobrirão, e ás suas possibilidades de expressão. Ora êsses dons correspondem a valores, a "realidade psíquicas", a esferas do conhecimento diversas. Os dons que fazem de determinado indivíduo artista, místico ou metafísico, não os fazem indiferentemente uma coisa ou outra, embora possam encontrar-se reunidos no mesmo homem — mas neste caso, bem raro aliás, não são um único dom tendo várias faces, mas sim vários dons. Se fôssem vias diversas para traduzir, sob vários aspectos, um mesmo **fundo,** tais dons seriam um dom único, ou então êste consistiria no poder de o exprimir sob essas diversas formas... Ora dom e possibilidade de o exprimir reduzem-se, na sua essência, a uma coisa única, isto é: o dom não existe senão na medida em que é expresso, manifestado, não existe separado das criações a que dá lugar; o dom é a necessidade ao mesmo tempo que a satisfação desta, digamos, assim. O que caracteriza a arte sob êste ponto de vista é portanto ser, desde a mais densa nebulosa originária, até á realização a que chamamos, para simplificar, formal, um só e único **processus,** as fases encadeadas do mesmo jacto criador.

(Especial para ESFERA)

MATERIAIS
DE CONSTRUÇÕES

Telhas, manilhas, tijolos, areia, cal, cimento, ferro, tubos de cimento e barro refratario

LINO & CIA. LTDA.

124, RUA SANTO CRISTO, 124
End. Telegráfico **"Linocia"**

Telefones: 43-1144 - 43-5792
Rio de Janeiro

Clarina, a que morreu

(Inédito para "Esfera")

Joel Silveira

Quem levava os meus bilhetes era o pretinho Argemiro, pequeno e magro, empregado na padaria "Estrela Acesa", que ficava na esquina do outro lado, bem defronte da minha casa. Era ele tambem que voltava dali a minutos com a resposta de Clarina: me estendia um papelzinho dobrado, minusculo, boiando na palma da mão aberta, com insinuações espertas:

— O senhor brigou com ela?

— Brigar? Não.

— Nem uma brigasinha tola, uma brigasinha de nada?

— Que eu saiba não. Por que?

— Dona Clarina me recebeu com uma cara tão feia...

Eu abria o bilhete, nervoso, o coração aos pulos. Clarina, de fato, não estava nos seus bons dias. Fazia reclamações (eu não avisara que iria ao cinema) e era, ás vezes, perversa: "Como vamos de amores com Leticia? Estava ontem tão caído para ela..."

O meu primeiro impeto era o de rabiscar uma porção de desaforos, mandar pelo Argemiro, acabar com aquilo de uma vez. Esta era a vontade do coração. Mas a do cerebro, comedida e pacifista, acabava vencendo: lá se iam desculpas, carinhos, confissões, promessas.

⁂

De tarde Argemiro voltava, dentes abertos alumiando ao sol agonisante, todo um sorriso franco, feliz como se a felicidade minha e de Clarinda fosse sua tambem:

— Agora está melhorzinha. Chegou a me dar um niquel! Tambem estava tão linda... Um vestido cheio de flores, flores grandes. Não sei não, mas parece que é vestido novo.

— Vermelho?

— Todo branco. As flôres é que eram vermelhas.

— Umas flôres grandes, bem grandes?

— Bem grandes.

— Não é vestido novo, não. Já tem... Deixe vêr. E'. Já tem dois mezes. Foi o que ela fez para a inauguração da ponte.

⁂

Que eu amava Clarina, era fato indiscutivel. Amava-a. Que atestem as estrelas acordadas que foram cumplices e testemunhas dos meus primeiros e esquecidos poemas. Que diga o eucalipto comprido, retalho de paisagem no quadro invariavel e bucolico que a janela do meu quarto emoldurava. Que diga Argemiro, Argemiro que sentiu minhas tristezas, minhas alegrias, minhas aflições, meus desejos impossiveis — Argemiro que foi um pedaço daquele mundo, pequeno mundo sem limites. Dias morriam, morriam tardes, nasciam e morriam as noites. Varias luas brilharam no céu, milhares de estrelas. O "flamboyant", que na primavéra ensanguentava o verde das copas frondosas, floriu não sei quantas vezes. Mas era como se tudo houvesse parado ao meu redor. Clarina era a sinteze dos dias, das tardes e das noites. Só ela me parecia viva: cantava, sorria, entristecia, falava. Diante dos meus olhos o mundo havia tanto se estreitado que se resumira naquela figurinha leve, airosa, loira e branca, de voz muito branda e olhos muito claros. Por mais que eu estendesse a vista, outro horizonte não aparecia senão aquele: Clarina era aurora e ocaso, começo e fim.

⁂

Não sei se o leitor já se viu alguma vez envolvido e desnorteado — direi desnorteado — por emoção semelhante. Poucos são os espiritos que ainda acreditam no céu azul e se alegram com o nascer de uma flôr ou do sol. Eu mesmo não sei (tão longe vai o tempo da existencia daquele mundo!) se ainda sentirei, eu proprio, a alegria desses momentos puros e virgens. Não que o céu houvesse deixado de ser azul ou o sol e as flôres houvessem morrido de uma vez. O firmamento é mais limpo do que nunca e as petalas andam a reflorir por todos os bosques e canteiros do mundo. Eu é que mudei. Alguem cousa dentro de mim é que murchou.

⁂

Foi ainda Argemiro quem, numa tarde de chuva rala, me trouxe, na sua fala atropelada e meia confusa, o inicio do fim:

— Não vi dona Clarina.

— Não viu?

— Não. Mas a empregada me disse que

ela está bem doente. Com muita febre. O medico passou o dia lá.

— Deixou o bilhete?

— Deixei. Pedi a empregada para entregar. Ela gosta de mim, somos conhecidos velhos.

⁂

O bilhete não teve resposta. E no outro dia Argemiro veiu sem o riso e com uma notícia má:

— Dona Clarina piorou. Vão mandar ela pra fóra.

⁂

Foi uma noite triste, noite sem estrelas, sem lua, noite de sombras paradas e de piano ao longe, noite pesada e morta. Nada me disseram os quatro ou cinco livros que folheei, nem os poemas que reli, nada me disse o céu opaco e plumbeo. As horas passaram lentas, angustiosamente lentas, e o relogio da matriz era cruel em marca-las numa exatidão inexoravel. Aos meus ouvidos chorava a voz de Argemiro: "Dona Clarina piorou... Dona Clarina piorou..."

⁂

Levaram-na para Itabaiana, muito doente, num automovel cheio de almofadas. Não a vi mais. Mas Argemiro, que fôra avisado na vespera pela empregada, se postara na esquina e vira tudo: Dona Minerva chorava, chorava o irmão mais moço, choravam as tias velhas. O cachorrinho — Miosotis — gania desesperado, enroscando-se pelas pernas de um e de outro. E até Alzira, a preta sexagenaria que morava na casa, tinha os olhos gastos encharcados de lagrimas.

⁂

Foi ainda Argemiro que me trouxe a notícia:

— Eu não queria dizer. Emilia é que me obrigou.

— Piorou?

— Piorou muito, vinha sempre piorando. Quando foi ontem morreu.

— Morreu?!

— Morreu, enterrou-se lá mesmo. Deixou isto.

Estendeu-me um lenço alvo, muito pequeno, um minusculo lenço que tinha minhas iniciais bordadas em uma das pontas. Clarina gosatva de usa-lo quando vestia a farda da Escola Normal, deixando-o pender para fóra do bolso que o seio esquerdo arrebitava.

— Quem trouxe foi Emilia. Disse que ela morreu rindo, nem parecia que estava morrendo. Mandou ela tirar o lenço de debaixo do travesseiro, pedindo: "Entregue a ele". Foi de tarde. De noite morreu.

Guardei o lenço. As lágrimas, que há meses se acumulavam por detraz das pupilas, saltaram espontaneas e livres.

⁂

Ha dois anos que Clarina morreu. Aqui estou, cabeça apoiada nas mãos, livros esparsos na mesa, cigarro equilibrado nos labios mortos. Aqui estou eu a olhar a noite que vai lá fóra, a contar e recontar as estrelas, numa tentativa inutil de descobrir qualquer cousa nova e inedita no céu invariavel, no céu eterno. Passa o vento, dormem as arvores, alguem canta muito longe. Muitas noites já passaram, noites de cinza ou de prata. Varios ventos raivosos assoviaram nas persianas ou, mansos, acariciaram a minha face e as lombadas dos livros. E esta canção que ouço agora — bem o sinto! — é a mesma canção de outras noites, entristecida pela mesma voz conhecida.

Ha dois anos que Clarina morreu. O mundo, para mim, já não é aquele mundo estreito, aquele mundo que a figurinha leve enchia como uma perola numa ostra. Caíram as fronteiras. O mundo de agora é infinito. Infinito como as estrelas e como as sombras.

Este vento furioso que passa num redemoinho ou esta brisa leve que se arrasta preguiçosa, já não me trazem pensamentos bons, já não são os mesmos confidentes amigos de tempos atraz. Vem com eles a tristeza. A tristeza vem com o vento, vem com as vozes confusas, vem no latido do cão, vem no brilho da lua. E' certo que eu poderia fechar a janela: não aguardo a chegada de nenhum corvo. Mas que seriam de meus pobres livros, que seria do pequeno e sujo espelho pregado na parede, que seria da modesta e afanosa aranha que ha dias vem tecendo sua teia na bandeira da porta? Não. Que a noite entre! Que venha o vento! A brisa brincará com as folhas soltas em cima da mesa e assoviará, nas frinchas, a sua estranha canção. E a luz fará a teia de aranha brilhar como se fôsse tecida com fios de ouro.

Ha dois anos que Clarina morreu... Todos eles, os que vivem comigo, sabem que Clarina morreu, todos estão certos e convictos que Clarina morreu. Só eu é que procuro descobrir uma lembrança sua dentro da noite. E' bem possivel que Clarina ainda esteja viva. Ainda a verei num rastro de estrela. E, quando voltar a chuva, os pingos que caírem no anteparo de zinco ressucitarão a sua voz cristalina e amiga.

A poesia está viva

(Especial para "ESFERA")

Alvaro Moreyra

Foi num domingo. Ha dois anos. Dos domingos mais bonitos do mundo. Olavo Bilac poderia repetir:

"Núnca morrer num dia assim, de sol assim..."

Augusto Frederico Schmidt matou a poesia. A noticia partiu d'"O Jornal", correu pelas ruas, pôs a cidade triste.

— Será verdade ?

— Esse homem é capaz de tudo!

— O' !

Andava-se no Estado de Guerra. Para que duvidar?

Não saíram os vesperitnos. Segunda-feira, ninguem pensava mais no caso.

Depois, certas pessôas indiscretas descobriram que não tinha sido nada. Augusto Frederico Schmidt é assim desde pequeno. Mata muito. Sem consequencias peóres. Com a poesia até aconteceu que, assassinada naquele Dia do Senhor, cheio de luz, tomou um impeto maravilhoso.

Manuel Bandeira deu a "Estrela da Manhã". Emilio Moura mandou de Belo Horizonte o "Canto da Hóra Amarga". Um poeta estupendo se completou em Porto Alegre: Athos Damasceno Ferreira. De Porto Alegre tambem veiu o "Outôno" lindo de Reinaldo Moura. Manoel de Abreu, aqui, com as "Meditações", subiu ainda. Revelou-se Yolanda Jordão Breves. Ganhamos Adalgisa Nery. Julieta Barbara acendeu na fatigada Piratininga um clarão diferente. Na Baía, Carlos Chiacchio trocou por poesia simples todas as prosas. Junto de nós Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Augusto Meyer continuam de corpo e alma. O proprio Augusto Frederico Schmidt, apezar da vocação, não morreu.

E agóra mesmo, outras vózes clamam que a poesia está viva.

A de Paulo Correia Lopes, no Rio Grande do Sul:

"Irmão das aguas e dos ventos,
cruzo como um passaro a solidão dos mundos.
Nem a noite detem o meu passo nos abismos
e o meu grito nas alturas.
As estrêlas andam cheias do meu sangue
e os ventos, do meu sonho".

A de Oneyda Alvarenga, em São Paulo:

"Vontade de me diluir, de me fluidificar,
de entrar na essencia de todas as coisas,
de me perder aos pedaços por todos os caminhos.
pelos caminhos que vão dar a todas as vidas.
Loucura de viver mais, de viver tudo,
de viver completamente.
A minha vida só não basta para mim!
Eu quero ser o mundo!"

Em São Paulo, a de Rossine Camargo Guarnieri:

"Amigos, salvemos a vida
que a vida vae perecer!
Os homens já não entendem
as falas que vêm da terra,
os homens já não compreendem
as vózes que vêm do mar...
A vida diz: "E' preciso!"
os homens dizem: "Não é!"
E a vida luta, se cansa,
se arrebenta a forcejar,
e os homens, amigos, não deixam,
não deixam a vida passar...

Amigos, salvemos a vida
que a vida vae perecer!"

A de José Sampaio, em Sergipe:

"Como uma massa enorme dentro da noite os vivos se arrastam.
E vem de muito longe um rumor e se mistura conosco,
e vamos juntos chorando com as crianças Bascas.
Com o bater dos nossos peitos e o bater dos nossos passos,
somos como uma grossa poeira de estranhos rumores
que se levantasse do fundo da alma humana.

Mais uma hora a nossa palavra, o nosso grito e as nossas risadas
acendem luzes de côres ao longo, até o fim da vista,
como pequeninas feridas no coração da noite.

E nós que não temos ainda nem um dia no mundo,
perdemos, de olhos alegres, um tempo enorme, admirados
com a beleza multicôr das luzes cintilando na terra.
E quando vamos descansar, atormentados e doentes,
caímos como uma só cabeça arreada no chão.
E o chão sem alma abraça o nosso corpo
e acolhe o nosso sôno pequeno".

Deixem que viva o resto. Enquanto a poesia viver, o resto não tem importancia: — pormenóres... motivos... biombos...

Eu tenho pena é da Alemanha.

OLHAI OS
LIRIOS DO CAMPO

romance
de

ERICO
VERISSIMO

PORTO INSEGURO

Poemas
de

Rossine
Camargo Guarnieri

Uma figura da poesia popular búlgara

HRISTO BOTJOV

Kliment Iv. Kostov

(Colaboração esperanta)

Hristo Botjov, o nosso heroico e amado poeta, é daqueles cuja vida e obra se fundem no mesmo ritmo de essencia. Nele, a afirmação ética e o substractum poético agigantam-se paralelamente — servidas por uma beleza formal correspondente.

Comparada com a dos outros nossos poetas, da sua lira sobressai, uma forte tonalidade combativa — que se abandona e realiza inteiramente na agitação dos problemas populares — na tarefa de contribuir de maneira eficaz para uma existencia cada vez mais digna e humana.

Sem receio pode dar-se-lhe lugar na literatura mundial de todos os tempos, ao lado dum Puschin, dum Heine, dum Shiller, dum Petjofi, etc.

Estruturamente possue êle um profundo sentido do humano e aquele íntimo tato dum perfeito auto-dominio, que revela pelo repúdio da maledicência e da insídia Naturalmente polido e delicado — entendidos estes predicados no que encerram como virtude de conviver social.

E' por isso que só os que premeditadamente se propõem denegrir o valor da cooperação dos individuos com as massas e do papel destas no normal desenvolvimento histórico, econômico e cultural, lhe falseiam a pureza de intuitos e espontaneidades de gestos.

Pela sua vida e pela sua obra realizada, êle é sempre o mesmo que irradia como homem de exceção, — o que ama a todos sem exclusivismos dissolventes. Ao mesmo tempo vergasta os defeitos da sociedade do seu tempo, contra os quais se arma com o escalpelo do seu sarcasmo, — e é ainda neste mesmo impulso que êle se volta livremente á campanha da democratisação — revelando-se inteiramente com o seu sangue escaldante, a 2 de Julho de 1876 nas páginas imortais do "Vola" — livro que marca o esforço titanico da luta que empreendeu para um crescimento de justiça em favor do seu povo natal.

E' verdadeiramente surpreendente a maneira como ausculta os sofrimentos das massas populares — que o seu grandioso coração reflete atravez obras poderosas — frizantes duma notável individualidade. A sua poesia é a poesia das massas a quem os desencontros sociais corrompem e oprimem — porisso delas sobressai o grito daquelas — a ansia instintiva da libertação.

62 anos são volvidos sobre a sua ascenção aos Balcans, junto da cidade Vratca — e êle brilha ainda como o templo do mais rútilo clarão — dissolvido no subconciente das massas que continuamente se sobrepõem e edificam para a personalisação e para a vida. E tal ha-de perdurar no coração de todos os homens livres e superiores: dinamismos que se unificam para a defesa de tudo quanto simbolise prosperidade, progresso, — numa palavra: — cultura.

Dele morreu somente o efémero — o transitório desse individuo que se chamou Botjov, para ficar, aureolado de gloria e de, saudade o Botjov eterno — o mais digno intérprete da alma popular búlgara.

Dos seus cantos, atravez dos tempos, fica o "elan" — o estímulo á luta — á conquista da liberdade, — uma liberdade construção feita de solidariedade e de conviver social.

Que viva o grande combatente e amado poeta em cada um de nós — despertando os adormecidos e os indiferentes; — e como um esplendoroso prenúncio de victória nos inmpulsione sempre a lutar contra a estultícia do século, a maldade e o obcurantismo, para que dele renasça o amor — o equilíbrio do belo e do justo, a prosperidade para todos os homens sobre o mundo.

Bulgária — (Especial para "Esfera")

COELHO NETO pisou sobre tesouros

EMIL FARHAT

Uma velha tése ainda em discussão: si todos os homens de talento são inteligentes. Há certos "fenomenos" humanos no Brasil, de cujas atitudes muito se póde duvidar. Alguem já contestou a inteligencia do velho Ruy, um sabichão danado, saíndo pelo interior em campanha política, falando para o povo em lingua que não era do povo. E doutrinando política, onde os campos politicos já se achavam divididos pelos latifundios do coronelismo. O talento de Ruy ficou como um portentoso fogo de artifício, assombrando as gentes, mas sem calor humano para contaminá-las. Vale dizer que o mais culto dos mestres não sabia ensinar. Pômo-nos a imaginar quanto lucraria o espírito brasileiro, o espírito popular, si Ruy tivesse vulgarisado em linguagem comum e acessivel tudo o que discursou sobre as grandes conquistas humanas: a liberdade e a democracia. Disse Alvaro Moreyra: "Ruy pairava acima das multidões, deslumbrando-as. Mas, não penetrava nelas".

Outra figura que teve gloria e fama: Coelho Neto. Mas, já parece tão distante a passagem desse "ateniense" pelo mundo brasileiro. Passagem de raspão. E' triste comprovar que uma tão respeitavel figura de intelectual esteja quasi totalmente esquecida. Não se acuse o espírito popular. Não se fale em ingratidão. Infelizmente, o povo quasi nada tem a agradecer ao artista Coelho Neto. Numa bagagem literária tão grande, revelou-se muito pouco brasileiro. Em raros livros falou da gente destas bandas. Atenas atráia o "ateniense". Quando ele olhava o Brasil, só a paisagem da natureza vegetal o interessava. O homem era pobre, estropiado, primitivo. Despresava-o o artista, que não queria lidar com material tão miseravel. Nesse país, tão rico de têmas para romances humanos e eternos, o respeitavel Coelho Neto ficou em obras leves, de filigranas. Um ou outro livro, de prosa aliás dificultosa e cheia de purismos paleolíticos, mostrando tipos viventes no Brasil. Assim é "Conquista". Assim "Fogo fátuo". E talvez algum outro. O resto, dezenas e dezenas, são obras do tipo "arte pela arte".

Podemos tornar a dizer que Coelho Neto morreu há duzentos anos. Apezar de todos os seus defeitos, o povo continúa sendo o grande juiz. O juiz inexoravel que fala em nome da História e dos tempos vindouros. E que pronuncia sentenças inapelaveis como o esquecimento e o desprezo. A elite intelectual, que deve ensinar o povo a saber querer, tem de aceitar, porém, os pronunciamentos da preferencia popular. Porque o povo pode ser cégo, mas tem, como os cegos, as forças invisiveis do instinto a guiarem-no. E' por isso que evita os trilhos complicados do escritor rebuscado. Este, por sua vez, recebe o castigo de ter se desviado da caminhada social da sua gente. Suas obras cumprem agora a pena de morte do empoeiramento nas estantes dos bibliófilos. Seus livros se fecharam quando dobrou-se a última página da vida do literato. Desapareceu a vitalidade fisica e morrem tambem os écos derradeiros de uma fama que foi justa no seu tempo.

Há vinte anos atraz, ninguem dos circulos literarios acreditaria que se fosse falar hoje da gloria de Coelho Neto para lamentar que a ela se pudesse aplicar o titulo do seu "Fogo Fátuo"...

No dominio inteletual, são os sinos das gerações porvindouras que dobram a finados ás expressões mentais que foram glórias nas gerações passadas. Aquêle homem que escrevia difícil e era ateniense tornou-se desentendido do povo que é simples e brasileiro.

Que tentacular inibição teria manietado continuamente a inteligência do talentoso Coelho Neto, impedindo-o de sentir com os sofrimentos e de falar com as palavras do seu povo?

Chegamos a essa conclusão desconcertante: a inteligencia, a percepção e o bom senso eram afogados em Coelho Neto pelo seu difuso e prolixo talento literário. Que cegueira foi essa que o impediu de ver os grandes dramas da sua gente? Que faltou a esse artista soberbo para faze-lo perder as ricas paisagens humanas e sociais que novos talentos vieram inteligentemente descobrir em sua terra?

Coelho Neto pisou sobre tesouros. Os cascalhos humanos não o interessavam. Ele se deixou fascinar pelas pedrarias que brilhavam longe, além dos mares e dos tempos, em outras terras e outros séculos.

(Especial para "Esfera")

um homem entre frases

ENEIDA

Não havia paisagem que afetasse aquêle enorme silêncio exterior. Um frio agudo penetrava atravez daquelas roupas surradas, com as malhas gastas e esparramadas. Frio insistente que parecia vir de mundos diferentes e distantes. Aquele frio não era natural. A estação combinava apenas para aumentar a sensação gelada. E, no entretanto, dentro dele, homem magro de longas pernas exaustas, havia uma agitação que se não comovia com paisagens, nem era tocada pelo clima.

Queria fugir de olhar para sua vida, mas era impossivel, porque para isso seria necessario liquidar com as visceras. O estômago, despoticamente, exigia. O vasio reclamando coisas para encher aumentava sua necessidade de olhar mesmo, de procurar tudo, de resolver. Porque o caso era este: solucionar. Impossivel não surgir uma solução, êle que vivia constantemente resolvendo, êle que adquirira a conciência de que as soluções dever vir de toda análise, que há sempre maneiras de realizar, que as realizações se impõem.

Havia nêle, nítida, a conciência de que era um homem capaz. Sabia trabalhar e nunca temera responsabilidade individual. Possuia mesmo um título, conquistado dificilmente, ás custas do irmão mais velho que se matara para satisfazer-lhe aquela enorme ansia de saber. Fizera um curso conciênte, meditado. Desde menino devorara livros e só mais tarde quando começara a amadurecer, é que arrumára suas leituras, equilibrando-as. Mas o título salvara-o apenas de continuar vivendo como o resto da família. Fugira da fábrica apavorado com o que assistia diariamente em casa, tôda uma família acorrentada a casarões imundos, com chaminés negras, apitos, páteos. Desde cêdo resolvera não caír naquela vida que punha olheiras fundas nos olhos das irmãs e encurvara o pai. As mãos pesadas, duras — tão duras — do velho gritavam-lhe, constantemente que aquela vida não era vida. Era preciso viver diferente. Ser *alguem*. O pai ficára coisa. As irmãs eram coisas, se bem que, coitadas, fizessem planos de vestidos amarelos, porque a moda era amarelo, sonhando com homens que, casando, as libertariam daquela prisão. E namoravam companheiros de trabalho, homens sujos de graxa, que casando, precisariam naturalmente que elas continuassem no trabalho a que se haviam dedicado desde pequenas. Ficaram moças assim. Envelheceriam alí mesmo. Só o cinemazinho de suburbio e os aniversarios de amiguinhas punham notas diferentes naquelas vidas iguais, todo-dia.

Pensara ser possivel romper com tudo aquilo, ir além, brilhar, ter e dar conforto, viver, gastar. Pensara quebrar, saltar, crescer, resolver a situação da família. Dar. E no entretanto continuava alí, na casa onde apenas a mãe alquebrada lavava, cosinhava, cerzia e velava, de olhos abertos, pelas vidas de todos êles, um a um, todos juntos. Continuava porque, quando quís partir, crescer, sentiu-se preso á sua gente, á sua casa, aos sentimentos de onde viera. Vozes internas o prendiam. Impossivel sua venda. Não aceitava o papel mercadoria que agora aparecia, juntamente com o canudo, guardando o pergaminho. Era então necessario não pensar? Seria preciso não raciocinar? Porque sacudir a cabeça, dizer sim, sim, constantemente sim, se vozes internas, de cérebro, queriam discutir, negar, sobretudo protestar. Lá estavam as mãos do pai. Lá estavam as olheiras das irmãs. Mãos de pais. Olheiras de irmãs.

Quando mocinho copiara pensamentos de grandes homens em um livro que agora possuia a capa riscada, suja, com o ar cansados dos livros muito acariciados. Pensamentos que encontrava em leituras e que refletiam de tal maneira seu interior, seus próprios pensamentos, que nem precisava caprichar na letra. Os entenderia mesmo mal passados, mesmo mal traduzidos. Traduzia, para sentí-los mais seus. Estendeu a mão e procurou um, de Goethe: "pude, durante meses, sofrer e calar-me como um cão, mas mantive sempre minhas finalidades. Quando cheguei finalmente á execução, dediquei-me inteiramente, com tôdas as minhas fôrças, acontecesse o que acontecesse. Estra-

Nós acendemos as nossas estrelas!

JOSE' SAMPAIO

Como uma massa informe dentro da noite os vivos se arrastam.
E vem de muito longe um rumor e se mistura conosco,
E vamos juntos chorando com as crianças Bascas
Com o bater dos nosos peitos e o bater dos nossos passos,
Somos como uma grossa poeira de extranhos rumores
Que se levantasse do fundo da alma humana.

Mas uma hora a nossa palavra, o noso grito e as nossas risadas
Acendem luzes de côres ao longe, até o fim da vista
Como pequeninas feridas de oiro no coração da noite.

E nós que não temos ainda nem um dia no mundo
Perdemos, de olhos alégres, um tempo enorme admirados
Com a beleza multicor das luzes cintilando na terra.

E quando vamos descançar, atormentados e doentes,
Caímos como uma só cabeça arreada no chão.
E o chão sem alma abraça o nosso corpo
E acolhe o nosso sono pequeno.

(Especial para "ESFERA")

çalharam-me! E quasi sempre pelos meus mais nobres atos. Mas as canalhices nunca me atingiram." Sentiu que "canalhice" era sua porque puzera entre parentesis (criailleries). Devia ser canalhice e negou-se a procurar no dicionário.

Manter sempre sua finalidade. Finalidade.

As mãos pesadas, o ar curvo, os passos arrastados do pai. As olheiras fundas, os desejos pequeninos e nunca realizados das irmãs. O título "dr." guardado num canudo. Ter opinião e por isso mesmo não ter com o que viver. Desemprego. Frio que não era natural. Visceras reclamando, Ansia de fugir e vozes internas prendendo-o. Conciência de capacidade. Frase de Goethe e outras. Conhecimentos de leituras e de experiências. E o tumulto, tudo se unindo,tudo querendo explodir, agitando o homem magro de longas pernas exaustas. Necessidade de solucionar. Orgulho de ser aquilo mesmo, de manter a cabeça erguida, de não ser mercadoria, caminhar, vencer, crescer, protestar. A solução era essa mesma. Manter sua finalidade.

O frio não era natural.

(Especial para "Esfera")

Irmãos, meus irmãos

(especial para Esfera)

Henriqueta Lisbôa

Estou convosco, Irmãos, á hora das lágrimas,
á hora em que tombam os ídolos que inutilmente adorastes,
e se apagam as luzes que acendestes de mãos trêmulas.

Estive convosco, Irmãos, á hora em que lançastes na terra a semente,
á hora em que procurastes fixar na retina a miragem (a miragem!)
e de joelhos agradecestes o que ainda não tinheis recebido.

Estarei convosco, Irmãos, á hora do triunfo,
quando vos sentirdes aliviados de tôdas as algemas,
quando pairar sobre tôda miséria o anjo da consolação
e o universo fôr consumido pelas labaredas do fogo sagrado.

Irmãos, meus Irmãos, estou sempre convosco,
sou uma de vós, reconhecei-me,
talvez a mais dócil e terna ovelha esquecida no aprisco,
talvez aquela a quem o orgulho desgarrara da estrada real.

Ah! não me credes porque meus soluços não se confundem com os vossos,
porque não recebo o frio noturno pelos desvãos de vossas choupanas,
porque nunca me embriago com o vosso vinho,
nem de louros vos cingirei a fronte no dia em que fordes chamados gloriosos.

Vejo-vos em multidão compacta,
ouço as vossas vozes em côro,
sinto o pulsar das vossas arterias no mesmo ritmo fatigado e eterno do oceano.

Estais todos unidos num bloco de mármore prodigioso,
e a vossa respiração sobe e desce aos meus ouvidos
semelhante a das vagas sob o silêncio inenarrável dos astros.

Mas não me vedes nem me ouvis:
quando tentei seguir-vos veio da montanha um espesso nevoeiro,
sinto-me na solidão com um cego em meio ás trevas que não buscou,
sou como o náufrago segregado do mundo na ilha desconhecida, além.

Recebei, Irmãos, a minha mensagem,
e ainda que não puderdes jamais distinguir o meu vulto apagado nos longes,
chegue até vós o calor das minhas palavras e dos meus suspiros
quando a aragem do crepúsculo soprar da grande, misteriosa floresta.

Dir-se-ia que nunca nos encontraremos face a face:
é a emoção de comunicar-me convosco do exílio,
de imaginar que a minha cabeça pudera repousar algum dia no vosso peito,
que meu nome perpassa ás vezes á flor dos vossos lábios em prece!...

Irmãos, meus Irmãos, guardai a minha lembrança como a de um beijo apenas pressentido:
nada mais sei dizer-vos
senão que a todos vos amo
com esse infinito amor com que o Pai nos amou.

O SENTIDO NACIONALISTA DA OBRA DE CARLOS GOMES

Waldemar de Oliveira

A' passagem de mais um aniversario da morte de Carlos Gomes, estranho me parece que, aos seus biografos, sempre preocupados em exaltar-lhe o valor musical, tenha escapado o sentido nacionalista de sua obra, vinculada, é certo, na sua forma, aos canones da escola italiana, mas, integrada profundamente, em sua essencia, ás fontes mais puras do nacionalismo brasileiro. Entre os grandes homens do nosso pais — Osorio ou Rui, duque de Caxias ou Rio Branco — Carlos Gomes permanece como o mais patriota, aquele que mais entranhadamente o amou, numa obsessão de todos os instantes através de uma longa vida de gloria e de tragedia.

Esse sentido nacionalista da obra de Carlos Gomes tem escapado inteiramente aos seus biografos. Sobretudo, ainda não apareceu, entre nós, quem se detivesse a estudar a sua filiação, ao lado de Gonçalves Dias e José de Alecar, á fase pre-romantica da nossa vida mental, que se convencionou chamar o indianismo.

Interessantissimo seria, com efeito, esse estudo.

A vida de Carlos Gomes se destaca não só como revelação de uma opulenta genialidade como tambem por constituir o canto de anunciação da Nova America aos ouvidos da desdenhosa Europa.

O Brasil era, então, um ilustre desconhecido á mesa dos banquetes do Velho Mundo. Vê-se entrar um homem estranho: tem um fulgor misterioso no olhar, uma face como talhada em aço, uma boca voluntariosa e uma cabeleira cheia e ondulada. Era Carlos Gomes, "dalla testa de leone". E esse estranho personagem, que parece entrar nos sodalicios da arte pela mão obediente dos diplomatas, entra, realmente, pelo merito real de sua personalidade, a que daí a pouco terão de curvar-se ás figuras exponenciais da arte Europeia. Perde-se de inicio um pouco em escrever pequenas coisas, partituras ligeiras que levam todavia o seu nome aos cartazes das ruas e ao coração do povo. Intacta, porém, está a sua aspiração de revelar-se em obra de folego, capaz de rasgar aos olhos do publico italiano os imensos horizontes da sua inspiração. A verdade é que ele pensa mais no Brasil do que em si. O seu primeiro grande t r a b a l h o é uma m a r a v i l h o s a demonstração de patriotismo. Disse-o Pedro Calmon, quando escreveu: "Ele incluiu o indio patricio entre as figuras simbolicas do genero humano. Deu a mão ao agil guaraní para que galgasse, com um salto de onça, o tablado do Scala, de Milão, onde o esperavam, espantados e benevolentes, os loiros Nibelunge, as Walkirias aereas, os italianos de Meyerbeer e Verdi, todos os expoentes do drama universal. Pela primeira vez, graças ao heroico patriotismo do maestro de Campinas — o cocar tupy, sacudido pelas maravilhosas vibrações de uma protofonia tropical ,resplandeceu á luz das gambiarras, espiados dos seus camarotes doirados pelos reis da terra. Foi uma entrada triunfal de Perí, com o couro de jaguar enlaçando o dorso robusto no cenario da arte sem patria".

A escolha do "O Guarani", como libreto a musicar, obedecia, assim, a um designio superior. O mercador que oferecia a Carlos Gomes, numa praça de Milão, o romance de Alencar, trazia-lhe a oportunidade procurada de um assunto entranhadamente brasileiro em que ele pudesse cantar o edslumbramento das selvas do seu país e fixar algumas das caracteristicas das duas raças que mais influiram na formação da nossa nacionalidade, Carlos Gomes trouxera para a Italia o espirito embebido do romantismo exaltado na contemplação da terra. Gonçalves Dias gotejara-lhe, na alma sensivel, a mística da natureza brasileira, através da "Canção do Tamoyo" e do "Y-Juca Pirama". E Alencar vinha completar no seu espirito coberto de saudade essa noção do largo panorama americano onde o indio e o povoador se entremeavam em guerrilhas interminaveis pela conquista de um palmo de terra. O autor de "Pedra d'armas" explicaria melhor as razões da preferencia de Carlos Gomes por esse poema orquestral de Alencar: "A nossa Meia Idade é o vasto mistério da madrugada equinocial: no continente sem historia, a elaboração simultanea de um paraiso e de uma humanidade, surpreendidos antes do tempo pela curiosidade dos navegantes de Portugal. Durante o periodo colonial, as nossas tradições foram lusitanas, a nossa inspiração europeia, as nossas imagens literarias de lá trazidas, com o povoador e a sua cultura. Feita a Independencia, procuramos aflitamente uma diferenciação emotiva, e na furia de encontrar um antepassado, bem do lado de cá, desenterramos de suas humildes sepulturas do deserto os nativos há tres seculos trucidados e agitamos o

seu espectro nacionalista como um estandarte de luta. Fenomeno geral na America, de resgate da memoria do indio como afirmação da patria, sobretudo de culto do tuchaua bravio em provocação ás forças exteriores que o venceram, inspirou aqui tres ou quatro gerações de bardos e romancistas, de pintores e escultores, de eruditos, estadistas e tribunos. Foi nesse ambiente que Carlos Gomes reuniu todos os ruidos da natureza e os traduziu em eterna linguagem lírica, transportando para as pautas de uma partitura, a iluminação de um teatro e o deslumbramento de todos os homens, a paixão nobre do bugre, a sinfonia das nossas primaveras e o milagre sonoro da selva brasileira.

A quem se detiver no exame das influencias que agiram sobre o espirito criador de Carlos Gomes, fazendo trabalho de minucia e dissecação, não poderá escapar aquela que teria exercido a leitura repetida do "O Guaraní" de José de Alencar, empolgando-o de sagrado amor pela terra distante e transmitindo-lhe, através do estilo opulento e derramado, o sentido cósmico da terra brasileira e o deslumbramento das suas maravilhas naturais.

Como poderia Carlos Gomes, realmente, permanecer impassivel a uma obra que sintonizava profundamente com o seu espirito, tomado ,ele tambem, por uma obsessiva admiração pela terra, admiração que se exaltava na distancia-elemento com que não contavam Gonçalves Dias e José de Alencar, ambos vivendo a sua vida bem dentro da terra onde "o ambiente domina o homem, a noção do espaço é mais sensivel que a do tempo"? Como poderia Carlos Gomes fugir ao sortilegio dessa "voz assim, a de José de Alencar, uma tal energia, um tal poder descritivo, sem enfase, sem recursos de retórica, suave e temeroso com a propria natureza omnimoda e fecunda"?

Se assim escrevia Ronald, Agripino Grieco ajuntava: "Alencar tem a poesia, o entusiasmo dos adolescentes e das raparigas enamoradas e, com ou sem musica de Carlos Gomes, vale em si mesmo, na mais deliciosa musica, na mais rica pintura de silabas com que um homem de prosa e um homem de tinteiro envergonhou os nossos alinhadores de estrofes e os nossos manejadores de pincel..."

De qualquer maneira, Carlos Gomes teria de achar com a leitura do romance alencariano que "tudo isso tinha o cheiro e o gosto do nosso Brasil".

O nosso nacionalismo, por aquela época, alagava-se da exaltação do indio dono da terra e integrava-se, assim, visceralmente, no primitivismo da terra e da gente. Era natural que, por primogenitura artistica, Carlos Gomes se deixasse penetrar do sentido racial do romance de Alencar e com ele se inclinasse a ouvir as vozes profundas da terra e a humana queixa dos incolas selvagens. O indianismo de Carlos Gomes foi, deste modo, uma expressão real de nacionalismo e, embora passageiro, efemero pelas proprias exigencias da criação musical, fixou um momento alto da nossa literatura e forjou no seu espirito uma concordancia mais intensa com os anseios da afirmação da terra do seu berço.

No seculo que o viu nascer, enfileiram-se, portanto, quatro nomes solidários no mesmo amor ao Brasil: Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves e Carlos Gomes. Sobre o primeiro escreveu Ronald de Carvalho, algumas palavras que podem ser endereçadas a Carlos Gomes: "Foi ele, sem duvida, a primeira voz definitiva da nossa poesia, aquele que nos integrou na propria consciencia nacional, que nos deu a oportunidade venturosa de olharmos, rosto a rosto, nossos cenarios fisicos e morais. Nesse homem pouco vulgar, palpita com inegualavel intensidade a luz dos nossos horizontes, a limpidez dos nossos céus e o sonoro fragor dos nossos rumorosos rios". De José de Alencar, Carlos Gomes imitou a eloquencia do estilo descritivo que ele passaria ao pentagrama tocado de todos os "tons asperos e claros de vida barbara" que assinalam as nossas epopeias selvagens. De Castro Alves teve ele, nas suas grandes operas, a veemencia e o brilho das apostrofes musicais, principalmente nas paginas do "O Escravo", onde mais forte transparece a influencia das "Vozes d'Africa" e do "Navio Negreiro". Carlos Gomes se tornou, assim, um ilustrador sonoro de romancistas e poetas, daqueles que mais profundamente se possuiram da realidade brasileira e, com os seus motivos e os seus ritmos, entreteceram a trama dos seus enredos e das suas estrofes. Todas as vozes dos nossos sentimentos e essa outra misteriósa e ignota de nossa terra palpitam nas suas partituras, ora em transbordamentos de ternura, ora em arroubos de colera, ora em tonalidades cruas de tragedia. Só em Wagner e nos autores russos, um tão claro sentimento nacionalista interfere no curso da pena do compositor. Carlos Gomes desdenha, na mesma Italia que espiritualmente o perfilha, os motivos atrás dos quais Verdi caminharia leguas, desenraizando de sua patria entre os enredos de alcova de Dumas e as intrigas do palacio real de Memphis. E volta-se para os seus libretistas, entre os quais o Visconde de Taunay, suplicando-lhes entrechos brasileiros, coisas que falem do Brasil e da America, cenários onde a sua imaginação de tropical possa bater as grandes asas e alçar vôo para o infinito. Depois de "O Guaraní", ele aceita o libreto que Taunay lhe manda sobre formosa lenda colonial em que figuram Moema, Paraguassu' e Caramuru'. A opera iniciada, ficou inconcluida. Carlos Gomes insiste num novo libreto. Manda-lhe Taunay o do "Escravo", do qual ele faz a obra admiravel que, com "Fosca", eleva definitivamente o seu nome no estrangeiro. Esposando, por duas ou tres vezes, assuntos distantes da realidade brasileira — e sabe Deus por que contingências dolorosas! — Carlos Gomes passa a falar com o máximo entusiasmo na sua nova opera "America", que finalmente se perde na confusão dos seus papeis, talvez aproveitados alguns dos seus trechos, como opina Roberto Seidl, na feitura de "Colombo". Desta maneira o "O Guaraní", "O Escravo" e "Colombo" constituem o triptico em que Carlos Gomes canta o indio, o africano e o europeu, tres raças que argamassaram os alicerces de sua patria e de que ele soube retratar as caracteristicas primaciais em tonalidades fortes de epopeia.

Está para aparecer o biógrafo de Carlos Gomes que o estude sob o angulo das suas preocupações patroticas e que lhe dê o seu verdadeiro lugar entre aqueles que, na literatura, na poesia e nas artes, expressaram no seculo XIX as tendencias espirituais do Brasil e fixaram os rumos do seu destino historico.

(Especial para "ESFERA")

Fundamentos econômicos da literatura brasileira

Peregrino Junior

Houve tempo, e não vai longe, em que no Brasil os homens de letras viviam no clima do mais completo esteticismo. Pura arte pela arte. O escritor fazia questão de ignorar tudo o que passava alem das fronteiras da sua literatura. E orgulhava-se dessa ignorancia. Porque acreditava que no plano da cultura havia compartimentos estanques... Felizmente esse tempo passou e a orientação geral do nosso espírito modificou-se radicalmente. Os homens de letras compreenderam afinal que o fenomeno literario não era um acidente isolado no ritmo do pensamento humano, e passaram a estudar e investigar todos os aspectos economicos, sociais, políticos e cientificos, que o integravam e complicavam. A literatura deixou assim de ser um lago perdido no deserto, para ser o estuario largo e generoso onde se encontram e misturam aguas de muitas fontes... Alargou-se e aprofundou-se destarte a missão do escritor. E esta nova orientação, tão sensivel nas nossas obras de sociologia e crítica, como até nas de ficção, deu á literatura brasileira um sentido diferente, mais sério e mais universal.

E o que caracteriza este momento, na literatura brasileira, é uma certa preocupação de introspecção nacional. Um grupo de escritores trouxe para as letras nacionais, nos ultimos tempos, uma aguda curiosidade histórica, um lucido espírito crítico, o amor da pesquiza dos problemas sociais e economicos. Tudo isso tem levado a joven literatura brasileira para rumos inteiramente novos, não só no terreno propriamente da sociologia, como tambem no do romance e da crítica literaria. E é essa nova tendencia de introspecção social que explica o aparecimento de livros surpreendentes e notaveis como "Historia da Literatura Brasileira" do sr. Nelson Werneck Sodré! Nós tinhamos tido, até agora, tres ou quatro historias da literatura brasileira: a de Silvio Romero, a de José Verissimo, a de Ronald de Carvalha, a de Artur Mota. Em verdade, nenhuma diferenciação fundamental havia entre elas. Apenas os quilates literarios é que as distinguiam umas das outras: a de Silvio Romero mais vibrante e apaixonada; a de José Verissimo honesta e cacete; a de Artur Mota massuda e prolixa; a de Ronald concisa, clara, bem arrumada. Quasi todos eles, em última análise, se ressentiam de um defeito bem brasileiro: certa falta de espírito crítico. Sobre a nossa formação histórica e literária, como sobre os vultos mais importantes das nossas letras — todos esses historiadores tiveram sempre opiniões mais ou menos identicas. Os seus juizos eram bem comportados, sisudos, disciplinados: filhos-família da opinião tradicional. Até os tipos estudados eram sempre, invariavemente, os mesmos. E' claro que estavamos precisando de uma urgente revisão de valores e categorias literarias. E precisando sobre tudo de encarar a nossa historia cultural de um angulo mais novo e interessante — discernindo fatos e pessoas, demarcando fronteiras, estabelecendo referencias uteis.

O sr. Nelson Werneck Sodré fez afinal o livro de que estavamos precisando. Espírito inquieto, lúcido, dotado de boa cultura geral, o critico do "Correio Paulistano" procurou interpretar a nossa historia literaria á luz dos fátos economicos. E realizou um livro notavel pela erudição, pela clareza, pela acuidade. Inteiramente diferente de todos os historiadores da nossa literatura, o sr. Nelson Werneck Sodré divergiu deles até na escolha dos nomes que estudou como padrões. A seleção dos nomes citados na "Historia" dêste crítico, equivale a um depoimento de sensibilidade: revela com nitidez suas preferencias, suas afinidades, suas admirações. Alem disto, repara injustiças e esquecimentos, omissões e equivocos. Mas não têm carater essencial, porque não fariam falta, ao livro, essas citações, que valem apenas como pontos acessorios de referencia e reparo. Por isso, em vez de enumerar, ele distingue e seleciona. Espírito atilado, de agúda sensibilidade, sabendo vêr as coisas com extrema lucidez e dize-las com rara clareza, o sr. Nelson Sodré julga com exatidão, equilíbrio e medida, escolhe, com bom gosto, e escreve com simplicidade, correção

O CASO RACHEL DE QUEIROZ

(Especial para "Esfera")

J. A. SEABRA DE MELO

Rachel de Queiroz é, desde a sua estréia nas letras, uma das mais discutidas e poderosas afirmações da moderna geração de romancistas. A sua individualidade literaria apresenta, por isto mesmo, a sedução de uma aventura sempre interessante aos que lhe pesquisam a influencia ao movimento renovador do nosso romance. O que, á primeira análise, surge como um relêvo mais da ficcionista é a inexistencia de qualquer fronteira ideológica ou estética entre a vida e a obra da autora de "Caminho dePedra".

A noticia que eu tive, mesmo antes de conhecer-lhe o melhor romance — O Quinze — foi a de uma mulher com muito pouco das qualidades geralmente atribuidas ao seu sexo, amando certas atitudes perigosas e exercendo na capital cearense uma terrivel dialetica de banca de café.

Aliás, nas paginas ardentes de "O Quinze" e dos livros admiraveis que se seguiram, Rachel de Queiroz se mostra identificada com os têmas sociais explorados nos depoimentos literarios dos ultimos tempos. Esta circunstancia — digase de passagem — não resulta de uma simples atitude literária, sentindo-se, ao contário, que é o reflexo mesmo de toda a formação intelectual da escritôra. A tragedia secular dessa humanidade miserável e sofredora das fábricas, do sertão e dos mucambos, ferindo-lhe a sensibilidade feminina, muito cêdo lhe impôs a tarefa humana de defendê-la. Ela parece ter assumido, deste modo, um compromisso consigo mesma, compromisso que tem raizes fundas na sua conciência de escritôra.

A obra de Rachel de Queiroz é, talvez, a mais sincera e humana entre a de todos os romancistas brasileiros. As emoções que nos fazem vibrar dolorosamente a cada página lida ela as sentiu em toda a intensidade, fazendo da sua compaixão e da sua ternura pelos humildes a força persuasiva de um nobre apostoiado estético.

Rachel de Queiroz ama os humildes, todos os seus livros estão cheios dos sofrimentos que êles sofrem. E' verdade que muitos têm feito e vêm fazendo a mesma coisa. Jorge Amado, sem falar no lirismo muito reacionario de "Mar morto", é um amigo dos infelizes que amassam o pão no suór do eito e dos homens rudes e desgraçados da beira do cáis. Amando Fontes, nesse romance ótimo e mal escrito que é "Os Corumbas", tambem viu os miseráveis com os olhos compadecidos e cheios de revolta ante o sofrimento sem remédio. E o Sr. José Americo, e Graciliano Ramos e muitos outros. Mas é preciso assinalar a posição de Rachel de Queiroz, que apezar do sexo é, inegavelmente, quasi uma precursora.

No meio de tantas preciosas, bas-bleus e grafomanas estereis que andam por aí, nada mais consolador do que a presença de Rachel de Queiroz, uma mulher que vale ela só, no Brasil, por toda a literatura feminina.

⁂

Para escrever "O Quinze" fugiu Rachel de Queiroz á permanente sedução da paisagem litoreana do Ceará. A' aventura audaciosa e pitoresca dos jangadeiros que inspiraram a Musa popular de Juvenal Galeno, preferiu ela surpreender a odisséa do sertanejo, no combate brutal contra o flagelo terrivel. O que mais valorisa esse romance é o realismo cruel que a autora lhe soube imprimir, em traços que nos marcam para sempre a sensibilidade. Ha muita verdade, talvez um excesso de intensidade humana que faz de "O Quinze" um espetáculo doloroso. Ninguem poderia fixar com mais vigor de tintas e em toda a grandeza tragica o fenomeno das secas, com o seu cortejo de desgraças coletivas. E a realidade adquire, ainda, neste livro, um relevo extranho, que lhe dá a atitude ora resignada, ora gigantesca na surda revolta dos infelizes que povoam as estradas poeirentas.

Rachel de Queiroz realisou com "O Quinze" o verdadeiro romance da seca. Isto porque não fugiu á realidade dolorosa e palpitante daquelas vidas heroicas, que nos obriga a sofrer e a pensar comovidamente com a romancista. Ela não fez reacionarismo doce, não explorou como motivo poetico o sofrimento dos seus irmãos.

E sentir com verdadeira simpatia humana, com intensidade e com amôr já é muita coisa, numa época em que se faz poesia com os mucambos e a Favela é um motivo inesgotavel de banalidades liricas.

---

e elegancia. Depois, compreendendo o sentido profundo dos fatos sociais, ele mergulha no fundo da nossa cultura, para mostrar-nos o *humus* economico em que ela nutriu as suas raizes. E' possivel divergir aqui ou alí das suas conclusões. Mas, ninguem pode negar que ele fez uma sondagem no sub-solo da nossa consciência literaria, interpretando a uma luz nova os aspectos mais marcantes da historia do nosso espírito. O livro do sr. Nelson Werneck Sodré é, sem favor, um livro notavel — e da categoria daqueles de que falei no começo: autentico trabalho de introspecção nacional, que veiu renovar os nossos processos de crítica e investigação literaria. Por tudo isto, considero muito importante a obra deste joven crítico e ensaista, que riscou um roteiro novo para a história literária no Brasil.

(Especial para ESFERA).

"porto inseguro"

poemas de rossine camargo guarnieri

odilon negrão

Rossine Camargo Guarnieri (guardai bem o nome desse menino, oh! vós que fazeis versos!) é dos raros poétas brasileiros com capacidade e tutano para realizar uma obra humana, de caráter cíclico, dentro do vassoural cançado da inteligencia nacional.

No deserto do pensamento patricio, de vez em quando surgem oásis luxuriantes, cheios de gorgeios de passaros e de seiva gostosa. Com que prazer, então, a gente descança a vista e repousa o espirito nessa verdura convidativa! Com que volupia olhamos as estrelas e bebemos a bôa agua que escorre da fonte encantada e maviósa! O repouso nos envolve de todo. Descançamos. E esquecemo-nos até dos camelos com que topámos na longa caminhada...

"Porto Inseguro" é um oásis no deserto da poesia brasileira.

Guarnieri não faz versos para que o chamem de poéta. Escreve por necessidade espiritual ou fisiológica, como quizerem, sem esforços, sem consultas a dicionarios, a tratados, a escolas, espontaneamente. Sabe ver a vida que o cerca, fére e dilacera e vai escrevendo o que vê. Essa simplicidade — que é a coisa mais dificil de se conseguir no complexo da existencia moderna — Guarnieri a consegue, sem aquelas artimanhas parnasianas, aconselhadas por Bilac no seu soneto "A um poéta", no qual as colunátas, as cornijas, plintos e cariátides do edificio, estão denunciando os andaimes retirados de fresco... Igual simplicidade só encontrámos em Rodrigues de Abreu, — o poéta que escarravá talento e pedaços de pulmões, e que tossia versos, baixinho, para não acordar os bacilos que afinal lhe devoraram a vida!

Não queremos, nem podemos comparar Guarnieri a de Abreu. Mentalmente êles se encontram em verêdas opóstas, muito embóra, com sutilezas de observação, se póssa encontrar, no fundo de suas almas, um divisor comum...

Camargo Guarnieri é um sentimental que olha a vida com a ternura dos bons e dos puros. Nessa a ternura, porém, ha um travo de revolta contra os malandros que se aproveitam da ignára ingenuidade dos fortes para escraviza-los. Á rebeldia do poéta, no entanto, não é contundente. Não fére de pronto, á la bruta, como os punhais do mexicano Menendez ou como as rajadas da metralhadora revolucionaria de Santos Chocano .Os seus ataques são penetrantes, não há dúvida mas nos entram na alma devagarinho, devagarinho para não fazer sangue... Por isso achamos que ha qualquer coisa de biblico nos versos desse poéta singular, qualquer coisa da incrivel e paradoxal serenidade explosiva dos santos em seus pensamentos persuassivos. Ele se nos parece o proféta de um mundo novo, que préga a ruina das injustiças e dos erros milenarios e sugére, de manso, sem a mística e os furibundos arrancos dos pregadores de barricadas, o advento de uma nova éra!

A sua poesia, por isso mesmo, não perde tempo em escalar as janelas fechadas dos quartos em que dormem as musas. O amor freudiano e particularissimo não impressiona os nervos controlados do poéta. Guarnieri ama sim, mas ama a todos os homens seus irmãos e semelhantes. Ama-os pelas angústias que êles sofrem e, principalmente, pela piedade que êsse padecer lhe desperta na alma acolhedora. Ama-os deste módo ,a seu módo:

"ESCUTA, SANTOS DUMONT!...

A noite não me convida
para um passeio de bonde.
Vai chover...
Vai chover chôro chinês.
As mulheres de Pekin choram nas ruas!...
As noites estão negras, negras, negras...
O mundo todo está de luto
e as crianças já vestem vestido preto
pelas crianças que vão nascer...
Escuta, Santos Dumont...
você sabia?

Os aeroplanos italianos
guiados por japonêses
soltam bombas alemãs sobre as escolas...
Escuta, Santos Dumont,
você sabia?..."

Que angústia, que dor sem nome há nesses versos humanissimos que nos fazem pensar num mundo de coisas profundas e dilacerantes!...

E vós poétas inconsequentes e sem cerebro, que me dizeis desta "Cêna" tocante e expressivissima pelo muito de vida e realidade que néla se contêm? :

"As mulheres da vida
oferecem as prendas
mostrando as vantagens:
são bôcas,
são pernas,
são peitos,
são mãos...
Os homens espiam e passam.

No fundo de um antro
Maria-perdida
acalenta seu filho nos seios redondos
e canta cantigas pró filho dormir
com a mesma ternura de todas as mães..."

A poesia deve ter uma função humana num sentido construtivo de honestidade pensamental. Essa mania tropicalista de botar em rima todos os recalques e complexos sexuais que dormem, envergonhados, dentro de um sub-conciente, precisa acabar de vez, como medida de salvação moral, cultural e racial. Só deveria ter direito a escrever quem tivesse alguma coisa para contar a seus semelhantes. Alguma coisa de interessante e de util. O resto é demagogia...

(Especial para "Esfera")

"O QUE DEU PARA DAR-SE A NATURESA"

EDISON CARNEIRO

Parece incrível que o puro lírico do soneto "Alma minha gentil..." fôsse um libertino ou, pelo menos, um partidário do amo, fivre, — mas, na verdade, dentro dos *Lusiadas*, ha desde o grande amor honesto, casto e pronto para o sacrifício supremo de Ignez de Castro até á libertinagem á moda portuguesa da ilha dos amores, no canto IX do poêma. Si lembrarmos, entre outros, Platão, Erasmo e Voltaire, ficaremos na certesa de que os grandes expoentes da humanidade só encontraram, como solução para o eterno problema do amor, essa liberdade sexual que a muitos parecerá o renascimento das cidades bíblicas de Sodôma e Gomor-

O velho Luiz de Camões conhecia o poder do amor, a sua fôrça absorvente. No caso "da que despois de morta foi raínha", ele assim se refere á insistencia do rei em libertar o principe Pedro dos braços da favorita (III, 123):

> Tirar Ignez ao mundo determina,
> por lhe tirar o filho que tem preso...

Não era partidario do ciúme — apezar de partidário desse amor para toda a vida que ele mesmo cantou na dôce Ignez, "misera e mesquinha", em versos de tão rara beleza.

> Ditosa condição, ditosa gente,
> que não são de ciúmes ofendidos!

—diz ele (VII, 41), contando como os malabares realizavam a comunidade das mulheres.

Não se sabe, ao certo, qual a modalidade de amor que mais agradava a Camões. Seria aquele amor de altas virtudes de perseverança que fez com que Jacob servisse quatorze anos a Labão para conseguir a Rachel? Seria aquele outro amor que o fazia desejar que Deus o levasse tão depressa desta vida quão cedo dos seus olhos levara a mulher que idolatrava? Ou seria aquele amor selvagem, sempre em luta pela posse da femea, que levou os portugueses do ama á caça das ninfas (IX, 72).

> núas por entre o mato, aos olhos dando
> o que ás mãos cubiçosas vão negando,

na admiravel ilha dos amores?

Ora, Camões foi um grande namorador, por isso mesmo constantemente envolvido em duelos sangrentos na velha Lisbôa do Seculo XVI. Não duvido que, como aspiração poética, como sonho da sua vida, houvesse o amor honesto, o "puro amor" que a tanto obriga. Ele era, tambem, um homem do mar, um soldado, um pobre poéta, acostumado aos longos jejuns sexuais das travessias marítimas. Daí a libertinagem. O sexo da mulher (IX, 76) era

> o que deu para dar-se a naturesa

e, descrevendo a bacanal, a festa de luxúri ados lusíadas requeimados do sol do caminho das Índias, — os homens se atirando á agua, vestidos, no encalço da presa esquiva, negaceando o amor, — o Poéta se trae confessando (IX, 83) que o prazer dessa manhã "melhor he experimenta-lo que julgá-lo"...

Naturalmente, nauta calejado pelas fadigas dos mares nunca dantes navegados, Camões devia ter experimentado tambem essa especie de prazer difícil, em qualquer ponto perdido da róta das naus de Portugal. Foi ele mesmo (X, 153) quem disse:

> Não se aprende, senhor, na fantasia,
> sonhando, imaginando, ou estudando,
> sinão vendo, tratando, e pelejando.

Vendo, tratando, e pelejando, Luiz de Camões conheceu o amor simplesmente amor, o amor que se reduz ao desejo ardente do macho e á docilidade momentanea da femea, num encontro casual em qualquer lugar propício do planeta...

O amor — dádiva excelente da naturesa.

(Especial para "Esfera")

A CANDEIA

A candeia se apaga!
Um passo mais e ficarei no escuro...
A minha mão já não sustem o vento
Nem protege a chama...
O que procuro
Desfaz-se como se fôsse uma alucinação...

Mal diviso entre o vai-vem das sombras
Os ferros duma cama,
Um livro... um crucifixo...

Mas a candeia treme!
O meu olhar é fixo...
pasmado... inconsciente...
Meu estranho delírio
É um pedaço de film
Que outras mãos esticaram
E largaram de súbito.
Nem um ponto de apoio... um gesto...
Uma palavra que prenda... que alimente
Esta luz!
Esta luz que se apaga
Dentro da minha mão...

A chama extertorisa
Sob a pressão do vento
Intempestivo e duro.
Ficar será perder...

Mas como poderei eu caminhar?

Um passo mais
Nesta incerteza enorme
E ficarei no escuro!...

LYGIA

O Caminho Das Estrêlas

Lírios e flôres de lotus, perfumes e côres pálidas,
e a cabeça voando pelas estrêlas.
Um desejo de branco, impalpável, suave.
Uma ascenção a Deus.
Irritação pelo ruído animal na choça imunda dos homens.
Branco. Um desejo de pureza inicial,
florescimento limpo da terra das raízes.
Cabeça flutuando pelas estrêlas.
Um ser diáfano e ao mesmo tempo impreciso.
E a cabeça nas estrêlas...
Mas um vazio impossível.
Um sabor acre na língua e no palato.
E as mãos inanimadas — frias e sem sangue.
Olheiras de poeta-bobo.
Astúcia de vendilhão.
Vendera-me, fugira-me.
Já as estrêlas eram lágrimas de gêlo
e o gêlo queimava como braza.
A cabeça desceu em vertigem das nuvens para subir aos ombros.

E foi então que chegou o minuto de todos os minutos.

As tuas mãos vieram cheias da terra das raízes
e aspergiram-me todo.
Pousou-me no ombro com carinho
o ruído animal da choça imunda dos homens.
Os lírios, flôres de lotus, perfumes e côres pálidas
eram flôres de papel,
miseráveis ornatos de salão depois do fim da festa.
Do fundo dos teus olhos
veio-me a certeza dêsse mundo ainda sem palavras.
As estrêlas brilharam justamente na choça imunda dos homens.
Sujei as mãos. Gritei.
Deus ficára para trás.

Mário Dionísio

(Para ESFERA)

SAÜDADE

Vogaram de todos os mares ao porto da partida
e a bordo nem a algazarra da derrota
nem o choro dos vencidos se ouvia.
Vinham as naus no silêncio das coisas mortas.
Os homens tinham esquecido as palavras de navegar!
Sua linguagem era uma só palavra, encontrada nas distancias;
estava nos olhos, no rosto e nas mãos encrespadas: saudade.
E as naus já não veriam o porto da partida...
Lentas as ondas teceram sôbre elas flores de espuma,
lentas as naus desceram os abismos azuis.
Ninguém a bordo se alarmou; aquilo era esperado.
Silenciosos deixaram-se ir, lágrmias deu-lhas o mar,
nos olhos escancarados estava escrito: saudade.

Na pátria fez noite a demora das naus.
Bem escalam as escarpas té o cimo dos promontórios... inutil,
e olham os nevoeiros e os nevoeiros se desfazem,
e fica o mar todo deserto, nem aza de gaivota:
os olhos veem o mar através o nevoeiro das lágrimas!
Bem escalam as escarpas té o cimo dos promontórios... inutil,
a dor vai com êles; de qualquer parte o mar é tenebroso.
E largos anos chorando amaldiçoaram a névoa.
Ora veiu um moço do interior e viu o mar: ficou maravilhado!
Mas que chorava aquela gente olhando aquele assombro?
Mil vozes gemeram: — O nevoeiro que anda nas águas...
E o moço estranhou a origem de tanta dor:
— O mar que eu vejo é azul e simples, entorna frescura.
Foi um grito espantoso pela costa: — Sacrílego!
Vieram todos os promontório mais alto;
aí o queimaram entre orações de esperança:
— Será o farol das naus perdidas no nevoeiro!...

Manuel da Fonseca

O Mundo Nascêra-me Outra Vez

Desabavam-me das mãos calosas milhões de estrêlas
e volviam pó-do-caminho
sob os pés gretados da minha vagabundagem lírica.
À graça das coisas desmaiava no tempo
e a vida no tempo.

Depois, nada mais que mãos calosas,
pés gretados,
as estrêlas, de tam longe, acenando-me
— e adormecida no pó-do-caminho a carne do meu corpo breve.

Quantas palavras traídas nos lábios sêcos
ainda emudecidas
na margem macia do regato silencioso!
Quantas lágrimas-de-cego caídas no meu regaço
ainda mal sentidas
e logo ensopadas no pó-do-caminho!
Quantas carícias rejeitadas destas mãos calosas
tam alheias e núas, esfacelando fogos-fátuos!

Sob o orvalho da manhã clara,
a graça das coisas sorria no meu sorriso
e a vida no tempo:
tudo que fôra nada e perpétuamente em tudo volvia
tudo que corre e corre para a realização fugidia
tudo
tudo sorria no meu sorriso.
— Bons-dias, manhã clara do meu corpo breve!

Caem as fôlhas côr-de-poente
as estrêlas são cada vez mais longínquas
uma canção sem nome molha-me os lábios de terra úmida
e a primeira mulher saúda!
— Bons-dias, manhã clara do meu corpo breve!

O mundo nascera-me outra vez.

António Gameiro

(PORTUGAL

Resposta a Jacques Poisson

Nilo da Silveira Werneck

Espiritos ainda ha, desgraçadamente, nesta hora, que advogam com ardôr estremado a clausura dos intelectuais na torre de marfim da "arte pela arte"!...

Chegou-nos, com efeito, não ha muito, a notícia de que, discursando perante o Colégio de França, um tal Sr. Jacques Poisson, sob o pretesto de estar horrorisado com a sordidez de certas manobras políticas contemporaneas, preconisou, em arroubos de oratoria, a formação de uma liga de homens, de letras, os quais, no entender daquele cavalheiro, deverão renunciar á solução dos problemas cruciantes do momento, para consagrar-se, de maneira esclusiva, ao bisantinismo dos canticos ás musas.

Ora, Sr. Jacques Poisson! Não e não!!

Que ha sordidez, mas muita sordidez mesmo, nas manobras políticas contemporaneas, sabemo-lo nós outros tão bem quanto vossa senhoria e os de sua grei! Mas, justamente por isso, meu caro Sr. Poisson, quando motivos outros de vulto não houvéra, é que os homens de cultura devem colocar-se na estacada, em contacto intimo com a vida real, mostrando, desassombradamente, as injustiças, procurando corrigir os erros, levando as luzes do saber até as massas anonimas e, acima de tudo. empregando os maiores esforços no sentido humano por excelencia de afastar o espectro hediondo da guerra, cuja fauce escancarada, mais do que nunca, ronda hoje sinistramente o Mundo!

Quando, á sombra mortifera de "florestas de baionetas", em supremo escarneo á Dignidade Humana, ditadores truculentos, nas largas de um égocentrismo furibundo, vociféram, pletoricos, que "a paz perpétua é um absurdo", não pode o intelectual digno desse nome permanecer, criminosamente divorciado da hora que passa e desinteressado pelo futuro, contando historietas sensaborosas de amores mal sucedidos.

Quando cérebros putrefeitos e penas asquerósas produzem trechos como este:

"Enquanto os humanitarios vís gritam contra a guerra, como bárbaro residuo de antiga ferocidade, nós a consideramos como o poder maximo. de despertar do enervamento, como meio rapido e heroico de poder e de riqueza. " (Pappini — "Vecchio e nuovo nazionalismo"); na hora mesma em que futuristas delirantes e vasíos asseveram ser a carnificina dos povos a "higiene do mundo", a indiferença equivale ao endosso puro e simples do barbarismo sem par!

Quando nações imperialistas, passando da palavra aos atos, seja atravéz de inescrupulosa sofisticaría, seja pela mais deslavada violação de principios seculares ou mesmo pelo repúdio imoral de compromissos livremente assumidos, quando, diziamos, nações imperialistas, em pleno século XX, lançam-se a guerras de conquista que o genero humano supunha sepultadas para todo o sempre na escuridão dos tempos medievais, cabe á inteligencia e só a éla a taréfa transcendental de defender a civilisação e a cultura contra as arremetidas selvagens do trogloditismo ressurréto.

Quando, sob razões méramente demagogicas de diferenciações etnicas, ressurgem, abominaveis, os autos da fé e crepitam fogueiras enormes de obras científicas os homens de pensamento não podem nem devem calar!

Muito ao contrario, têm eles a precipua obrigação de esclarecer os espiritos que, infelizmente, se vão deixando absorver, aqui e alí, pela estagnação pestilenta de misticismos inferiorisantes, féros algozes do raciocinio.

Mais uma vez não, Sr. Jacques Poisson!!

As sementes venenosas do seu "laissez faire" sumamente covarde não germinarão, sem duvida!

Retrate-se, pois, sr. Jacques Poisson e venha para a luta!

Lembre-se, coberto de vergonha, de que falou para a França, para a vélho França libertária que sempre soube colocar-se na vanguarda dos grandes movimentos redentores da Humanidade!

(Especial para "Esfera")

PRAIA DE OLINDA

Luis Soares

De "Juventude Morta"

(trecho de romance)

Medeiros Lima

Quando a noite chega, sinto-me feliz, porque só a noite me faz bem. Se ha lua, então eu me regosijo em poder contempla-la E a ela eu dirijo as minhas súplicas, as minhas máguas, os meus desejos, enfim. Falo das torturas que são minhas e são de todos os homens tambem. Quando tenho o estomago cheio, posso me recordar de bons pensamentos, — o que é sempre raro. Só os pensamentos máus, sombrios, povoam a minha cabeça. O brilho das estrelas enternece os meus olhos, mas as vozes que gritam dentro de mim levam para longe o prazer que daí provem. E os meus gestos perdem-se no ar sem que ninguem perceba a revolta dos sentimentos, que êles traduzem. A solidão da noite é a minha grande amiga, e a ela confio a desdita de meus passos. Só o barulho dos automoveis que rolam no asfalto, perturba o grande sossego das minhas noites de silencio esquecido no banco da praça que fica em frente ao mar.

Muitas vezes levanto-me apressado e corro sem destino todas as ruas que encontro diante de mim. Parece que sombras enormes me perseguem e visões tremendas me alucinam. São os fantasmas de todos os meus desejos. E as suas vozes me torturam, e os seus impulsos me impedem de raciocinar.

Persigo então as mulheres que passam, digo-lhes frases feitas que ouvi não sei onde.

Todas me olham com espanto, fogem de mim, e muitas vezes sorriem. Refugio-me então em Berenice. Revejo os seus olhos azuis, a sua face calma, afogada pelo vento do mar que fazia dansar os seus cabelos.

E uma grande ternura me invade. Nesses momentos, as minhas mãos sentem vontade de acariciar o corpo de todas as mulheres, de perder-se entre o emaranhado de seus cabelos. Mas Berenice é um grande sonho, unicamente.

Ela está distante, e ha muito não sei que destino tomou. Judith está perto, porém não sei se êla ha de me querer. Creio que o seu olhar é antes de compaixão; êla nunca ha de gostar de mim. Na verdade, sou um sujeito atôa, bastante inutil, incapaz de inspirar amôr a quem quer que seja. Reconheço-me mesmo uma criatura imprestavel, inteiramente imprestavel. De vez em quando tenho grandes arroubos.

Trepo nas pontas dos pés e olho o mundo com superioridade. Mas logo passa, isso.

Carlos já me vê com certa piedade, embora se irrite de vez em quando comigo. Para êle devo ser simplesmente um fracassado. E o que lhe irrita em mim é essa passividade em que vivo. Não compreende como eu possa me sujeitar a essa vida de cachorro, fugindo dos credores, pedindo dinheiro emprestado a um e a outro, passando fome. Minha mãe, que está lavando e engomando para fóra, ganha sempre alguma cousa. Mas, em compensação, percebo que as suas

forças estão se esgotando, que a sua saúde está muito debelitada. Agora costuma me falar de vez em quando:

— Qual!, meu filho, a minha vida está no fim. Qualquer dia desses eu bato as botas. Será até um alívio.

Isso me fere profundamente. Baixo a cabeça e fico jururu' para o resto do dia.

Sinto uma grande dose de culpa em tudo isso. Poderia trabalhar e então teria o suficiente para ajuda-la. Sentado a um canto da cama, fico pensativo, atrapalhado, inerte. Por dentro, vou me roendo todo. Misturo sempre tudo isso com fantasmas, com coisas que imagino e que vivem bolindo dentro de mim.

— Que tem o senhor, "seu" Mario, está triste?

E' a voz de D. Generosa. Passa pela porta de meu quarto, pára. Faz perguntas aparentemente ingenuas, só para me provocar. Costumo rir amarelo. Uma vez ou outra solto respostas vagas, tolas. Mas sempre fico nervoso, exaltado, com desejo de berrar, de dizer nomes feios a D. Generosa.

Esta velha que sorri da miseria alheia, que odeia os que prosperam, os que respiram um pouco melhor, — me provoca nauseas profundas. Odeio-a, como a toda especie de vilões, de barbaros, de imbecis, que passam diariamente ao meu lado e que viram as costas á minha pobreza. Tenho uma conciência quasi absoluta de minha inutilidade, mas desejaria cuspir de cima na cara de todos esses pobres diabos que fazem pouco de mim. Julgo-me um ser humano, que como todos os demais, possue as suas aspirações, tem os seus defeitos, as suas necessidades e as suas paixões. Mas percebo que o mundo vai me arrancando aos poucos tudo isso. Breve serei um animal. Um perfeito animal. A cadeia era sombria, tenebrosa, mas êsse mundo em que me agito não é menos sombrio nem menos tenebroso. E' verdade que posso andar por todas as estradas, ouvir a cantiga do mar debaixo das noites de estrelas, sentar-me no banco da praça e olhar os homens, os cachorros e as mulheres que passam. Sei que posso pensar em cousas estravagentes, em herois imaginarios que realizam sonhos impossiveis, desprezar os que me desprezam. Mas tudo isso é muito vago, muito impreciso. De um certo modo tenho uma vida artificial. Procuro me iludir, acreditando em cousas puramente cerebrais, penetrando nos meus pensamentos, me atormentando. Arrumo, torno a desarrumar as minhas idéas. Sofro grandes angústias e nunca estou satisfeito. Quando o dia amanhece turvo, ameaçando chuva, tenho vontade de me esconder, de não olhar para fóra. Os dias assim me abatem, e sinto então um enorme cansaço em meu espírito. Não compreendo porque falo estas cousas aqui. Tudo está muito certo, é verdade, mas não creio que possam interessar a ninguem. Aliás essas impressões, esses fatos de minha vida, vão aí de uma maneira muito desageitada.

Não tenho, de modo algum, uma linha de conduta definida. Já disse que ando em zigue-zagues. E' uma cousa que está intimamente ligada ao meu temperamento. Por mais que me esforce não consigo descobrir a razão de certas atitudes minhas. Faço cousas que me espantam, que chegam a me impressionar mesmo.

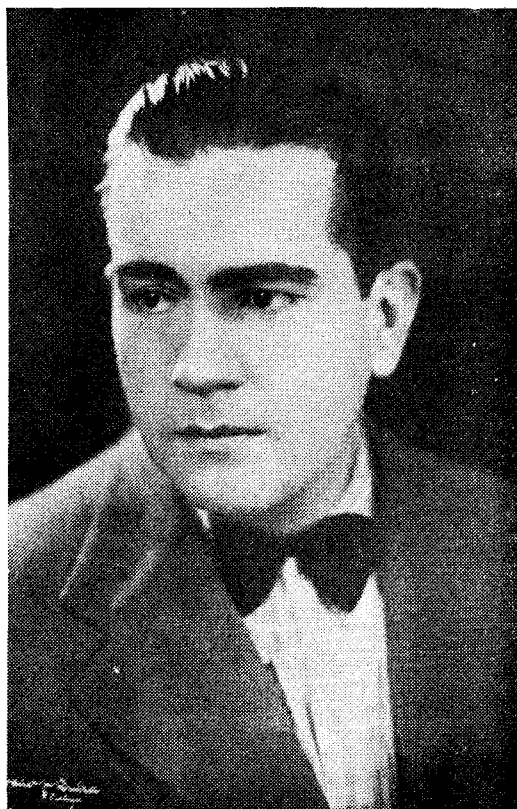
Ha dias passei a noite acordado, percorrendo a cidade. Não quiz ir para casa, e então me puz a ir e a voltar por diversas ruas, fazendo de modo invariavel o mesmo percurso. Uma especie de via-sacra. Em certas ruas mais escuras e desertas chegava a ter medo, e me assustava diante de minha sombra. A imaginação aumentava de um modo exagerado certos pensamentos que me vinham da noite. Grande era o abismo que me afastava dos grandes astros. E a lua espalhava-se pálida pelos caminhos. Eu me absorvia em cousas vagas, imprecisas.

Levantava o braço e fazia gestos inuteis que se perdiam no ar. Alguem que me visse me julgaria um louco. Mas eu andava dentro da noite sem prestar atenção a ninguem. Eu me bastava a mim mesmo, e fugiria de todos aqueles que tentassem se aproximar de mim. Contentava-me com a presença da lua e dirigia frases soltas ás estrelas, enquanto guardava no coração a lembrança de Judith. Dentro do mundo, eu era sozinho. Quando a madrugada chegou, os primeiros raios do sol desceram sobre mim. E, na hora em que a vida de todos os outros homens recomeçava, eu me dirigia para o meu quarto em busca do sono que me daria a calma que não encontro. Isto parece uma idiotice, uma atitude boba, mas na verdade, não consigo fugir dela nunca. Posso reprimir todos os outros desejos, menos esse de andar, de percorrer a cidade a procura de cousa nenhuma. Embora sempre espere uma surpreza, uma novidade qualquer, nada sucede de anormal. Monotona, — a minha vida, sem graça, desinteressante. Capaz de me aniquilar pela sua repetição, pela sua constancia.

(Inédito para "Esfera")

Comentando livros

"Olhai os lírios do campo"

DIAS DA COSTA

Apezar do numero relativamente elevado de bons romancistas aparecidos ultimamente no Brasil existem ainda por aqui pessôas precavidas que negam a existencia e a importancia do moderno romance brasileiro. Procuram mesmo essas pessôas de má vontade construir explicações para o fenomeno, fazendo paralelos eruditos, citando a literatura inglesa, os romances franceses ou os escritores da Russia. Eu tinha muita vontade de saber o que pensarão realmente essas pessôas diante de : "Olhai os lirios do Campo", o ultimo romance de Erico Verissimo. Porque se ainda, mesmo diante desse livro do jovem escritor gau'cho, continuarem afirmando a falta de um romancista entre nós, só nos resta desistir de saber o que é afinal um romancista e não procurar mais saber o que é romance. Desistir de saber mas ficar contente, porque, se não é romance o que teem feito entre nós um: José Lins do Rego, um Jorge Amado, um Graciliano Ramos, uma Rachel de Queiroz, um Amando Fontes, um Erico Verissimo, é então o trabalho desses escritores, alguma coisa de nova, de diferente, de inédito na história da literatura. De novo e de belo e, sob certos aspectos, de grandioso.

⁂

O traço caracteristico da obra de Erico Verissimo é a serenidade. Não essa serenidade falsa que nasce ás vezes do alheiamento do escritor diante de certos aspectos da vida ou essa outra serenidade fictícia que exibem os que desejam fazer acreditar possuirem o segredo de todas as soluções, na inspiração divina que mora dentro deles. Diferente desses, o que Erico Verissimo demonstra é uma extraordinaria capacidade de percepção aliada á crença firme de que é necessario pesquizar profundamente todos os lados bons e maus da vida, todas as fraquezas e todas as virtudes dos homens, todos os acertos e todas as injustiças da sociedade, e, depois, expô-las claramente, minuciosamente, mas sem nenhuma agressividade, escrevendo talvez libelos, mas nunca redigindo panfletos. A sua crença de que a tendencia natural do homem é para a bondade leva-o a evitar qualquer insinuação da necessidade de se utilizarem processos violentos para se alcançar uma renovação que, diante dos fatos, ele é forçado a reconhecer imprecindivel e inadiavel. Tolerancia compreensiva para os erros humanos, capacidade extraordinária de sacrifício e de renúncia, sensibilidade agudissima e entranhado amor pela vida, apezar de todas as suas tragedias, são traços marcantes das criações humanas a quem êle in-

cumbe da tarefa de transmitir aos homens em luta a sua palavra de paz. Essas criaturas aparecem com Fernanda, em "Caminhos Cruzados", e em "Um lugar ao sol", e em Olivia, essa maravilhosa Olivia, de "Olhai os lirios do campo". Lembram elas, de certo modo, personagens de Dickens, como, o proprio autor, lembra Dickens em muitos aspectos de sua obra. Na sua tolerancia para com os maus, no seu otimismo "malgré tout", no seu sentido de humor, na facilidade com que maneja um numero extraordinario de personajens, criando mundos densamente povoados e intensamente humanos.

⁂

Já uma vez tive a oportunidade de escrever que considero um tanto ingenuas as soluções em que o autor acredita para resolver o problema social do mundo moderno. Sendo tambem um crente da tendencia natural do homem para a bondade, sou dos que pensam que a luta pela vida, processando-se de forma arbitraria e ilogica, tornou uma parte da humanidade tão concientemente degenerada e perigosa que os processos brandos nenhum efeito poderão mais produzir sobre ela. Acredito que aqueles que pretenderem uma reforma honesta do mundo atual, terão de utilisar-se da fôrça, no trabalho gigantesco de destruir as barreiras que uma sociedade construida sobre bases falsas levantou em defeza de minorias corrompidas e já incapazes de qualquer tentativa de regeneração. Mas não quero discutir aqui teses sociais, bastando para mim que o autor tenha, como realmente tem, a coragem de expor lealmente os seus pontos de vista. Desta honesta capacidade de expor as sua convicções, sem procurar de nenhuma forma agradar esta ou aquela corrente contrarias, honestidade que o autor mantem tanto no que se refere ao mundo social onde vivem os seus personagens, como na independencia da escolha do processo de construção literaria de sua obra, sem adotar exageros de escolas extravagentemente avançadas, sem fazer concessões a conservadores reacionarios e passadistas, sem abusar de decidas subjetivas, mas tambem sem desprezar o mundo material, na sua função de importante condicionador do procedimento humano, procurando antes de tudo e acima de tudo ser logico e preciso, ser fiel á verdade sendo fiel a si próprio; emfim, dessa fôrça de carater, sem a qual as mais esclarecidas inteligencias vacilam e hesitam é que vêm a serenidade, o equilíbrio e o ritmo, qualidades mestras do romancista de: "Olhai os lirios do campo". Essa serenidade, êsse equilíbrio e êsse ritmo, aparecem da primeira a ultima linha do livro, e estão evidentes, seja qual for o aspecto por onde se encare. Na técnica literária (uma na primeira parte e outra, inteiramente diferente, na ultima), nas reações dos personagens diante dos fatos, nas palavras que êles dizem, nos pensamentos que lhes ocorrem, na maneira porque evoluem, porque se modificam. Eugênio, o personagem central do romance, é psicologicamente uma das maiores figuras humanas já criadas pelo romance brasileiro de todos os tempos. E mais: Dr. Seixas, Eunice, Angelo, Olivia, Dora, Isabel, Filipe Lobo, e tantos outros, que maravilhosa galeria de seres reais, movendo-se em um mundo real, fixados em todos os seus detalhes, vistos por um grande numero de angulos que os revelam em todas as suas minúcias, muitas vezes desconcertantes!

Se diante de: "Olhai os lirios do campo", os críticos do romance brasileiro continuarem duvidando das possibilidades dos nossos romancistas de hoje, creio que nada mais os convencerá. A não ser talvez uma frase que o Dr. Seixas pronuncia, discutindo com Eugenio, na pagina 294 do romance:

— Pra fazer que os malucos sigam as nossas prescrições, precisamos metê-los em camisa-de-força.

E, afinal, pensando bem, quem está com a razão é o dr. Seixas.

LETRAS

BOLETIM DE INFORMAÇÃO CULTURAL

direção de

EDISON CARNEIRO

BAÍA

CAIXA POSTAL, 240

O LIVRO ESTRANGEIRO

"Paris em 1934"

de Abel Salazar

Abel Salazar é, sem nenhuma duvida, uma das mais destacadas figuras da moderna intelectualidade portuguesa.

Aliando a uma prodigiosa capacidade de assimilação uma permanente curiosidade, através de um permanente labor e de uma inquietação permanente conseguiu armazenar uma vasta e polimorfa cultura que, por ser das mais amplas e ecléticas nem por isso é menos profunda.

Em verdade, ao leitor desavisado espanta saber que o Abel Salazar, criador na tela dessas maravilhosas figuras femininas, figuras tão intensamente vivas e tão prodigiosamente humanas, que êsse fixador inimitavel de instantes coloridos, que êsse nervoso e extranhamente jovem manejador dos pinceis e das tintas é o mesmo Abel Salazar que tão eruditamente escreve sôbre temas como: "A diferenciação sistematica do palium cerebral", sendo tambem o espirito lúcido de ensaios como: "Sôbre os processos construtivos da Metafísica".

Já diante de "Paris em 1934", quem teve a oportunidade de conhecer anteriormente o autor como cientista, como filosofo ou como pintor, não póde mais sentir nenhuma surpreza. Nessas cronicas vivas e ágeis, nêsses flagrantes precisos da vida parisiense, vamos encontrar reunidos: o homem que vê as coisas totalmente, como só os pintores as podem ver, guardando na retina toda a mágica impressão do seu conjunto, porque têm a possibilidade de fixar fielmente cada detalhe formador do todo, cada tonalidade que se mistura para a côr geral do quadro. Mas, como em Abel Salazar não existe apenas o pintor, depois do prazer de revelar aos leitores os quadros que a sua retina fixou com tanta fidelidade, êle procura então penetrar no mundo que vive dentro dêsses quadros, explicando as causas dos fenomenos que neles se processam, para constatar ou predizer os seus efeitos. Tudo isso é realizado em um estílo vigoroso e sugestivo, revelando-se o autor nêsse gênero de letiratura o mesmo colorista poderoso que a pintura já revelara.

Quadros fortes e cheios de vida, flagrantes ricos de movimento e de côr, sínteses claras e precisas, instantaneos magistralmente fixados, são realmente essas cronicas em que o autor focalisa, por diversos angulos, êsse mundo que é Paris, êsse Paris que não é apenas de 1934, como diz o titulo do livro, mas, ao contrario, é o Paris que não tem idade, o Paris que, ontem como hoje, continua fornecendo motivos novos de inspiração, na sua multiplicidade de aspéctos artísticos e humanos.

Por seus assuntos, por seu estilo, por sua fôrça, "Paris em 1934" não é sómente um livro de cronicas. E', (e isso já é muito mais raro) um ótimo livro, em todos os seus aspéctos.

DIAS DA COSTA

Banco Hipotecário Lar Brasileiro

S. A. DE CREDITO REAL

Rua do Ouvidor, 90

CARTEIRA HIPOTECÁRIA — Concede emprestimos a longo prazo para financiamento de construções. Contrátos liberais. Resgate em prestações mensais, com o mínimo de 1% sôbre o valor do emprestimo.

SECÇÃO DE PROPRIEDADES — Encarrega-se da administração, venda de imoveis de qualquer natureza e faz adeantamento sôbre alugueis a receber, mediante commissão módica e juros baixos.

CARTEIRA COMERCIAL — Faz descontos de efeitos comerciais e concede emprestimos com garantia de titulos da dívida pública e de emprêsas comerciais, a juros módicos.

DEPOSITOS — Recebe depositos em conta corrente à vista e à prazo, mediante taxas: CONTA CORRENTE A VISTA, 3% ao ano; CONTA CORRENTE LIMITADA, 5%; CONTA CORRENTE PARTICULAR, 6%; PRAZO FIXO: 1 ano, 7%; 2 anos ou mais, 7 ½ %; PRAZO INDEFINIDO —, retiradas com aviso prévio: de 60 dias, 4% e de 90 dias, 5% ao ano.

Tres momentos de "Uma estrada que sobe"

Maria Jacintha

1.° ATO — CENA VIII

HELENA E JORGE

HELENA — Eu sei o que os operários querem de papai. Não é só aumento: exigem outras medidas de maior alcance. Encontrei a mulher de um deles e estive conversando com ela...

JORGE — Que medidas de alto alcance são essas?

HELENA — Entre outras coisas, pedem uma escola completa no bairro em que residem.

JORGE — Mas você não acha que êles querem demais? Já têm uma villa construida por seu pai. Casas bôas...

HELENA — Péssimas.

JORGE — Sim, não são palácios, mas habitáveis. Alugadas só a êles...

HELENA — Alugadas por uma exorbitância... diante do que êles ganham. E tão distantes da fábrica que quem quiser fará negocio pondo a serviço deles uma linha de ônibus.

JORGE — Estão tão mal assim?

HELENA — Muito mal, Jorge. Moram muito longe da fábrica. As operárias são obrigadas a deixarem os filhos pequenos em casa e a enviarem os maiores para escolas distantes. O que êles querem é justo: um prédio para uma escola completa — e isso não ficará muito caro — com uma creche anexa. E é tão fácil Jorge... Os operários estão dispostos a contribuirem para o pagamento do prédio, com pequenos descontos em seus salários. O que meu pai fará será uma adiantamento... alongo prazo. Eles pagarão. Sem juros, está claro.

JORGE — Bem, se é só isso que eles querem...

HELENA — Querem outras coisas menos simples, penso eu. Não tive tempo de ouvir o resto: tinha que vir almoçar.

JORGE — *(Brincando)* — E ainda que mal pergunte: já almoçou?

HELENA — *(Rindo)* Não.

JORGE — E aquele outro caso seu?

HELENA — Que outro caso meu? Você está troçando de mim?

JORGE — Você bem sabe que não. Mas não deixo de achar interessante o fato de você estar sempre com um caso dos outros a resolver. Conseguiu alguma coisa?

HELENA — Por enquanto quasi nada. Está decidido que a pequena, mesmo que o pai da criança não se queira manifestar, ficará sob meus cuidados. Quando chegar o momento de não ser mais possivel ocultar o fato aqui em casa, já está tudo tratado com a madrinha dela. Eu custearei as despezas, ela voltará a trabalhar e a madrinha cuidará da criança durante o dia Quanto á parte em que entra o pai, está muito problemática.

JORGE — O rapaz, afinal, é máu. Que necessidade tinha êle de procurar uma pequenazinha doméstica, sem um entusiasmo especial para isso?

HELENA — Que necessidade? Talvez você se espante com o que vou dizer: mas acho que tinha. E' a própria organização das coisas que força os homens a isso.

JORGE — O problema é de vocês mulheres. Porque não o resolvem?

HELENA — O problema é nosso. Não é porém em nós, mas em vocês, que está a solução. Reagir, de uma maneira concreta, seria nos imolarmos nós mesmas. Seria, sobretudo, renunciar a um conceito de vida e de amor... renúncia que coisa alguma justificaria. Queremos, naturalmente, o amor integral, despido de cálculos, liberto de restrições. Mas com um traço indispensável de espiritualidade... espiritualidade sadia, normal e não romantismo mórbido, as células mais nobres de nós mesmas atuando, agindo, compreende? Um traço de beleza e de inteligencia... Renunciar a isso, não seria salvar as outras: seria aceitar o amor em seu aspecto de episódio, apenas, seria correr á aventura...

JORGE — Mas a aventura, ás vezes, é deliciosa...

HELENA — Conforme o caso. A essas eu não me lançaria nunca...

JORGE — E ás outras?

HELENA — Quais outras? A's aventuras da própria vida? Ao amor? Estas a gente deve tentar sempre, sem mêdo.

JORGE — *(Atraindo-a pelos ombros, fixando-a)* Tentaria?

HELENA — *(Desvencilhando-se, num gesto serenamente definitivo)* Eu disse *amor*, Jorge.

JORGE — *(Atraindo-a de novo, numa insistência)* Tentaria? *(Beija-a)*.

HELENA — *(Que se deixou beijar, sem retribuir, sem consentir mesmo, na reação da própria impassibilidade, deslingando-se dele, sem violência)* Como você vê, o argumento do beijo fracassou... Jorge, isso é atitude de homem das cavernas. A' fôrça...

JORGE — *(Envergonhado)* Desculpe-me, Helena. *(Transição)* Mas você é enervantemente fria...

HELENA — Por isso? Vocês, homens, são notáveis: não admitem o fracasso das situações senão por culpa das mulheres. Não sei se sou fria, enervantemente ou irritantemente, como você quiser. Não sei, também, se sou o contrário: vibrante, ardente, etc. O que sei é que, no momento, não me posso estudar sob êste aspecto... pois não amo a você.

JORGE — Evidentemente é um argumento...

HELENA — Não é um argumento: é uma razão.

JORGE — Ou isso. *(Cala-se. Afasta-se. Fuma)*.

HELENA — *(Conciliadora)* Mas você não vai ficar aí para o canto, zangado comigo... Você é um rapaz superior, Jorge. Superior e encantador: num instante me esquecerá e terá logo dezenas de moças, muito mais interessantes do que eu, a esperá-lo. *(Com bom humor)*. Com esta cara que está fazendo até parece o Ernesto... com restrições, está claro, porque o Ernesto não seria capaz daquela selvageria de há pouco...

JORGE — *(Esmagando o cigarro no cinzeiro e vindo sentar-se, já risonho)*. Selvageria! Você é extraordinária, Helena, quando classifica. Estou fascinado por você; beijo-a porque tenho uma oportunidade... impassivelmente ou não, você não pode negar que me deu... E você estigmatiza-me logo: — "Selvagem".

HELENA — No sentido moral não o teria sido? Eu

nada lhe oferecí: apenas não o agredí. Suportei-o porque acho de um ridículo doloroso uma mulher que se debate. E o que você fez tem qualquer coisa de invasor.

JORGE — *(Aproximando-se).* Fá-lo-ia outra vez, ainda...

HELENA — *(Meio brincando, meio séria).* Cuidado... Desta vez não o recusarei... tão impassivelmente. *(Riem).*

JORGE — Helena, vou-me embora. Você é uma tentação para mim. Não vejo probabilidade de vitória e você me acabará irritando. Até logo.

HELENA — Acho bom mesmo. E, logo á noite, volte esquecido de tudo. Porque... *(Com seriedade, mas sem aspereza)* agora é sério, Jorge: não gostei de sua atitude e não permitirei que você a repita, compreendeu?

JORGE — Já lhe pedí desculpas, Helena.

HELENA — E eu já o desculpei. Apenas estou avisando, para que possamos continuar amigos.

JORGE — Está feito. *(Estende-lhe a mão).* Esqueça.

HELENA — Está esquecido *(Amávelmente)* Até logo. *(Vai conduzí-lo até á porta. Jorge sai. Helena volta. Pára no meio da sala, indecisa: hesita entre sair e ficar. Batem. Vai abrir. Entra João Antônio).*

CENA IX

HELENA E JOÃO ANTÔNIO

JOÃO ANTÔNIO — *(Entrando).* Tenho uma entrevista com o Sr. Albuquerque...

HELENA — E' o Sr. João Antônio?

JOÃO ANTÔNIO — Sim. Como sabe?

HELENA — Falou-se aquí há pouco no senhor. Meu irmão e meu tio o conhecem.

JOÃO ANTÔNIO — Conheço-os, também. Convivi muito com êles em S. Paulo.

HELENA — Sente-se. Meu pai não tardará. Ele o espera... isto é, não só ao senhor: a uma comissão.

JOÃO ANTÔNIO — Achei melhor vir só. Não quís dar, ao que vimos pleitear, o caráter de um movimento rebelde. Exporei a seu pai o que desejamos...

HELENA — *(Rindo).* Fui blefada. Estava aquí esperando uma comissão ruidosa de grevistas, com gritos, discursos, etc. Tinham-me falado no senhor, como chefe. Imaginei logo um momento inédito para mim...

JOÃO ANTÔNIO — Quer dizer que a decepcionei? Se eu soubesse, senhorita, teria organizado um espetáculo completo...

HELENA — Ofendí-o?

JOÃO ANTÔNIO — De modo algum. Não vê que estou troçando? Eu não encarno o tipo do proletário sofredor, hiper-sensivel, que, a uma simples brincadeira, se sente humilhado, alvejado... O que eu faço é simplissimo: acho que há uma série de coisas erradas; tenho, ou suponho ter, bôas idéias para corrigí-las. Conservo-me solidário com a minha gente... mas não tenho preconceitos de classe, acredite.

HELENA — *(Indefinivel)* Não?...

JOÃO ANTÔNIO — *(Imperturbável)* Não. Tenho mesmo bons amigos fóra de minha classe. Não lhes oponho restrições de espécie alguma. Aceito-os com prazer... Procuro-os, mesmo...

HELENA — E' liberal, então?

JOÃO ANTÔNIO — Liberalíssimo.

HELENA — *(Já a sério).* Tambem sou assim. Não compreendo, mesmo, a luta que separa: tôda luta deve ser para unir.

JOÃO ANTÔNIO — Decerto. E é para isso que trabalho.

HELENA — Deve ser interessante a sua vida...

JOÃ ANTÔNIO — Por que diz isso?

HELENA — Pelo que ouví a seu respeito. Sei que é muito culto, que não precisa viver como vive... que tem capacidade para muito mais...

JOÃO ANTÔNIO — Perdão: aí é que a senhorita se engana. O lugar que escolhí é o que dá oportunidade para o máximo.

HELENA — De verdade?

JOÃO ANTÔNIO — De verdade, sim. Vejo que a senhorita é um espírito lúcido. Mas com certeza não tem, ainda, uma conciência bem formada a êsse respeito. Com a nossa convivivência, de agora em diante, esclarecer-lhe-ei alguns pontos. Verá, então, como tenho razão.

HELENA — *(Numa inflexão de surpresa).* Com a nossa con... *(Transição).* Isto é, quero dizer: com a nossa convivência o senhor me vai esclarecer sôbre certos pontos obscuros?

JOÃO ANTÔNIO — *(Sem afetação).* Foi o que eu disse.

HELENA — Já soube alguma coisa do que o senhor e seus companheiros pretendem. Achei ótima a idéia sôbre a escola...

JOÃO ANTÔNIO — E as outras?

HELENA — Tanto quanto as conheço, razoáveis. Mas difíceis de serem conseguidas... *(Reparando em uma garrafa com cálices)* Vou tomar um pouco de vinho... Quer também?

JOÃO ANTÔNIO — Aceito. *(Helena serve-o. Serve-se).* Bom vinho.

HELENA — Gosta?

JOÃO ANTÔNIO — Gosto. Gosto de tudo, aquí, aliás. Sua casa está posta com muito gôsto. E a senhorita integra, magnificamente, o ambiente.

HELENA — *(Com bom humor).* Minha avó acha que destôo. Diz que não tenho modos...

JOÃO ANÔNIO — Sua avó é fiel, naturalmente, ao tipo das moças de seu tempo. Mas a senhorita, dentro do rítmo moderno das coisas, é um complemento de harmonia.

HELENA — O senhor é amável...

JOÃO ANTÔNIO — Não disse para ser amável. Fui sincero, apenas.

HELENA — E é sempre sincero... assim?

JOÃO ANTÔNIO — *(Com simplicidade)* — Sempre que encontro uma criatura como a senhora.

HELENA — E' para agradecer?

JOÃO ANTÔNIO — *(Mesmo tom de simplicidade).* Não agradeça. Recolha-o apenas. E' seu.

HELENA — Quer dizer que, no seu ponto de vista, o que é nosso devemos ir recolhendo assim, naturalmente, por...

JOÃO ANTÔNIO — Por direito. Recolhendo... ou tomando, conforme o caso. Exigindo, quando preciso. Lutando, quando visam á nossa parte.

HELENA — Rebelde?

JOÃO ANTÔNIO — Não. Conciente, apenas, do lugar que cabe a cada um de nós e dos direitos que não podem ser negados... *(Estende-lhe o cálice, com naturalidade).* Mais vinho, sim?

HELENA — *(Servindo-o, já integrada no ambiente de intimidade que a segurança de João Antônio criou).* E se nô-los negam... êsses direitos?

JOÃO ANTÔNIO — *(Sem ênfase).* Será, então, uma questão de vida ou de morte.

HELENA — *(Deixando-se ir ao comentário sincero de sua impressão).* Quando se é assim cheio de vida, como o senhor, deve ser triste êste dilema: "A vida ou a morte..."

JOÃO ANTÔNIO — *(Sincero).* Não. Apenas uma ligeira escolha: a vida, em seu estado natural... quer dizer: a sua plenitude. Ou a morte, que é também um estado natural... digamos, oposto — no caso de falhar a oportunidade da vida.

HELENA — Quer dizer: para o senhor, tudo se

resume numa sucessão de oportunidades, realizadas ou falhadas...

JOÃO ANTÔNIO — De oportunidades *realizáveis.* Não entra em minhas cogitações falhar. E, se se falha, a falência é de momentos, apenas, — porque então se deve realizar, imediatamente, a oportunidade da morte.

HELENA — Então retifico: uma questão de oportunidade, simplesmente... *(Jão Antônio estende-lhe de novo o cálice, muito naturalmente, muito á vontade... Ela o vai servindo, aderindo a tudo, já, sem o sentir).* E têm sido sempre realizadas... as suas oportunidades?

JOÃO ANTÔNIO — Até agora, sim. Mas têm sido pequenas oportunidades. As grandes, os grandes páreos da vida... ainda não chegaram. *(Fixando-a).* Creio que se está aproximando um grande momento meu... *(Com intenção).* E espero vencê-lo.

HELENA — *(Espontânea).* Vencerá. *(Corrigindo).* Vencerá, naturalmente: o senhor confia na vida. Tem coragem... é forte...

JOÃO ANTÔNIO — Confia também na vida... a senhorita?

HELENA — Espero muito dela... *(Sorrí)* porque não tenho limites para os meus desejos. Mas confiar muito... acho que não confio.

JOÃO ANTÔNIO — Defeito de educação. Se a senhorita tivesse começado de outro modo, com a luta lhe viria a confiança.

HELENA — Tem razão. *(Sorrí).* Estou vendo que o senhor tem sempre razão... *(João Antônio fica a fixá-la, muito interessado, sem cerimônia. Pequeno silêncio. Depois...).* Não está cansado de esperar papai?

JOÃO ANTÔNIO — *(Distante)* Seu pai? *(Sorrí).* Ah! Sim. Não se incomode: a senhorita substituiu-o bem. Assim, sou capaz de esperar muitas horas...

HELENA — *(Fazendo um gesto para se erguer).* Vou mandar chamá-lo...

JOÃO ANTÔNIO — *(Detendo-a, num gesto muito natural)* Espere mais. *(Helena cede).* Ainda não me disse porque acha fácil a realização de nosso desejo quanto á escola.

HELENA — Acho fácil porque é: a construcção de um prédio, nas condições que os senhores propõem, não é coisa inatingivel. E depois, mesmo que papai recuse, conte comigo quanto ao prédio.

JOÃO ANTÔNIO — Com a senhorita?

HELENA — Comigo, sim. Tenho minha "fortuna particular": 150 contos que minha madrinha me deixou... *(Ri)* Sabe para que? Para meu dote.

JOÃO ANTÔNIO — E sacrificará assim... seu dote?

HELENA — Com prazer.

JOÃO ANTÔNIO — E não lhe viriam aborrecimentos, depois?

HELENA — Penso que não. *(Com bom humor).* Não perderei casamento por isso. Porque de duas uma: ou me caso com um homem desinteressado e, neste caso, não preciso levar dinheiro, ou meu marido será um fascinado de dotes, um técnico, digamos... e, assim, será até uma "gaffe" mencionar a ninharia de 150 contos.

JOÃO ANTÔNIO — Mas dará mesmo êsse dinheiro?

HELENA — Acha que não devo?

JOÃO ANTÔNIO — *(Sincero).* Acho que deve. E se seu pai recusar o que pedimos, saiba que o aceito.

HELENA — Pois está dado.

JOÃO ANTÔNIO — E' um pacto?

HELENA — Como quiser.

JOÃO ANTÔNIO — Obrigado. Aliás não me surpreende o que fez: de entrada vi quem a senhorita é.

HELENA — *(Com faceirice).* E' adivinho?

JOÃO ANTÔNIO — Quem sabe?... Talvez um pouco profeta...

HELENA — Prediz as coisas?

JOÃO ANTÔNIO — Não é bem isso... *(Olha-a com afeto, já).* Pressinto-as... *(Ligeiro silêncio. Leve embaraço quási comovido...)*

TERCEIRO ATO — CENA I

HELENA E MIGUEL

....

HELENA — Já leu o discurso do João Antônio?

MIGUEL — Já. E' um plano maravilhoso... isto é: seria maravilhoso se houvesse gente capaz de compreendê-lo. Não pense que pretendo depreciar o João Antônio: sei quanto êle vale. Por isso mesmo não tomei ainda a atitude que acho eficaz...

HELENA — *(Interrompendo-o, sorrindo, num gesto de bom humor)* Arrasar?...

MIGUEL — *(Depois de sorrir, continuando).* Se falo contra a orientação que êle está dando a isso tudo, é porque tenho experiência e sei que coisa alguma será conseguida assim. Ninguém perceberá que êle estudou; ninguém verá a grandeza do ideal que o anima...

HELENA — Ninguém perceberá, então, o sentido humano de suas atitudes? Ninguém sentirá que êle procura solucionar pela bondade e nunca pela violência?

MIGUEL — Não. A questão ficará nisto: êle protesta. Não importa que o faça serenamente: fora com êle.

HELENA — Não seja agoirento e pessimista. O senhor tem é preconceitos de classe: não dá aos burgueses capacidade de compreensão. Pois olhe: eu confio muito no poder de argumentação de meu marido.

MIGUEL — A senhora julga a todos por si própria. Como soube reagir contra os preconceitos, pular por cima de certas convenções como teve independencia suficiente para impor, a todos, o homem que elegeu pelo seu valor pessoal...

HELENA — *(Sorrindo).* Não sou um ser único. Há muita gente capaz de fazer o mesmo que eu... se encontrar na vida um homem como o João Antônio.

MIGUEL — A senhora está enganada. E é um ser único, sim. Moça nenhuma, na sua situação, faria o que a senhora fez.

HELENA — Mesmo diante da superioridade do João Antônio?

MIGUEL — Mesmo assim. Deixar luxo, festas, sociedade brilhante... para viver, exclusivamente, a vida de um modesto operário...

HELENA — Um modesto operário que é um homem encantador, o senhor esquece. E que não destoará, no meio mais culto... porque é, também, um intelectual.

MIGUEL — Mas aí é que está a sua superioridade: fazer questão apenas disso.

HELENA — Mas não é o principal?

MIGUEL — *(Depois de considerá-la algum tempo, com simpatia).* D. Helena, a senhora é, ainda, uma criança...

HELENA — *(Rindo).* Eu?!

MIGUEL — Ou quasi. Sua vida não tem tido tropeços. Eu, porém, já lutei muito, já sofri muito... Sei o que é o mundo e sei o que é o poder do mais forte.

HELENA — Embora... E' preciso ter confiança, fé no futuro, esperança...

MIGUEL — *(Com desanimo).* Confiança, esperança, fé... Quanta palavra vasia!... Não creio em nada disso. Não confio em nada... Isto é: confio na fôrça.

HELENA — Não diga isso. A vida tem coisas bôas e belas. Devemos procurar atingí-las com calma.

MIGUEL — A senhora não entende disso. Não falaria assim se conhecesse o sofrimento por experiência própria. Não quero dizer com isso que seja uma egoista: apenas não sabe.

HELENA — *(Condescendente)*. Talvez...

MIGUEL — Se tivesse como eu... Olhe: que diria a senhora se tivesse nascido de uma pobre rapariga orfã, recolhida por esmola, desviada por um rapaz da casa que a acolheu e atirada na rua, com um filho recem-nascido... *(Com amargura)*. Vi minha mãe esgotar-se no trabalho, matar-se a lavar roupa para me manter. Vi-a, depois, sem energias, sem estímulo, buscar um meio de ganhar a vida que lhe pareceu menos esfalfante... Vi-a passar de homem a homem... Vi-a perder todas as reservas de dignidade humana... incapaz de voltar ao trabalho, porque é uma linda mentira esta história de regeneração: quando se desce ao máximo, é inútil tentar a subida. Perde-se a fôrça, toma-se até o gôsto da degradação, fica-se passivo diante do vício... *(Ligeira pausa)*. E vi-a depois morrer aos poucos... *(Fica calado, o olhar perdido numa visão distante...)*

HELENA — *(Emocionada)*. Era muito pequeno quando ela morreu?

MIGUEL — Tinha 12 anos. Conhecí, então, tôdas as humilhações... os máus tratos mais revoltantes. Fui entregador de uma venda: sofrí do proprietário. Tentei a casa de família... numa vaga e inconciente esperança de um ambiente de carinho. Piorei... *(Com azedume)* A família!... Perseguiam-me da manhã á noite... Aos 14 anos caí no mundo. Durante dois anos viví na vagabundagem, comendo os restos dos restaurantes, pedindo niqueis nas ruas, furtando, quando podia... Estive preso. Quando prendem um menor, limitam-se a maltratá-lo, a incutir-lhe o pavor da lei. Não cuidam em colocá-lo em uma escola, não cuidam em prepará-lo para poder ser um homem honesto. De cada vez que me davam liberdade, meus sentimentos estavam mais embrutecidos, ainda. Mas soltavam-me sempre: as vagas nos patronatos escasseiam... Depois... *(Sorrindo, tristemente)*. Estou a caceteá-la, não?

HELENA — *(Sincera)*. Absolutamente. Continue. Como chegou a ser o que é? Como se resolveu a ter um ofício? Porque estudou?

MIGUEL — Por odio. Por vingança.

HELENA — Como?

MIGUEL — Eu sabia quem era meu pai. Filho de um figurão da localidade... Um dia deu-me curiosidade de espiá-lo: êle havia chegado, depois de 15 anos de ausência. Tinha casado. Progredira. Um político de nome... Fui rondar a casa de meu avô. Ví meu pai sair: tive ódio de mim, porque me pus a olhá-lo, embevecido, quasi terno, imagine... Estavam com êle dois rapazes, mais ou menos de minha idade. Vestiam lindas roupas. Pareciam-se comigo... Passou-se, então, uma coisa inesperada: uma ânsia de atirar-me a êles, a meu pai que me abandonara, que nunca quisera saber minha existencia, a meus irmãos que teriam vergonha de mim... não para maltratá-los, mas para estreitá-los em meus braços, pedir-lhes carinho, afeto... Foi quando tive a nítida certeza da ansia de ternura que eu recalcava... *(Cala-se. Ligeira pausa)*.

HELENA — *(Comovida)*. Falou-lhes?

MIGUEL — Não. Eles tomaram o automóvel... foram-se... E eu agarrei-me ás grades do jardim... e alí me deixei ficar, chorando largamente, como não o fazia desde criança, num estravasamento de angústia longamente sufocada. Aquilo me desembruteceu: recuperei a minha sensibilidade, que despertou numa agudeza invencível para o sofrimento...

HELENA — E o ódio? A vingança?

MIGUEL — Vieram depois. Foi a reação. A's lágrimas sobreveio a revolta: cresceu em mim uma vontade enorme de ser gente. Procurei o professor da localidade e pedí-lhe que me ensinasse, mediante trabalho. Fiz progressos. Escolhí meu ofício. Lí muito... Misturei muito, mas adquiri certa ilustração. E aquí estou...

HELENA — Isso não prova que se pode vencer tudo? Com serenidade, sem fúrias depredadoras?...

"PARIS EM 1934"

DE

ABEL SALAZAR

Um livro de crônicas enriquecido pela sensibilidade do artista e pela interpretação objetiva do sábio. Paris de 1934 — Paris de hoje.

A' VENDA NA REDAÇÃO DE **ESFERA**

Preço .... 15$000
Pelo correio (com registro) .... 15$500

Pedidos para GERENTE DE ESFERA — Caixa Postal, 1219
RIO DE JANEIRO

Revelação de Zola

Walter da Silveira

A compreensão de um autor só nasce quando a sua obra se torna inteiramente atual. Antes que surjam condições próprias, subjetivas e objetivas, para a sua inteligencia, o criador de uma grande obra pode ficar sendo admirado e lido pelos intelectuais, pelo insignificante grupo dos escafandristas do espirito sem que seja amado nem sentido pelas massas, em seus raros momentos divinatórios de consagração.

Ha autores que, por seu obscuro intelectualismo, pela alta simbologia de que se revestem as suas concepções, pela falta de humanidade mesmo dos seus temas, não serão entendidos nunc apelo povo, ou ao menos enquanto a cultura fôr privilégio de uma élite, monopólio de uma pequena minoria, e a sensibilidade coletiva não atingir ao ultra-refinamento de certos pensadores e artistas. Esquilo, Dante e Goethe são tres exemplos classicos na literatura, como Beethoven, Debussy e Wagner são tres indices relevantes na música.

Ha autores, porém, que, embora revestidos de uma enorme clareza narrativa, de uma extrema simplicidade de estilo, de metodos puramente objetivos, podem, na época de sua aparição, passar de todo desapercebidos, sem o minimo sucesso, somente mais tarde se tornando notorios e queridos, como igualmente podem se celebrizar ao tempo em que surjam, causando, muitas vezes, escandalo, conquanto sem exata receptividade critica, para, em seguida, mergulhar num eclipse mais ou menos longo de esquecimento, de desamôr, até mesmo de impiedosa anatematização, eclipse que só finda quando, por circunstancias propicias ao advento de sua lucida compreensão, resurgem definitivamente interpretados.

Emile Zola pertence á ultima classe. Escritor viril que, a cada nova edição, fazia correr um frêmito de fingida revolta pela hipócrita sociedade franceza do seculo passado, chocada com as duras verdades por si enunciadas, e que, por isso mesmo, simulava não sentir o extraordinario realismo dos seus romances, entrou, depois desse periodo de incômoda celebridade, numa fáse de ostracismo e de degradação, em que viveu deslembrado por uns, inferiorizado por outros, criticado ainda por muitos, embora jamais perdesse o amôr e a admiração dos largos éspiritos fraternais.

Durante esse **"temps de mépris"**, que se arrastou por mais de trinta anos, a preocupação máxima dos inimigos de Zola, inimigos de sua vida e de sua obra, foi controlada no sentido de apagar os traços de sua passagem marcadamente renovadora, de faze-lo considerado um escritôr de plano secundario, havendo uma verdadeira sinergia de esforços para desvirtuar a realidade humana e social das suas teses. Apresentaram-n'o sempre ás novas gerações, aos eternos ociósos das cousas belas e verdadeiras, áqueles cuja ignorancia impedia o seu conhecimento, como um romancista que só visava o "lado máu" da vida, compondo quadros negativistas e deletérios, como um critico cujo objetivo era a polemica atraidora de atenções ou como um político e como um homem que negavam pela ação tudo o que anteriormente o escritôr doutrinára. Propiciatoriamente para essa campanha, as classes para as quais Emile escrevia, a que devotava uma enorme ternura, para as quais previa mesmo um esplendido futuro, cuja ardorósa germinação se operava deante dos seus olhos, que êle próprio fixava em seus romances, não haviam ganho, por tal época, a conciencia precisa á perfeita compreensão de sua obra. Deste modo, os reacionários politicos e literarios consquistaram, em certas camadas, ou o absoluto sepultamento do nome de Zola ou uma arraigada aversão por toda a sua bibliografia.

O cinema, até ha pouco mal-visto e desdenhado, ao qual muita gente ainda nega as infinitas possibilidades de fixação e sugestionamento, veiu acabar, definitivamente, com toda essa manobra sórdida, historiando, na téla, "A vida de Emilio Zola". Milagre de interpretação biográfica, graças ao genio indiscutivel de Paul Muni, esse film classico, que vale por um documento histórico e uma mensagem ideológica, apezar de conter graves defeitos de fundo e de forma, serviu não só para revelar a autêntica individualidade de Zola como igualmente para demonstrar que o cinema, com os seus processos simples e objetivos, a sua atuação direta sobre a alma do espectador, é o meio de expressão mais facil de ser entendido pelas massas, sendo talvez o unico pelo qual se possa accessivelmente desvendar ao povo os mais complexos problemas.

O Zola desprezado, esquecido e detratado de ontem é hoje no mundo todo, em razão dessa exagese bio-cinematografica, a figura mais discutida, mais amada e, sobretudo, mais compreendida. Aqueles que o ignoravam tem-n'o agora por um amigo, por alguem que parece viver ao nosso lado; todos quantos o hostilizavam se vêm, de súbito, desmascarados, na cínica impudencia dos seus propositos.

Porque, porém, essa identidade entre Zola e nós, quais os fundamentos dessa afinidade entre as suas tendencias e as tendencias contemporaneas?

Para os sinceros analistas dos fenomenos intelectuais, essa compreensão antecipada do mundo de hoje que na obra émiliana se contém, e que proporciona a vivida atualidade do seu conteudo, não existiria ou não seria possivel si o determinismo social que leva de vencida os povos, e os obriga a marcharem para certos caminhos, assim como deu causa, até ha pouco, ao absurdo desprezo ou obscurecimento da obra zoleana, não désse origem, agora, a imperiósas condições que possibilitam a sua receptividade coletiva.

Do contrário, não se explica que um escritor como Zola que, sob um estilo tão incisivo, tão espontaneo e tão transparente, expunha teses tão profundas e desassombradamente realistas,

passasse todo êsse periodo de banimento, isolado das massas, para alcançar, de surpreza, através do cinema, a sua idônea tradução universal.

Porque, em verdade, os mesmos fatores subterraneos que provocaram em Zola aquela rebeldia literaria contra o Romantismo deformador e aquela agressividade ideologica contra o meio parisiense, dando nascimento a toda uma série de romances épicos e anti-dostoiewskianos, em que as massas e os ambiente são as personagens principais, impregnados todos de um alto sentido de liberdade e humanização da vida, são os mesmos fatôres que inspiram os grandes romancistas do mundo atual e que mais não são nem desejam ser do que interpretes avantajados dos sentimentos que palpitam, inexpressos, no seio das multidões. Sentimentos que tambem gravam, com o seu ritmo agitado, as cenas de "A vida de Emilio Zola", e funcionam como agentes de sua identificação com o clima social moderno. O cinema atua, deste modo, no caso, como um elemento democratizador, tornando conhecida uma figura, que embora representativa, jazeria ignorada para muitos, sem a sua dinamica reveladora.

Não só isso, adaptando ao "écran" os processos interpretativos de que se valem os biógrafos literarios — situar o biografo no tempo e no espaço, para melhor compreensão de suas idéas e atitudes — êsse ensaio sôbre a existência de Zola o procura fixar dentro da França do seculo XIX, tão contraditória e tão inquieta cómo a do seculo XX, com o alvorecer de tendencias hoje em toda a plenitude ou já naquele tempo totalmente firmadas. Emile representava então, como ainda o poderia representar, a tendencia renovadora da sociedade em luta com a tendencia conservadora dessa mesma sociedade. Um tipo de vanguarda. Seus romances, seus dramas, seus artigos, são a objetivação daquela tendencia e "Germinal", "Tereza Raquin" e "J'accuse" amostras evidentes dessa objetivação.

Estudando Zola como um homem cujos fins literários eram o desvendar de novos horizontes, como um escritor que, mesmo depois de velho e aburguezado, soube retornar ao entusiasmo sadio e desinteressado da juventude para proclamar a inocência de um indefeso militar, a pelicula o destaca, em "close-ups" individualizantes, como a um tipo de exceção que emergisse das massas, visualizando dramas e epopéias que alguns desconheciam por inconciência, mas de que muitos não cogitavam por cobardia. A origem humana de "Náná" revelada pela cêna do encontro com Emile, elucida o processo zoleano de composição, que extraía da realidade mais pura o "leit-motiv" das suas creações, como a campanha Dreifus nos sugere o espirito democratico e insubmisso de Zola, que, conquanto obscuramente, já previa o fenomeno anti-judaico, e tentava produzir, indiréta e precursoramente, a defeza dos semitas.

E como um largo cenario, onde Zola aparecesse projetado em primeiro plano, o panorama politico, social e literário do Paris antigo, com os seus conflitos psicologicos, os seus erros judiciarios, os seus contrastantes aspectos economicos, as suas lutas quotidianas causadoras de tragedias, a sua fisionomia, enfim, igual — igual á fisionomia hodierna.

Por tudo isso é que nós nos encontramos no film, que vivemos dentro da sua ação e entendemos o seu significado simbolico, passando, tal a força convincente de sua dialética, da permanente passividade de espectadores desinteressados para um frenetico delirar coletivo de aplausos de solidariedade e compreensão. Principalmente, os intelectuais, aqueles que vivem de escrever e em cada página que escrevem deixam um pouco de sua vida, como se acham facilmente no film, como sentem como sua a cêna da despedida entre Zola e Cezanne, com aquelas duas tendéncia opostas, por si vividas e representadas, e que só podiam mesmo se distanciar: o intelectual que enriquece mercantilizando o talento e o artista que vive e morre na pobreza para não prostituir o espirito.

E surjam, agora, as "mascaradas" que surgirem, Emile Zola, como escritor e como politico, duas faces do mesmo homem corajosamente idealista, viverá para sempre, na consciência das massas, como uma dessas almas livres e sinceras que, por se preocuparem demasiado com o aperfeiçoamento da humanidade, são apontadas á publica execração como delinquentes amorais e perigosos...

(Especial para "Esfera")

LIVRARIA ODEON

157 — AVENIDA RIO BRANCO — 157

TELEFONE: — 22-1288

CAIXA POSTAL, 460 — END. TELGR.: "LIVRODEON"

RIO DE JANEIRO

LIVROS DE MEDICINA, ENGENHARIA, DIREITO, DIDÁTICOS. LITERATURAS BRASILEIRA, FRANCÊSA, PORTUGUÊSA E ITALIANA. REVISTAS E FIGURINOS DE MODAS.

ENCOMENDAS. SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE.

A Formação do Mundo Moderno

FABIO CRISSIUMA

III) A LUTA PELA CENTRALISAÇÃO

a) França

Carlos o Simples, Luis IV d'Alem Mar e Lotario já haviam compreendido a necessidade de um dominio territorial que lhes servisse de ponto de apoio para a reconquista da soberania real: lançaram os olhos sobre a Lorena que, apos a extinção da descendencia de Lotario, se achava na órbita do Santo Imperio Germanico, passando de mão em mão. Não havia outro domínio disponivel: as terras de França se achavam em mãos que não as largariam.

Escolhidos pelos nobres, que talvez julgassem demasiado poderoso o carolingio Carlos da Baixa Lorena, a Capeto limita-se a permanecer: negado por uns, como aquele orgulhoso conde de La Marche que se diz "conde pela graça de Deus", consegue aos poucos ser reconhecido como suzerano até pelo longinquo conde de Barcelona. Para fixar o título real na familia faz eleger e sagrar rei o filho, como fazem os demais capetingios após ele. Só Filipe Augusto, "de grand rassembleur de terre française" julga-se bastante seguro para dispensar tal prática.

O primeiro capetíngio é obrigado a diminuir o seu dominio, que se tornara o domnio pessoal do rei, cedendo Dreux ao conde de Blois e Melun, Corbeil e Paris a Bouchard de Vendôme. E' o preço das dedicações.

Seus sucessores, porem, iniciam a luta pelo engrandecimento do dominio real, por compra, herança ou o uso dos direitos de suzerania.

Roberto incorpora o ducado de Borgonha que uma questão doméstica força Henrique I a ceder ao irmão — inaugura-se a dinastia capetíngia de Borgonha que finda com Filipe de Rouvre e consequente reversão do ducado á corôa (1361).

Filipe I luta com a Igreja na questão das investiduras e sofre a excomunhão maior, mas não cede. Instiga lutas intestinas nos grandes feudos, lança o conde de Flandres contra o duque de Normandia, seu tio, intervindo pessoalmente nestas lutas. Dreux, Corbeil, Melun e Paris já haviam sido recuperados pelo rei Roberto. Felipe compra o viscondado de Bourges, reivindica e obtem Corbie, o Vexino e o Gatinês.

Luiz VI o Gordo consolida o seu dominio, extinguindo os pequenos feudais, verdadeiros bandidos. Montlhéry, Puiset, Couci caem em suas mãos; este ultimo pertencia ao terrivel Tomaz de Marle e a luta dura 16 anos. Ao lado desta função policial Luiz desempenha com provetio a administrativa, organisando o seu dominio, creando prebostes em Sens, Paris, Orléans, Bourges, etc, e fiscalisando-os. Retira aos grandes feudatários os cargos de grandes oficiais da coroa. Impõe-se aos feudais e torna efetiva a suzerania da coroa no ducado de Normandia e no condado de Champanha.

Luiz VII o Jovem desposa a herdeira da Aquitania, Leonor ou Alienor, e parece que vai triplicar o dominio real. Divorcia-se, porem, e Leonor leva a Aquitania á casa de Anjou, senhora da Normandia e da Inglaterra. Luiz VII não aumenta o seu dominio mas faz-se reconhecer suzerano na Bretanha, no Anjou, na Aquitania, em Tolosa, Narbonne e Auvernia. Prepara o caminho para o astuto Felipe Augusto.

Este destroi o imperio anglo-normando-aquitanio. Apoiando os filhos de Henrique II Plantageneta contra o pai, João sem Terra contra Ricardo Coração de Leão, aproveita-se da usurpação do trono da Inglaterra por aquele e do assassinio de Artur de Bretanha. Cita João sem Terra á côrte feudal e pelo comisso, reune á coroa os grandes feudos de Normandia e Anjou. Faz do casamento um negocio: desposa Izabel de Hainaut, sobrinha do conde de Flandres e obtem Arras, Sait-Omer e Hesdin. Reivindica, como suzerano, a herança de Izabel de Vermandois, condessa de Flandres — o Vermandois e o Valois. Com o direito de resgate obtem Montargis e Gien, na transmissão da herança do conde de Nevers, Bray e Montereau na do conde Champanha, o Artois, Ardres, na do conde de Flandres. A vitoria de Bouvines coroa pelas armas esta politica de toga.

Luiz VIII herda de Amaurt de Montfort o Lamguedoc que este havia conquistado na guerra contra os Albigenses; pela força, obtem os viscondados de Béziers e Narbonne, as cidades de Carcassona e Avinhão. Mas o dominio real se fragmenta pela creação dos apanagios para seus filhos: Artois para Roberto, Anjou e o Maine para Carlos, a Auvernia e o Poitou para Afonso. Os grandes feudais apanafistas porão mais tarde em perigo a estabilidade do trono e a unidade do reino.

São Luiz compra ao duque de Borgonha o condado de Macon, onde aliás já havia um preboste real e obtem de Tibaldo IV de Champanha a suzerania de Chartres, Chateaudun, Blois e Sancerre. Cria tambem apanagios, como Clermont para seu filho Roberto, fundador da familia apanagista de Bourbon.

Felipe III herda de seu tio Afonso o apanagio do Poitou e o condado de Tolosa; compra o condado de Guines, Honfleur, Fêcamp e se a Eduardo de Inglaterra e ao Papa, cede, respetivamtnte, o Agenês e o Avinhão, casa o filho (Felipe IV) com a herdeira da Champanha, reunindo definitivamente á coroa o condado e, transitoriamente, o reino de Navarra, então nas mãos da casa de Champanha. Cria entretanto apanagios para os filhos. Valois e Anjou para Carlos, o fundador da casa real de Valois e Evreux para Luiz fundador de uma casa real de Navarra.

Na reinvicacão o rei tem como auxiliares o clero e os legistas. O uso do Direito Romano na centralizacão do poder invoca para o rei os direitos de Cesar: e não só o Direito Romano mas os costumes e direitos feudais dão a Felipe Augusto e São Luiz oportunidades magnificas que não são perdidas. Mas Felipe Augusto e S. Luiz, na administracão, nas financas e nos exercitos são ainda suzeranos e não monarcas modernos. Os seus exercitos são formados pelas hostes feudais e os seus recursos financeiros são o auxilio e os impostos ainda feudais.

O ultimo dos grandes capetingios diretos, Felipe IV, o Belo, rei de Franca e de Navarra, com o auxilio de legistas e financistas, como Guilherme de Nogaret a Enguerrand de Marigny, reivindica os direitos imperiais do Cesar romano, convocando tropas e levantando impostos fora das tradições feudais. Estende a sua ação fiscal até os dominios eclesiasticos, o que

UMA EXPOSIÇÃO

SILVIA

A exposição Luis Soares no salão da Casa do Estudante foi um acontecimento inédito. O ambiente se harmonisou plenamente com os motivos populares do artista pernambucano. A obra de Luis Soares é joven pela sua frescura, pela sua simplicidade e pela sua pureza. E' antes de tudo expontânea e nisso consiste o seu maior mérito.

Hoje em dia os conceitos dos grandes técnicos do desenho ou da pintura importam menos do que a sensibilidade do maior grupo. Certa vez André Derain declarou que Vlaminck com os dons que possuia, se trabalhasse, seria um grande artista. O enorme Vlaminck nas suas reflexões pôs-se a conjecturar. "Que será trabalhar?" "Copiar os mestres?" "Adquirir uma impecavel virtuosidade técnica?" Não. Nesse sentido Vlaminck nunca trabalhou. Ele mesmo o diz quando confessa — não trabalha, pinta. Pinta dando o seu potencial de criação. Dá o que está nêle, sem fórmulas estabelecidas, sem "empréstimos de mestres, de mortos ou de museus".

A pintura de Luis Soares é a expressão de um ambiente encerrando determinada vida. Nela são sempre predominantes a paizagem e a coletividade. O homem isolado não sobresai, ao contrário, se integra no conjunto. Os homens reunidos tomam a força da massa em conciencialisação. O homem-indivíduo dá a medida exata do exemplar brasileiro das camadas menos favorecidas. As paizagens exibem côres tropicais avivadas sem deformações. Raramente existe o traço forte que separa, que acentua, que explica com imposição. Prevalece o traço que morre em suaves esfumados, que desaparece sem grandes saliências. A expressão é que embeleza muito. A nostalgia das costas rasas, mansas e silenciosas. Os gestos místicos dos coqueiros e os troncos de árvores respeitáveis se erguendo sobriamente. Quando ha gente sente-se o papel de complemento. Nunca com formas muito cuidadas — não constituem o principal. Sente-se a naturesa maior do que o homem, mais poderosa. A multidão porém é o máximo do artista. No "Frevo", por exemplo, o mais belo quadro da exposição, ha transmissão de emoção. Imprime com vigor o significado de uma manifestação popular. As caras dos negros e mulatos são genuinamente brasileiras. Não são arredondadas a moda Picasso, com preocupação de volume. As côres bizarras das roupas, vermelho-azul, exteriorisam uma alegria necessaria e visual na vida dos trópicos. E' de fato joven a arte de Luis Soares. Não tem idade. Não envelhece.

---

o põe em conflito com o Papa. Bonifacio VIII fulmina bulas sobre bulas mas é preso em Agnani pelos Colonna e Nogaret. O novo papa, um francês, Bertrand de Got (Clemente V) se instala em Avinhão e serve o rei de França no processo dos Templarios.

Felipe compra os condados de Chartres e Beaugency e confisca os de La Marche e d'Angouleme, assim como o senhorio de Lusignan.

Tres reinados em quatorze anos, cheios de preocupações de sucessão não permitem o acrescimo de poder e de terras ao rei.

A ascensão ao trono de um Valois, Felipe VI, faz passar á casa de Evreux a coroa da Navarra; Carlos IV trocara o condado de La Marche, de que fora titular, com o de Clermont, erguendo aquele, com o senhorio de Bourbon, em ducado de Bourbon para Luiz, filho de Roberto de Clermont.

Ao subirem os Valois, alem do dominio real, ha em França os ducados de Borgonha, Bretanha e Guienna ou Aquitania, o condado de Flandres Avinhão, terra papal, sem contar os apanagios dos descendentes de Luiz VIII, condados de Artois, de Evreux, ducados de Bourbon de Alençon e os pequenos senhorios.

Mostramos como com Luiz VIII e S. Luiz, a realeza se julga bastante fixa para crear apanagios, alienar terras. E' verdade que, voltam as caixas de reversão, em breve á coroa os condados de Maine, Anjou e Artois.

O segundo Valois, João o Bom, cria novos apanagios: Anjou, elevado a ducado, e Maine para o segundo filho, Luiz; Berry, com a Auvernia para o terceiro, João, tambem com o titulo de duque; emfim o Artois e a Borgonha, que revertera á coroa com a morte de Felipe de Rouvre, ao ultimo filho e o mais querido, Felipe. O casamento deste com a herdeira de Flandres cria a famosa casa de Borgonha, rival da casa real e que finda miseravelmente com Carlos o Temerario, o grão duque do Ocidente.

Carlos V herda o Delfinado, compra Dreux, confisca Evreux ao primo Carlos o Mao, de Navarra. Dá porem ao segundo filho, Luiz, a Touraine com o titulo de duque, a que são acrescentados o Orleanês, Blois, Angouleme, Dunois, Longueville, etc.

A guerra dos Cem Anos expulsa os ingleses da Guiena, mas em compensação erguem-se, poderosas, as casas d'Albret, de Foix e de Armagnac, favorecidas pelos reis franceses, a cuja familia se aliam.

Mas com Luiz XI ressurge a antiga politica: o rei herda do ultimo membro do ramo de Anjou este ducado, o condado do Maine e o de Provença, terra imperial, vestigio do reino de Arles. Reivindica a Borgonha apos a morte de Carlos o Temerario e casa o filho, Carlos VIII, com a herdeira da Bretanha. Confisca, ainda, por crime de alta traição, os condados de Saint-Pol e Armagnac.

A morte do duque de Berry, durante o reinado de Carlos VII, fizeram reverter á coroa o Berry e a Auvernia, que o rei cede ao duque de Bourbon, seu parente.

Luiz XII, do ramo de Orleans, reune á coroa o seu apanagio e conserva a Bretanha, desposando a viuva de seu predecessor.

Francisco I traz Angouleme e Valois, herda Alençon por morte do ultimo duque, seu cunhado, e confisca ao condestavel de Bourbon o ducado deste nome, a Auvernia e o condado de La Marcha. O ducado de Vendôme, os dominios da casa d'Albret, inclusive a Navarra, são trazidos por Henrique IV, o Bearnês, filho de Antonio de Bourbon, duque de Vendôme e Joana d'Albret, herdeira da Navarra.

Do pequeno dominio de Hugo Capeto os seus herdeiros haviam feito uma nação: a ideia de que, quem tem a terra, tem o dinheiro e o poder havia guiado os Capetingios á reconquista da França.

Ao fenomeno historico francês, de concentração da terra nas mãos do rei, anteporemos o fenomeno alemão. O primeiro via uma França unida desde o seculo XVI; o segundo manterá uma Alemanha e uma Italia fragmentadas até o seculo XIX.

PRISÃO

ABELARDO ROMERO

Pouco mais de uma hora para vir de casa ao escriptorio. Entro, subo no elevador, olho automaticamente para o relogio, que fica defronte da secretária. E' uma cara redonda a cantar a musica do tempo em compasso binário. Depois, é a folhinha, que fica debaixo do relogio. E isso toda manhã, ao chegar, e várias vezes durante o dia. Quando quero descer, olho para o relogio. Quando quero saber o dia em que estamos, quando acaba a semana, se falta muito para acabar o mês, olho para a folhinha. Apezar de tudo, ainda espero uma surpresa, um terremoto, uma guerra, ou uma revolução que venha abrir vagas nos ministérios. Tenho esperança de que as coisas melhorem, ou peiorem mesmo, contando que mudem. Quero sair, quero voar.

Mas, a solução tem que ser esta: anular-me ou cometer uma série de semvergonhices, contanto que chegue a tomar pé de igualdade com o amigo Luna. Não me venham falar em resignação. E' inutil e é ridiculo. Essa planta não vinga, não pega dentro de mim. Sou sáfaro, não presto para crear raizes, para viver preso como essas árvores aí na rua, debaixo da janela, que só gozam da liberdade minguada de agitar as mãos verdes no espaço apertado, na atmosfera envenenada de gasolina... Entretanto, sou um homem preso, vivo numa prisão. Reajo, sabendo entretanto que não adeanta, que a minha libertação não depende de mim. Aliás, para ser sincero, não creio nessa vitoria. Assim falou Zarathrusta. Por isso não vou parar. Ando, escrevo.

Não, por enquanto faço a ponta do lapis, olho o tempo. Dulce atirou um troço — não sei o que é — em cima de minha mesa. Foi-se o tempo em que me apressava. Lá em baixo — o desfile negro-espelhante dos automoveis, o verde encardido dos bondes concavos. As árvores tremem no chuveiro da luz. A parede defronte é um espelho de malcacheta. A vida é uma beleza, e eu não posso sair como o amigo Luna.

Escrevo. O datilógrafo chegou a está observando a máquina. Quando a máquina emperra, ouço o farfalhar da árvore que dá sentinela debaixo do edificio. Ouço o rumor da vida: trilos, roncos, passos, vozes. Adivinho chapéus, caras conhecidas, caras desconhecidas, sapatos, calças desenfestadas, portas abertas, mostruarios, gravatas, frascos de cheiro, navalhas. A's vezes chego a sentir a luz cegante da carritilha dos bondes. A's vezes chego mesmo a ver a página da frente dos jornais mais conhecidos. Cabeçalhos grossos gritando admirações! Quero sair, quero ir ver a vida de perto. Isto de ficar preso o dia todo é um suplicio. Quero viver como Luna. Envelheço curvado sôbre os papeis. A vida freme lá fóra. Passo em revista de memória as salas de exibições, no verão, quando as roupas claras dão uma sensação de luar perfumado numa beira de rio cheio. E eu não posso ir ao cinema.

O datilografo ainda está ageitando a máquina. O gerente chegou agora mesmo, trazendo um jornal. Senta-se e abre o jornal, fazendo dos olhos automovel sôbre a pista das linhas impressas, procurando emoções. Daqui só vejo a manchette. Quero começar o serviço, mas não sei como dominar esta lassidão. Faltam-me ideias. Minha imaginação anda a passo de kagado. Queria ler o jornal. Mal ponho os olhos nas letras, porém, noto que as letras vão engrossando, vão engordando, vão creando relêvo, vão se ramificando, vão esgalhando e subindo. São árvores agora. Estou perdido numa floresta de letras.

— Esta maquina está encrencando muito, hoje!

Não há dúvida, as letras estão mastigando a fita como gafanhotos em cima de uma folha nova.

— Está horrivel, mesmo!

O gerente levantou-se, e lá vem examinar a máquina.

— Agora não sei, mas já foi muito boa.

Põe os dedos nas teclas, e fórça. Mas uma das letras fica de pé, sem querer cair sôbre a fita.

— E' verdade, até as letras já querem fazer gréve... — digo e olho para o gerente.

O gerente não compreende. Passou uma infancia de contos de fada, uma mocidade promissora e está gosando agora uma esplendida maturidade.

Que horror, pois não são dez horas ainda? O gerente desceu para falar com o superintendente. Dulcinha sentou-se na cadeira de mola e está lendo o jornal. As páginas tremem entre os dedos morenos como tabletas de chocolate.

— Que horror!

Quero ver de perto o motivo de sua admiração. Ora, o incendio de um dirigivel. A minha primeira é de ordem estetica. Que beleza! Um peixe de aluminio carbonizado no éter. A segunda é de ordem emocional. Sensacionalismo Penso no fotografo que teve a ventura de bater o flagrante. Vejo a objetiva caçando as visões fugidias no espaço embuçado do amanhecer. Vejo os cabelos brancos de Hearts, a cara de Scrips, polpas vegetais se desenrolando entre as gengivas de aço das rotativas de Marinoni. Só no fim é que venho a pensar nos milionarios qu eiam a bordo. Dulcinha está escandalizada. Que pensará o amigo Luna?

—Que dia é hoje? Olho para a folhinha. Que mês comprido! E o relogio, parece que está parado.

O destino do nosso amor

(Especial para ESFERA)

Quando a ausencia retiver as formas do seu corpo,
ha de ficar em Minha retina
imperecivel, inexhoravel,
configurada na expressão do nosso amor,
a angustia de sentir o inevitavel dessa separação.

A Minha emoção recolherá então, a efemeridade desse tempo
para consubstanciar numa lembrança indestrutivel,
o sentido eternal dessa atração que nos uniu.

Mesmo que a morte apague as linhas da sua Beleza,
e se realize a decomposição das suas formas que me dominaram.

não ha de perecer em Mim
à razão estética da nossa união,
para que no Meu ser essa recordação
seja como um marco de angustia consoladora.

D' ALMEIDA VITOR

Sobem no elevador. E' Luna. Veio conversar comigo, um pouco por camaradagem e outro pouco por vaidade. Veio contar as ultimas aventuras. Abraço-o. Noto que está bem vestido, cheiroso, e ainda traz raios de sol nos cristais dos oculos novos.

— Então, que é que há

Luna não parece comigo. Não fala baixinho, nem olha para o chão. Fala alto, conversa passeando, agitando os braços. Veio contar-me a fita que foi ver ontem na Cinelandia. E eu vejo uma nuvem de gafanhotos destruindo as soberbas culturas da loess. Gafanhotos de Kepis perneiras brancas, baionetas caladas em cima das azas. Penso na guerra — Luna anda de um lado para outro, e Dulcinha não tira os olhos de cima. Mas êle está enjoado de mulher. Quando vim trabalhar aqui — ainda me lembro como se fôra hoje — fiz a barba e vesti uma roupa nova, a unica que então possuia. Ao entrar, antes mesmo de falar com o gerente, ela olhou para mim dêsse mesmo geitinho. Interessei, muito naturalmente. Dulcinha me viu como numa página dupla de revista de cinema. Poses e roupas variadas. Mas no dia seguinte olhou para os meus pés, e eu escondi os sapatos debaixo da mesa, desiludido,.

Hoje finjo não ter o menor interesse por ela. Mas ainda tenho esperança de ver o escritório voar pelos ares, um dia, para me vingar do superintendente. indiretamente, é o culpado do meu fracasso sentimental com Dulcinha. Mas um dia me vingo.

O amigo Luna já foi-se embora. O gerente voltou. Dulcinha já está se pintando para sair. Sae antes dos homens, mas que vae-se fazer? Sinto as costas ordendo, curvado sôbre os papeis que ela atira sôbre a minha carteira. Naturalmente ganha mais do que eu, fóra agora os presentes do superintendente, baile e cinema de graça. Amanhã é quarta, depois é quinta, depois sexta, sabado, domingo. Domingo não tenho dinheiro e continúo preso em casa. Leio os jornais, na esperança de saber de um grande desastre. Penso em Dulcinha, no superintendente. Depois me enconto á janela, olho para um lado, olho para outro. O morro enrugado de pedras e as casinhas cobertas de folhas de zinco que ardem ao sol como chamas chatas...

Do outro lado passam bondes para a cidade. Segunda feira me vitso, corro, subo no elevador.

O relogio. A folhinha. Dulcinha bota uma porção de papeis em cima de minha mesa.

Eu continúo preso. E a vida corre lá embaixo.

(Especial para ESFERA)

Matei um homem !

AbguarBastos

O meu mais hediondo crime, mais hediondo exatamente porque cheguei ao requinte de preparar e acompanhar o enterro da minha vítima, foi cometido ás onze horas da noite, de um dia de verão.

Muita gente me tem felicitado por esse crime.

Fazem-no, não sei si ironicamente, ou por piedade. Alguns amigos até me disseram que eu praticára um "bonito" crime.

Ainda que tais felicitações tenham sido transmitidas em segredo, por causa da policia, elas, ás vezes, me têm consolado. Contudo, em várias ocasiões me pergunto: o homem merecia morrer? Não poderia tê-lo salvo?

Sinto irremediavelmente que não. O homem precisava morrer, mesmo porque eu só poderia ficar satisfeito depois que ele morresse.

Peguei-o de emboscada, arrombei-lhe o peito. Foi um tiro bonito, sem duvida. Um tiro de pontaria inglesa. Um tiro que até poderia ser aproveitado no peito de muitos patifes que conheço.

Mas, o que positivamente me enche de remorsos não é bem a morte desse homem. E' a minha perversidade, a minha incrivel perversidade. Não me contentei sómente em matá-lo. Joguei-o nágua, num rio tenebroso. Deixei-o dois dias insepulto. Expuz-lhe o corpo viscoso e cheio de placas á furia de moscões selvagens. Deixei-o, a beira da cova, muito tempo, sob um sol terrivel. Afinal abandonei-o, num barranco, numa hora erma, infeliz e distante.

Além do mais fui um dos seus acompanhadores, ajudei a enterra-lo, paguei os coveiros.

Isto me acabrunha, porque *isto* não era necessario. Essa exigencia dos meus instintos em concorrer com novos detalhes para a morte do homem, a minha vilania em mortificar o pobre defunto até na beira da cova, *isto*, em verdade, é duma inaudita anormalidade. Mas, infelizmente, *isto* aconteceu e está acontecendo na minha memoria.

Meus amigos, tambem bandidos, acham que fiz uma "bonita" morte, justamente por todos esses repugnantes detalhes.

Agora, ha alguma coisa, de horror mais significativo. Alguma coisa que é como uma aranha no meu peito, uma aranha negra, com patas como de caranguejo.

E' uma abominavel tentação e, desta situação sem precedente, acuso os meus amigos bandidos, esses que me elogiaram, felicitaram e consolaram. Eles são as grandes culpados!

Não ha dúvida. Tenho pensado em matar outro homem e fazer com ele maiores perversidades. Desejaria como que *ilustrar* melhor um novo assassinato. Criar condições inéditas, angulos inesperados, sutilezas intelectualíssimas. Fazer face ao ambiente com o meu defunto, reduzi-lo á uma paisagem sombria, mas, num sentido só, emocionar profundamente a natureza. Ir andando, por exemplo, com ele ás costas, na direção do nascente. Depois cobri-lo com o sol matutino, meio pálido, no meio duma população de formigas de fogo. Deixar, ainda por exemplo, o seu rosto medonho á sombra duma grande palma, que lhe deixe sulcos zebrados de luz e sombra, com os olhos escaveárados, bem escancarados, numa das fitas luminosas.

Etc. Etc.

Será que resistirei á tentação de perpetrar um crime ainda mais "bonito" que o outro?

Não sei. Sou, afinal de contas, um grande facínora, encoberto na capa de homem social. Maior do que todos os facínoras porque não só mato como jogo a culpa encima dos outros. Faço sempre duas vitimas: o que morre e o que me substitui, matando. Dois infelizes: um que enterro e outro que paga, assumindo, sem querer, a responsabilidade dos meus máus instintos. Porque, em verdade, ninguem, vendo-me tão manso, tão

reservado, tão amavel, me considerará capaz de tão infames propósitos.

Pois bem, hoje faz dois anos que matei, um homem. Meu coração bate, as idéas rondam-me, o pensamento abre portas e janelas, como esperando alguma coisa. . .

Já um sinistro plano se esboça novamente no meu cérebro.

Sinto que os meus remorsos não bastam para acalmar-me.

Estou, mesmo, lucidamente decidido! Vou matar outro homem, isto é, outros dos meus personagens, neste romance que estou começando a escrever. Vou aproveitar-lhe a vida, explorar-lhe os sentimentos, roubar-lhe os segredos da alma e depois, ainda por necessidade da minha arte chupar-lhe o sangue, como um morcego.

E' doloroso. Mas de tudo o homem é capaz, principalmente quando começa a acreditar em fantasmas, já cansado de acreditar nos homens.

(Especial para ESFERA).

Assinaturas de ESFERA

e das demais revistas e jornais do Brasil

O SENHOR DESEJA ASSINAR ALGUMA REVISTA OU JORNAL DO BRASIL?

ENCARREGA-SE DÊSSE TRABALHO, POR INTERMÉDIO DA SUA MATRIZ NO RIO DE JANEIRO, SUA SUCURSAL EM SÃO PAULO, E SEUS CORRESPONDENTES NOS ESTADOS.

LUX-JORNAL ENVIA AOS SEUS ASSINANTES RECORTES DE TODOS OS JORNAIS BRASILEIROS SÔBRE QUAISQUER ASSUNTOS DE SEU INTERESSE.

MATRIZ NO RIO — RUA BUENOS AIRES, 176 — TEL.: 43-5422

Vida Artística

O movimento teatral em Londres, no mez de junho, foi grande. Obteve larga repercussão a peça "Trumpeter play", levada á cena no *Garrick Theatre*.

E' uma obra de Miss Vera Sullivan que se esforçou para reproduzir com imparcialidade os sentimentos dos britanicos e dos alemães no caso possivel de uma guerra, colocando no palco duas familias aristocratas e militares pertencentes aos dois paizes. Todas as personagens, tanto as da velha Inglaterra como as da nova Alemanha, creadas pela autora, são o resultado de uma observação cuidadosa e sincera, mas a imparcilalidade que caracterisa a obra priva-a de todo talento. A escritora, ao assinalar que pacifistas e militares buscam o mesmo proposito de servir á patria, não opta por nenhuma das duas teses. Na sua ansia de explicar as diferenças de carater de ambas as raças, Miss Sullivan não oferece nenhuma solução para o problema do antagonismo, e o desenlace, que parece marcar a inevitabilidade de um conflito, desmente o principio que era uma alegação em favor da mutua compreensão.

O *Embassy Theatre* apresentou a nova comedia do escritor escossez James Bridie. "Babies in the world", fantasia agradavel sobre um velho tema, que é um exemplo perfeito de comedia brilhante.

A grande atriz ingleza Lilian Braithwaite obteve, no *Haymarket Theatre*, um novo triunfo com a estréa de uma obra de Ivor Novello escrita especialmente para ela.

A protagonista é Dona Lovelace, atriz outrora famosa, que decide voltar para o palco depois de larga ausencia. Mas a grande artista, esquecendo que os anos passaram, procura alternar a vida mundana com o trabalho, como na época dos seus sucessos. A tarefa ultrapassa as forças da artista que fracassa lamentavelmente na noite da estréa.

Mas um dos admiradores oferece uma ocasião para se reabilitar, e, na ultima cena vemos de novo Dona Lovelace esperançada, discutindo os termos de outro contrato.

Ha, na peça, um fio sentimental sem importancia. O essencial é o retrato da artista que Ivor Novello traçou com mão de mestre, e Miss Braithwaite interpreta com um talento raras vezes igualado.

No *Savoy Theatre*, Henri C. James apresentotu uma comedia musicada "No skies so blue" que é uma satira á Sociedade das Nações. Satira pouco profunda, mas suficiente para dar á obra um interesse que as suas semelhantes não têm. Valorisa-a tambem o talento dinamico da cantora norte-americana Gertrude Niesen, a melhor no genero que Londres tem ouvido nos tempos.

Os contos da serie "Sanders", de Edgard Wallace, que se passam numa região indefinida da Africa, foram transformados por Pat Wallace e Guy Bolton em um drama de grande espetaculo intitulado "The sun never sets", interpretado por mais de 200 artistas e cujo ambiente tropical é sugerido admiravelmente pelos cenarios Laurence Irwing. Os quadros representam a quéda de um avião num pantano, a partida de um navio e a explosão de mecanica cenica. Ha festas indigenas, perseguições, capturas e salvamentos, terminando tudo na cena da festa de Natal, numa residencia inglesa, com canticos, baile, champagne e casamento.

Leslie Banks é o interprete ideal para o papel de Sanders, o administrador da colonia ingleza e conquista, todas as noites, muitos aplausos; Edna Besi incarna o de uma interessante aviadora que escolheu o peor momento para bater um "record"; Todd Duncan e Adelaide Hall estão inegualáveis como soberanos indigenas; mas o exito principal da obra é devido a Basil Dean, diretor cenico, que evocou com singular maestria o ambiente angustioso em que se encontra o pequeno grupo de brancos, á mercê dos selvagens.

Na Comedia Franceza foi representada a peça "Les folies amourenses", de Regnard, obra estreada em 1704 e que apesar de nunca ter sido retirada do repertorio, ha dois seculos não subia á cena. Ledoux, diretor de cena, com engenho, transformou a peça em "sketch". Mais uma vez se afirmou a nova tendencia da Casa de Moliere que já se havia deixado entrever com a representação caricaturisca de "Un chapeau de Paille d'Italie", de Labiche. A comedia Francesa procura adotar um ritmo rapido e vivo, e assimilar mesmo a fantasia á qual nos habituaram o "music-hall" e o cinema. A representação arbitraria agradou, apesar dos artistas Jean Weber, Mony Dalmés, Pierre Dux e Beatrice Bretty não se sentirem muito a vontade.

Igor Strawinsky dirigiu pessoalmente, em Paris, o festival de suas obras, na sala *Gavean*. Depois de "A historia de um soldado" "Concertino" e "Quarteto para instrumentos de sopro", Strawinsky deu a primeira audição, em Paris, de um concerto para pequena orquestra de 15 instrumentos. Trata-se de uma obra diferente; nos primeiros movimentos está tudo que caracterisa o autor de "Petruchka" mas o final "allegro vivace" é de uma perfeição absolutamente classica.

Em nenhuma outra obra, Strawinsky lográra uma técnica orquestral semelhante, unida a uma severa diciplina espiritual.

Será que essa nova orientação o levará a renunciar ao retiro solitario? A acolhida triumphal que lhe dispensaram nessa ocasião provou-lhe naturalmente que só depende dele o renacimento, em Paris, de uma atmosfera igual á da época da "A consagração da primavera".

Um espetaculo em que tomaram parte todas as "estrelas" do "music-hall", em Paris, Yvette Guilbert festejou o seu jubileu artistico. Ha cincoenta anos, uma pequena vendedora de certa casa comercial, subiu pela primeira vez, muito timida, ao palco de um café-concerto. Dois anos depois era famosa e com a sua ironia e as suas canções deleitava o Paris dos "fiacres" e dos chapéos Cronstadt. Devido á inteligencia e á malicia uma simples canção se transformava em fina comedia. Yvette Guilbert deu um impulso surpreendente á canção nos fins do seculo passado. Yvette Guilbert se consagrou, tambem, com talento invulgar, á ressurreição de velhas canções francezas.

Os Azevedos do Poço

(Capítulo de romance)

MÁRIO SETTE

A Juiza da Festa do Poço, naquele ano, era d. Dondon, mulher do corretor Totonio Sales.

Na sua casa reuniram-se, á tardinha, as moças solteiras das redondezas para levar em procissão a bandeira de Nossa Senhora da Saúde e botal-a no mastro em frente da igreja.

A eleição da Juiza da Festa, como outrora as de Juizes de Paz, dava muito que fazer, falar e mesmo maldizer, no arrabalde. O cargo era cubiçado, por anseio de destaque, uma vez que o novenario do Poço fôsse o mais famoso e concorrido do Recife. As Festas do Monte de Olinda, do Cajueiro, da Santa Cruz, do Carmo, de Santo Amaro, embora notaveis perdiam no renome para a do Poço. E o logar de Juiza passava todos os anos pelas mãos de senhoras conhecidas e estimadas, umas com o realce dos pergaminhos, outras pelo dinheiro, muitas pelas suas simples qualidades morais. Já haviam sido eleitas d. Maria Anunciada, do desembargador Beltrão; d. Sofia, agora viuva de seu Campos, da loja de louças; d. Clotilde, casada com o Marques, conferente da Alfandega; d. Chiquinha, do dr. Bernardo, sem ser preciso citar d. Olegarinha, de José Mariano, que até merecera reeleição. Naquele ano coubera a distinção a d. Dondon Sales que, sem ser rica nem caróla, possuia sentimentos muito religiosos.

O marido, em segredo, chamara um camarada, o Sá, que armava as alegorias do Clube Filomomos, de que era socio fundador, e por ele mandara fazer um carro triunfal para levar a bandeira. Tudo se fizera sob um alpendre, no fundo do sitio, longe das vistas curiosas, de modo a constituir mesmo surpresa, na noite de inicio do novenario. A casa se enchera ainda cêdo. Um ruge-ruge, um vozerio, um entra e sai incessante. Distribuiam-se balõezinhos; acendiam-se os cirios; dispunham-se os cordões. A banda de musica da Matias Lima chegara num trem especial. A procissão daria uma longa volta, indo ao Caldereiro e descendo pela estrada até a Casa-Forte afim de reentrar no Poço. Quando o carro triunfal surgiu foi um espanto e uma admiração. Surpreendente. Quatro anjos levando a bandeira. Luz elétrica! "Esse seu Totonio Sales não teve mais que inventar, minha gente!". E comentavam: "Ele mais d. Dondon quando se metem numa coisa! Se lembra do presépe?".

Nenhuma originalidade havia na festa da Saúde. Igual ás outras, apenas com mais pompa. E preferencia do povo lórde. No pateo, tivolis com realejos, fogo de vista, barraquinhas de prendas, barris de gelada, taboleiros de bolos, midobins, peixe-frito, tapiocas. Nos corêtos — as musicas tocando "peças de harmonia" pegadas ás vezes até de manhãzinha sem uma querer dar o braço a torcer de ser a primeira a sair. E a multidão dos frequentadores: — os ricos vinham nos carros com bolieiros de cartolas e cavalos gordos; os remediados nas maxambombas; os pobres a pé ou nas canôas. Ansiedades da vinda e aperreios das voltas com os sapatos apertando e os meninos chorando de sono. Cada noite tinha os seus patronos: — os empregados do trem, os comerciantes do bairro, os casados, as creanças, os solteiros. Sobretudo as solteiras caprichavam. Enfeitavam melhor o altar de Nossa Senhora, compunham um côro de vozes entoadas, soltavam pombos pela igreja na hora da benção, e sempre arranjavam uma dansa na casa da Juiza.

Para assistir a essas cenas invariaveis deslocavam-se familias inteiras de todos os cantos da cidade. Os que residiam distante e tinham parentes, compadres ou conhecidos no Poço traziam trouxas, criadagem e até bichos para passar o novenario.

— Que incomodo, hein, comadre?

— Qual, minha negra, a casa chega. Temos camas de vento no sotão. Com bôa vontade... Olhe, as suas meninas dormem com as minhas na sala da frente; Joãozinho fica no quarto dos meus rapazes; d. Finfa com Maninha; você dorme comigo e o compadre com Janjão.

— Mas assim vocês se separam...

— Que tem isso? Por uma semana. Demais, o tempo de "noivos" passou.

— Cuidado depois com a outra lua de mel...

— Não ha risco. Não damos mais cachos.

— Sei lá! Côco velho...

Improvisavam-se dormidas assim em todos os tétos. No sobrado do dr. José Mariano, no do desembargador, no chalé do major Viegas, no casarão de Totonio Sales, em toda parte, habitação opulenta ou modesta. As creadas contavam peripecias dessas superlotações. Salões de visitas cheios de camas de lona, como num colegio, e de noite um punhado de moças, de camisolões, por vezes emprestados, feito "almas de outro mundo", conversando alto, dando risadas, pintando o sete. E os tribofezinhos de namoros nascidos entre os rapazes da casa e as jovens hospedadas, não obstante a vigilancia severa das donas das casas, temendo uma "estralada".

No lar de Totonio Sales, nessa época, além da irmão casada com a filharada, aparecia sempre a avó paterna da mulher, d. Joaquina. Uma velha gorda, bonanchona, contadora de historias. Não dispensava os matinês brancos, engomados, com enfeites de rendas da terra, e uns jasminzinhos nos cabelos em grossa trança enrolada feito uma corôa. Residia no Rio Formoso, onde nascera e fôra casada com o Apolonio tabelião. Tivera dois filhos varões: Rufino Limeira que fôra professor por alguns anos na cidade natal acabando transferido para Olinda, e Chico de Sales, magistrado no Pará. Ela nunca quisera deixar Rio Formoso, mesmo esquecido e decadente como ficara depois do tem de ferro das Cinco Pontas. Gostava de sua terra, tão morta, cheia de sobradões antigos morada de tanta gente lórde outrora e atualmente habitados por familias modestas, quando não entregues a negros para tomar conta. D. Joaquina, volta e meia, evocava os tempos das "vacas gordas". Não se dava conta do assucar. Barcaças e carros de bois carregando-o. Engenhos e mais engenhos moendo. Caixas e mais caixas. Noitadas festivas, com mesas lautas, partidas animadas, sambas de escravos no terreiro.

— E era só festança de casa-grande! As do pa-

droeiro nem era bom falar! Em roda do santuario armavam barracas para os romeiros se instalar. Ali comiam e dormiam. Ranchos e mais ranchos, afóra os que vinham nos seus cabriolés, nos carros de engenho com cobertas de esteiras, nos cavalos de arreios de prata, até nas cadeirinhas carregadas pelos cativos... Vocês não fazem uma idéa do que era aquilo, meninos! E o respeito! Era lá essa pandega de hoje! Pois sim! As familias saiam á rua arrumadinhas, numa seriedade! Os pequenos na frente, os mais crescidos depois, e no fim as pessoas de idade. Atraz de tudo os negros... Nada de aferventamentos... Num ano em que a Baronesa de Guadalupe foi a Juiza quem disse a missa solene foi o sr. Bispo.

D. Dondon interrompera a avó:

— Por falar em Baronesa de Guadalupe, eu ando desconfiado de que Elpidio está caído pela neta dela...

— A filha de d. Naninha de "seu" Zumba?

— Sim. Quininha.

— Uma menina de ontem. Deve ter seu 16 anos.

— Mais ou menos. E bem engraçadinha!...

— Não me bate o papo esse namoro, d. Joaquina. Povo afidalgado.

— Ora, d. Felicinha, deixe-se de bobagens. Que fidalguia que nada. Esses barões, quando morrem, ficam igualzinhos aos mais. Quebram o roço... Esas gente dos Gamas eu conheço como as palmas de minhas mãos. Moravam perto de nós e Apolonio tinha sempre negocios com eles, no cartorio. E a Baronesa eu via muitas vezes passar pela minha porta, no carro, para ir tomar o trem em Agua-Preta. Um dia até, porque a roda da berlnda se quebrou, ela entrou lá em casa e demorou até se fazer o concerto. Conheço todos. Eram duas as filhas dela: essa Naninha e Salvina. A primeira, arrebitada, cheia de si. A outra, mais dada, porém um tanto saída. A Baronesa é da minha idade. Parecia ser mais nova porque se enfeitasse toda que nem uma bandeja de tirar esmolas para santo. Ela sempre com a soberbia dos Lins, eu com a pobresa de meus pais. Quando casou com os Gamas, então, dobrou a prôa.

— Dois proveitos num saco só. Como o casamento das filhas com os Azevedos. Foi outra pão com dois pedaços.

— E então! Dinheiro chama dinheiro... E o engraçado, vocês não sabem essa historia velha, meninos; o engraçado é que os Lins já foram inimigos de fogo e sangue por causa de politica. Uns muito liberais, outros todos conservadores. Nas eleições os capangas de ambos os lados se pegavam nas igrejas, davam cacetadas, quebravam as urnas e havia até tiros. Em tempos antigos, numa dessas eleições, ao sair da matriz um Lins foi morto a mandado de um Gama. Passados mezes, o pessoal desse Lins mandou um grupo assaltar o engenho do assassino e foi uma carnificina. Depois, o odio foi abrandando. Viriato gostou de Balbina. A principio, uma oposição danada. Mas, a moça queria mesmo, ameaçava fugir, e além disso rosnavam que o pai dela andava meio bamba de "cobres", ia ficando somente com a fidalguia... E a fortuna de Viriato não era pequena... Meninos, dinheiro apaga tudo... Vocês estão vendo que eu sei dos "pôdres" desse povo todo.

Na noite da dansa das solteiras em casa de d. Dondon Sales foi que d. Joaquina viu bem Quininha. Ela viera com os pais. Os Azevedos não seriam muito desses contactos com os visinhos, mas, não somente Totonio era aproximado de Zumba, por força de sua atividade de corretor da firma, como na festa do Poço os moradores se atraiam num certo nivelamento, embora transitorio, em homenagem á Nossa Senhora da Saúde e compelidos pelos habitos tradicionais do novenario. Vendo-a dansar com Elpidio, ambos altos, esguios, simpaticos, notava-se a diferença de modos da moça e os da mãi. D. Naninha ostensivamente entufada, com um indisfarçavel ar de superioridade, emquanto a filha demonstrava logo uma simplicidade natural.

— Que agua para o vinho, hein?!

— Todo a mãi é o rapaz, o Afonsinho. Aquele, sim, olha para todos por cima dos olhos... E, aqui para nós, não sei do que se orgulha, minha negra.

— Dizem que é uma vasilhazinha...

— Bem ordinaria... Um pedaço de mau caminho, um homem que suja a casa onde entra. Os pais têm tido seus desgostos, sabe-se, mas é preciso fingir que esses malfetos não existam, defendel-os até. Aonde esse Afonsinho chega ha "sangangú" na certa. Rouba pastoras, quebra barraquinhas, dá pancadas, desrespeita até as autoridades. E fica tudo no mesmo porque a policia não prende o "filho dos Azevedos".

— Como outro dia num bumba meu boi em Caxangá, não foi? Ele começou a se enfeitar todo para uma mocinha pobre, pensando que disfrutava ela como a outras... E já estava se preparando para carregar a pobre para o carro afim de leval-a para uma casinha que possue no Ambolê onde faz suas "proêsas", mas apareceu um tio da moça e tomou o partido da sobrinha. Menina, fechou-se o tempo. Desaforos, ameaças, e, por fim, pancadaria grossa. Pois quando o subdelegado veio, um tal seu Tinoco que vive a pedir dinheiro emprestado aos Azevedos, acabou prendendo o tio da moça e deixando a infeliz nas garras de Afonsinho.

— Mais uma...

— Com certeza. E já não têm conta. Um rapaz perigoso. Além do mais, quando bebe fica com uma força que poucos podem com ele. Briga com dois e tres homens ao mesmo tempo. Um touro daqueles!

— Na verdade, um rapagão! Faz pena que seja assim um estoura-vergas.

— E vocês não sabem do melhor! A mãi quer casal-o com a prima, a Tudinha, uma sobrinha orfã que a Baronesa cria feito uma freira. Imagine!... A coitada tem de comer gerumba com um marido daqueles...

— Por essas coisas mesmo eu não estou vendo com bons olhos esse namoro de Elpidio com a filha dos Azevedos. Vamos ter desgostos grandes e, quem sabe, até desgraças. Um moço doido assim... Elpidio é sufocado, não deixa ninguem pisar nos calos... Nossa Senhora que tome conta dele.

D. Joaquina mostrava-se, com o seu feitio folgazão, otimista:

— Felicinha, não pense em historias tristes. Isso termina bem. Os moços quando querem mesmo se casar, casam. O mais são pomadas... Não ha pai que evite. Os tempos dos conventos, dos casamentos á força, passou. Olhe, eu ainda tenho esperanças de comer fios de ovos nessas bôdas e não me ofereço para fazer a cama dos noivos muito fofinha porque sou viuva...

De quando em quando vinham do pateo da igreja os sons das bandas de musica, os pregões dos vendedores ambulantes, os estouros dos foguetes, os assovios dos morteiros subindo no céu e abrindo-se lá em cima num chuveiro de estrelas e lagrimas luminosas. As dansas em casa de Totonio Sales animavam-se á medida que as horas avançavam. Entravam outras familias. O pianista do Café Rui, contratado pela comissão da "noite", um rapaz de cabeleira, roupa preta, mãos afeitas a voar no teclado, fazia as valsas sucederem ás polcas, sem descanço. De raro parava e ia lá dentro comer ou beber "qualquer coisa", e, nesses intervalos, uma senhora tomava conta do piano para que a festa não esfriasse. Havia velhuscas que não se conformavam com essas "dansas de hoje", com os homens pegando nas mãos das moças e tocando-lhes com os dedos nas cinturas. E repetiam nessas censuras as criti-

cas já feitas pelos avós quando as quadrilhas haviam substituido os minuêtos.

— Isso vai num progresso. Onde já se viu, no meu tempo, uma mocinha de braço com um rapaz, passeando, conversando, talvez inconveniencias, rindo-se um para o outro nas barbas dos mais velhos!

— Mocinhas, somente? Moças casadas dansando com outros que não os seus maridos...Por causa dessas facilidades aparece tanto marido com a testa... Deus me perdoai!

— Um escandalo!... Antigamente uma donzela só ficava sozinha com um rapaz na noite de casamento. Antes, nem por sonhos. Agora, é "soaré", é teatro, é banquete, tudo misturado. Os namorados juntos; as casadas umas com os maridos das outras; as viuvas, até as viuvas se derretem, d. Porcina! Não está vendo aquela d. Amalinha, de luto aliviado, toda caída pelo capitão Bianor?... Viuva no nosso tempo tirava mais o vestido preto e o chorão?

Iam dansar a quadrilha dos "casados", dos "papeis-queimados". O pianista dera os acórdes de chamada. Muitas senhoras foram chamar os esposos que jogavam o bacará numa comprida mesa no alpendre. O comendador Joca de Azevedo, "homem de Paris", ia marcal-a com a sua finura de maneiras e o seu francês "bem pronunciado". Palmas.

— Attention! A vos places, messieus et mesdames!

Os pares se enfileiram.

— Não é tão bonito, d. Porcina, ver cada homem dansar com sua mulher!

— Está visto.

Joca, ao romper da primeira parte, ordena com enfase e um assomo elegante:

— En avant tout! Retournez!...

Os casaes, presos pelas mãos ao alto, aproximam-se, cortejam-se e recuam.

— Balancez!...

— Marca muito bem, não acha?... Nem uma falha!

— Tambem, vive em Paris... Pouco para no Recife!... E a mulher dele, d. Salvina, não fica atraz. Tem uma graça, um "chic"!

— Aqueles dois juntaram-se como um pé num sapato feito de proposito. Ambos alegres, divertidos, viajados. Repare que d. Salvina faz as mesuras e os passos diferente do das outras. Com uns ares desses fidalgos que a gente vê pintadas nos livros...

— E, no entanto, ela não tem soberbía. Fala com todos tão dada! A irmã, sem ser bonita nem elegante, ao contrario, carrega uma presunção... Sempre com aquela cara fechada!

— Attention! En avant tout... balancez... Chaine de dames... Promenade a gauche...

A quadrilha se desenrolava com ritmo e entusiasmo. A' primeira seguiram-se as demais partes com os numeros pitorescos do "caminho da roça" e do "changez des dames", estendendo-se os pares pelos corredores, pelo pateo, pelas outras salas, num desfile rumoroso e burlesco.

Ao terminar, d. Naninha puxando o marido para um canto de salão, chamou-lhe a atenção;

— Veja "sua filha" a dar disfrutes com o primo de d. Dondon, o irmão das boleiras. Desde hoje que não fazem outra cousa senão conversar!

Zumba reparara Quininha, num vão de janela, ouvindo frases de Elpidio que tinha uma rosa nas mãos.

— Eu acho melhor a gente ir logo embora. Si não eu estouro de raiva. Essa menina, quando vem a festas, é para nos dar desgostos... Agrarrada com quem não presta...

E D. Naninha se preparava para se retirar quando d. Dondon veio ao seu encontro toda amavel:

— Vamos para a mesa da ceia. Primeiro, as moças.

No pateo, gritarias, carreiras, confusão.

— Que é? Barulho?

— Eu acho que é a queima do painel.

Mas, não era. As correrias aumentavam. Ouviam-se os apitos da policia. Acontecera qualquer cousa de sério. Dali a pouco, por quem passava, por quem fôra colher noticias, se sabia de tudo. O negocio se dera no "quadro". O balaeiro que vivia com sinha Deolinda das bonecas de pano pegara a mulher dentro de casa com um outro homem. Quisera matal-o, mas ele conseguira fugir pelos fundos do mocambo, ganhando a baixo de capim e atravessando o rio. A mulher, porém, levara uma facada na barriga. E estava mal.

— Quem havia de dizer? Seu Joaquim balaeiro tão calmo!

— Boi manso...

— Ele era doido por Deolinda. Dava tudo que ela desejava. Andava num trinque, de sapatinhos de setim, com brincos de ouro, toda cheirosa...

— E era somente seu Joaquim que dava!... Muito "casacudo" se derramava com essa creoula!

— E quem seria o que fugiu, hein?

O dr. Bernardo, chamado ás pressas, fôra ver Deolinda e depois de examinal-a achou-a "bamba". Deviam leval-a sem demora para o hospital. A policia pegava gente para transportar a padiola. A debandada no pateo ainda fôra maior. Ninguem queria ser obrigado áquele serviço penoso e desagradavel. "Meu filho mesmo não! Com essa dôr na espinhela que ele tem! Pegar em peso!". Os "matacachorros" perseguiam os populares. Afinal obrigaram um vendedor de roletes e um mulato meio bebado a carregar a maca. Si não os réfles cantariam nos lombos... Botaram a mulher na padiola, baixaram o toldo de encerado e lá se foram para os Coêlhos, deixando pingos de sangue pelo chão...

— Coitadinha! Não chega lá no hospital viva. Morre sem véla.

— E si chegar viva não escapa. O doutores abrem logo a pobre para remexer por dentro... Hospital! Antes uma bôa morte

Dali a pouco, em casa de Totonio Sales, cochichava-se:

— Você sabe quem estava com Deolinda das bonecas de pano?

— Sei não. Quem era?

— Afonsinho, filho dos Azevedos.

(Inédito para ESFERA)

COMPANHIA AUXILIAR DE VIAÇÃO E OBRAS

Asfaltos — Betoneiras — Britadores

Calçamentos e Impermeabilização — Pedra britada e materiais de construção.

RUA FREI CANECA, 399

Telefone 22-5020 — Caixa Postal, 1.185

RUA GOYAZ, 78 — Telefone: 1617 — Caixa Postal, 215 — BELO HORIZONTE. — RUA JOÃO NEGRÃO, 1.281 — Telefone, 914 — Caixa Postal, 335 — CURITYBA

A revolução científica e filosófica do seculo XX

OUTRA CONVERSA PRELIMINAR

Abel Salazar

Insistamos ainda sobre a questão da "vulgarisação": e se o fazemos é porque a questão está, a nosso ver, em geral mal posta.

Definamos com precisão o ponto principal. Este consiste, esquematicamente, no seguinte. Consegue-se a "vulgarização" sob um ponto de vista pejorativo, considerando-a mais ou menos como uma simplificação grosseira, deformante, muitas vezes incorréta. Faz assim contraste com exposição rigorosa, corréta, a qual, segundo esta concepção, só póde ter cabimento no campo cientifico especializado.

E' nesta concepção, no entanto, que está o erro. Porque a "vulgarização" não é, ou não deve ser, uma simplificação incorréta, grosseira, deformante, mais ou menos desviada do rigorismo cientifico: — mas simplesmente "outra coisa", embora perfeitamente corréta. No definir deste "outra coisa" é que consiste a definição da "vulgarização".

Para bem o compreendermos convem focar a questão seguinte, em geral esquecida.

Uma coisa é a construção, a análise, e a discussão das ciencias, outra coisa é a sua exposição didatica, outra ainda a sua exposição filosofica.

Na construção das ciencias entram em ação metodos, elementos e processos que não figuram já, em geral, numa exposição didatica. Que esta seja dogmatica ou historica, que parta de analise para a sintese ou da sintese para a analise, a exposição didatica tem sempre uma finalidade e processos proprios que a distinguem de uma memoria, de uma analise logica da ciencia, ou de uma discussão filosofica. Isso, porém, não significa que ela seja uma deformação, ou uma simplificação incorreta. O que caracteriza o didatismo é que a ciencia é aí apresentada como uma conclusão ou serie de conclusões, embora provisorias: mas o essencial, no didatismo, é esta apresentação de conclusões. Nenhum tratado elementar de matematicas começa por um tratamento a fundo, exaustivo, da teoria dos numeros, ou sobre a discussão do rigorismo logico das bases em matematica. E quando, em tais tratados, nos é apresentada a definição logica de um numero fracionario, ou de derivada, ou de função, tais noções são-nos apresentadas como conclusões atuais de um determinado esforço construtivo, já realizado.

Não significa isso nem que a construção não continue, nem que as discussões sobre os pontos em litigio não prossigam, nem que a analise logica dos conceitos matematicos não prossiga: mas seria absurdo não apresentar didaticamente, senão a conclusão já formulada, pois esta é que resume o esforço já feito e o resultado já obtido.

O proprio processo construtivo das ciencias conduz necessariamente a isto, pois elas não são elaboradas segundo um esquema e metodos estabelecidos rigidamente a priori, mas por um processo complexo e que o *ato* investigador precede o formalismo logico. E como prova bem caracteristica deste processo basta-nos lhe acordar a evolução das matematicas que se realiza primeiro por um *ato*, só depois seguido de analise logica. E' primeiro *ato* realizado, e só depois tal ato realizado passando a objeto de estudos, dá origem á logica da matematica, construção logica que, por seu turno é agora *ato* e será um dia *objeto* de nova analise logica. Este *ato* construtivo das matematicas é muitas vezes mesmo em parte inconciente, intuitivo, questão de *faro*, quasi de inspiração: e as ousadias de tais inspirações só uma especie de experiencia lhes confere o valor, por uma especie de combinação baseada na fecundidade dos resultados. A criação dos numeros imaginarios — logicamente absurda como diz Hadamend — é um desses atos de audacias que apenas os resultados da experiencia matematica consolidaram. Entre muitas combinações matematicas só determinadas correlações são fecundas: e é esta fecundidade, segundo Poincaré, que estabelece o valor matematico. Assim só o ato construtivo e a experiencia, constroem a matematica; a analise logica completa-a, depois, tomando-a como objeto.

Sendo pois a ciência um objeto em constante devir, não é possivel apresenta-la didaticamente senão sistematisando conclusões provizorias, codificadas segundo um certo método.

Ora isto conduz-nos imediatamente á questão da vulgarisação. Pois, esta não é, a nosso ver, senão um outro processo de codificação, que diverge da didatica apenas pela sua finalidade. Esta finalidade diverge apenas em que o publico a que é destinada a codificação didatica, elementar ou superior, profissional ou especialisada, é diferente do publico a que é destinada a "vulgarisação". O que, da matemática, interessa o engenheiro, não é precisamente o mesmo que interessa o filósofo, o historiador, ou, em geral, e segundo várias modalidades, o homem culto. O engenheiro pode até, inclusivamente, interessar-se muito especialmente pela integração mecânica, pelos integradores, planimetro de Amsler ou outro, quando o filósofo ou o homem culto, pelo contrario, se interessam mais especialmente pelo conceito de "integral", de infinitamente pequeno, e sua história e papel no mecanismo do pensamento matemático. Não seria impossivel construir um manual sobre a "mecánica" do calculo, codificando um certo numero de fatos que interessam especialmente o calculo: e tal livro teria um interesse nulo para uma certa categoria de leitores.

Posto isto a definição de "vulgarisação" parece-nos simples. E' uma codificação dos resultados da

ciência, das suas conclusões, referentes a um determinado estado dela, e apropriada a um determinado publico: codificação, porém, tão correta como qualquer codificação didática.

O nó da questão reside, pois, no caso da vulgarisação, na relação existente entre certas conclusões da ciência e interesse público. E não é portanto uma questão de "deformação incorreta" mas simplesmente de *esccolha* e *seleção*.

O que deve distinguir a bôa da má vulgarisação é, além da correção nessa codificação, a bôa seleção feita, e a bôa correlação estabelecida com o interesse público, isto é, um fator pessoal com que a vulgarisação, em principio, nada tem que ver.

Mas, perguntar-se-á, é por ventura possivel tornar tal codificação acessivel ao publico?

A resposta é que sim, e pelas razões seguintes.

O que é dificil, em ciência, aquilo que é apanágio de previlegiados, é a construção, a criação, a elaboração da ciência. O que é dificil ver com inteligencia onde ninguem vê, e saber encontrar a ordem no cáos, ou descobrir, ou retificar erros, ou ainda analisar sob o ponto de vista critico, etc. Pelo contrário, uma vez feita a descoberta, construida a teoria, cristalisado o conceito, terminada a critica, uma vez em suma, definida em conclusão todos podem compreender, porque, para tal, nenhumas condições especiais, previlegiadas, são requeridas.

Ter o "gênio" das matematicas é previlegio de raros; "compreender" as matemáticas é possibilidade de todos e quaisquer. Estas coisas são essencialmente diferentes, e não devemos jamais confundi-las. O caso é perfeitamente comparavel, de resto, ao artista, e amador. Criar, em arte, só o artista-nato pode conseguir; sentir, compreender a arte, pode faze-lo qualquer, sem ser artista, desde que tenha sensibilidade e uma certa cultura, ou até sem cultura alguma.

"Vulgarisar", em ciência e filosofia cientifica, é pois, até certo ponto perfeitamente comparavel a "mostrar" uma obra de arte: — e basta muitas vezes "apresentar" a conclusão para que o público logo a entenda: — a condição exigida é apenas que a "apresentação" esteja bem feita, e que o público se interesse.

Não ha pois, fundamento algum nas objeções apresentadas por certos esotéricos. Estas objeções esotéricas são fundamentadas numa *falsa* compreensão da ciência e da filosofia, numa visão deformada da sua naturesa. Visão que consiste em contempla-la através do hermetismo da sua terminologia, da sua especialisação, e da sua pretendida "transcendencia". A terminologia tecnica, a especialisação, o hermetismo são úteis na ciência, mas não *essenciais;* a ciência não é o termo mas a especialisação. Ela não é tambem a crítica nem a discussão; estas só existem e dominam aí onde a obscuridade reina: — por isso mesmo tal critica e tal discussão não devem intervir na codificação provisória destinada a uma vulgarisação.

O esoterismo a tal respeito, é pois filiado numa ignorancia, num pedantismo intelectual, ou nas duas coisas reunidas. Insistamos sobre este ponto, porque é particularmente dificel de fazer ver a certos espiritos. Estes espiritos insistem, com certa petulancia, superior e suficiente, naquilo que eles chamam as "sutilezas", as "dificuldades", as "transcencias", de ciência e de filosofia, e em outras coisas analogas.

Ora, em ciência e filosofia não ha de "sutil", de "dificel" e de "transcendente" senão aquilo que se não compreende ou sabe, ou que é *obscuro*. E não ha igualmente de "extenso", de "volumoso", senão o volume enorme, realmente, das discussões travadas sobre esse incompreendido, esse obscuro.

Toda a filosofia se reduz a bem pouca coisa, se lhe retirarmos a marca do *obscuro*, e das discussões e polemicas travadas em volta desse "obscuro". Por isso a Metafisica e as Religiões vivem desse "obscuro", desse "mistério" e nele se refugiam o esoterismo, o hermetismo e tambem o pedantismo. O que é natural; mas perfeitamente contraditório sob o nosso ponto de vista de vulgarisação.

Da vulgarisação assim definida deduz-se imediatamente que ela póde variar em largos limites, conforme o público a que é destinada e conforme o genero e o criterio da codificação feita; pois é evidente que a codificação dos resultados adquiridos pela ciência e pela filosofia póde ser feita de muitas maneiras e com variados fins, e segundo variados critérios.

Temos a contar, de resto, como fator pessoal, que é inherente ao individuo que estabelece essa codificação, quer no referente a pontos de vista, quer a métodos e criterios.

Mas tudo isto — e sob o nosso ponto de vista é o fato capital — não impede que tal codificação, uma vez escolhida, quer como ponto de vista, quer como método, quer como finalidade, seja perfeitamente correta, tão perfeitamente com a codificação didatica: e que assim, podemos por de lado a banal ideia de uma vilgarisação como sinónimo pejorativo de exposição deformante e incorreta dos fatos e doutrinas da ciência e da filosofia.

Posto isto, o nosso caminho está definido: selecionar e codificar do conjuncto da ciência atual, aqueles dos fatos que mais influencia têm exercido e continuam exercendo na transformação das ideias e sistematisar na revolução filosófica contemporanea, os fatos mais salientes.

(Especial para Esfera)

REVISTAS
JORNAIS — FIGURINOS

as últimas novidades estrangeiras

LIVRARIA MOURA

MOURA FONTES & FLORES

os melhores livros de literatura e didáticos nacianais e estrangeiros

145 - RUA DO OUVIDOR - 145
Telefone: 22-9308

PELA CULTURA DO POVO

Escolas primárias e escolas profissionais * Livros * Espetáculos públicos * Conferências

O Ministerio da Educação e Saúde procura realizar no momento, simultaneamente com uma obra de cultura superior, uma obra de cultura popular, em todos os seus aspectos. A bem dizer, essas obras são uma só, porque obedecem aos mesmos principios e têm ambas em vista a valorisação do homem brasileiro, ao qual se procura dar uma preparação técnica para o desempenho da sua missão no quadro da vida nacional. Mas é possivel distinguir, nesse esforço geral, uma preocupação particular, bem definida e caracterisada, que é de levar a cultura á camada da população brasileira que menos sentia até agora os seus beneficios, seja porque as condições economicas de sua vida não o permitiam, seja porque uma política educacional menos realista se interessava quasi que exclusivamente pelas classes médias ou abastadas.

Assim, o Governo Federal, ao mesmo tempo que prepara e começa a executar um plano sistemático de organisação universitária, manifesta um interesse profundo pelas formas e graus de ensino que diretamente atingem ás classes populares. E' sabido que a atuação federal, até bem pouco, só se fazia sentir — de maneira lacunosa, de resto — no dominio do ensino superior e do ensino médio. A educação primária era confiada aos Estados. Nenhuma emoção pareciam experimentar os nossos dirigentes, em face de enormes massas não alfabetisadas e inaptas, por isso mesmo, para um trabalho mais produtivo de constração nacional. O Presidente Getulio Vargas enfrenta, agora, o problema, pelo Ministerio da Educação, mandando estudar e projetar os diferentes tipos de escola primária, que convem implantar nas diversas regiões do país. Faz alguma coisa mais. Reserva dotações orçamentarias para a construção das primeiras escolas federais, de grau elementar, nos Estados. Mil novecentos e trinta e oito, inaugura, assim, uma nova politica de educação. O Governo Federal propõe-se a fazer o ensino primario, indo cooperar com as administrações estaduais, não raro desaparelhadas para esse fim. As escolas construidas sob orientação técnica e com recursos financeiros da União serão entregues aos Estados, a que competirá dirigi-las e mante-las.

O critério adotado na localisação dessas primeiras escolas será facilmente assimilado, quando soubermos que elas terão por sede as zonas coloniais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, onde as circunstancias recomendam um trabalho de revigoramento de hábitos e inclinações brasileiras, realizado com inteligência e firmeza.

Uma outra modalidade de ensino popular preocupa o Governo: o ensino profissional. Na verdade, tem-se usado muito dessa expressão entre nós. Mas fazia-se bem pouco. Nosso ensino profissional toma precisamente um grande impulso com a instalação dos novos liceus federais, no Rio e nos Estados, com carater de estabelecimentos que se destinam exclusivamente a formação de trabalhadores adestrados e cultos. Forma-se destarte uma equipe de valor inapreciavel, pelo bem imenso que ela poderá fazer ao Brasil, numa era de industrialisação universal, de técnica intensiva e absorvente, que destrói a improvisação e anula o empirismo.

E' assim que vão surgindo em Manáos, em S. Luis, em Vitória, em Goiánia, no Rio e brevemente, em Belo Horizonte, liceus-tipo, adequados aos interesses economicos e as possibilidades de cada região. Para lecionar nesses liceus, o Governo não somente mobilisará o corpo de professores de que já dispõe, como tambem está em negociações para contratar técnicos estrangeiros reputados, que se afeiçôem bem ao carater e ao ambiente de nossas escolas.

Outras atividades desenvolve simultaneamente o departamento educacional do Governo, para realizar a cultura do **dopo.** Ocorre lembrar tambem, de momento, a obra de vulgarisação literária que já ha dois anos se promove e que tende a aumentar de importancia. O Ministerio da Educação conta com um grupo seleto de escritores patrícios, que lhe tem fornecido originais logo convertidos em volume, uns de distribuição gratuita, e outros cedidos por menos do custo do exemplar. O livro assim apresentado não é, evidentemente, destinado ás elites, posto que, muitos deles sejam de rara qualidade. E' livro para quem não póde comprar livros e os ama ou pode vir a ama-los. O Ministerio serve aos primeiros e busca seduzir os segundos. Que o tem conseguido, prova-o a elevação crescente das suas tiragens, sempre realizadas sem objetivo comercial. Algumas obras já editadas: Os "Autos de devassa da Inconfidência Mineira", 7 volumes organisados pelo paleógrafo Manoel Alves de Souza, com prefácio do historiador Rodolfo Garcia; a "Antologia dos Poe-

CARTÁS

Eras bem diferente
no teu geito de ver...
no som de tua vóz...
nas cousas que dizias...

Eras bem diferente...

Tinhas um rosto de
pensamento profundo...
Mas os homens pensaram
que fosses um anuncio
ambulante de circo,
e festejaram rindo,
batendo palmas, tua
passagem pelo mundo...

Paschoal Carlos Magno

Especial para a ESFERA

---

tas da Fase Romantica", de Manuel Bandeira, de quem tambem estão a sair uma "Antologia Parnasiana" e um "Guia de Ouro Preto"; ensaios e conferências de Gilberto Freyre, Joraci Camargo, Antonio de Sá Pereira; o libreto português do "Guarany", o album iconográfico sobre José Bonifácio. Livros saltando da tipografia: Romeu e Julieta, tradução em verso de Onestaldo de Pennafort; a obra de Barleus sobre o domínio holandês, traduzida do texto latino por Claudio Brandão e outros, outros.

Ao lado de espetáculos públicos, para a formação do gosto artistico popular (concertos promovidos pelo Ministerio de portas abertas, companhias de teatro que percorrem o interior brasileiro, com ingressos obrigatoriamente baratos) conferencias numerosas foram realizadas com um objetivo: levar ao povo o exemplo dos grandes homens que o Brasil tem produzido. Essas conferências são ouvidas necessariamente por um público restrito, mas, alem de irradiadas, são impressas em folhetos de distribuição gratuita. Desse, modo, Euclides da Cunha, Cairu', Rio Branco, Pedro II, Couto de Magalhães, os poetas como Alfonsus de Guimaraens, os romancistas, como Manuel Antonio de Almeida, desfilam perante um público que sonservava intacto mas inaproveitado, o seu culto pelas belas figuras e pelas ações grandes. E' uma obra que o povo compreende, porque toca sua capacidade de admiração, o seu poder de simpatia e de devotamento aos altos padrões humanos. E é, vista de conjunto, nas suas diferentes manifestações, uma obra de cultura, iniciada com amor, proseguida com amor.

LEIAM:

"O DIABO"

ooo

Semanário de literatura e crítica de Portugal (Lisboa).

ooo

no Brasil

LIVRARIA MOURA

Letras de Hispano-América

E. Rodriguez Fabregat

ESFERA ofrece a sus lectores del Brasil esta Sección en la que aparecerán, — registradas en su propio idioma, — las mas nobles expresiones del pensamiento de nuestros hermanos de Hispano América.

Síntesis de la Vida Continental, Artículo, Poema, Noticia o Comentario, esta Seción significa amorosa contribución al progreso y la unidad espiritual de los Pueblos del Nuevo Mundo.

Mucho se habrá andado en el camino de los esfuerzos duraderos, el dia en que los pueblos de América que hablan espanol y los que hablan portugués entren mutuamente en conocimiento de sus valores intelectuales. La unidad de acción por la Cultura concretará, con muy claro sentido, la identidad de los destinos americanos en esta hora angustiada del Mundo.

En la medida de sus posibilidades, ESFERA secunda y se entrega a esa labor. Esta Sección tiene ese significado. Queda ella entregada a los trabajadores del pensamiento en todas las zonas de Hispano América.

INDICE DE LA POESIA PERUANA CONTEMPORANEA

La Editorial ERCILLA de Santiago de Shile acaba de publicar un nuevo libro de LUIS ALBERTO SANCHEZ. Se trata, en este caso, de un trabajo de aliento en el que el notable escritor peruano describe un verdadeiro itinerario lírico a través de los grandes valores poéticos de su pais a partir de 1850.

La obra está precedida de un magnifico estudio sobre el tema. Nada escapa en él al certero juicio del escritor y el crítico. Esto no extrana. La vida y la obra de Luis Alberto Sanchez le dan categoria singular para presentar con suma acierto la lirica peruana condicionada a épocas y escuelas sin que queden inadvertidas las influencias o desvanecidos los matices que completan el cuadro.

Vasta es la obra de Luiz Alberto Sanchez. Esta misma editorial "Ercilla" qué tan notable labor realiza por la difusión de las letras continentales, ya publicó de es te autor varios libros. Destacamos entre ellos: "Panorama de la Literatura actual", "Vida y Paión de la Cultura en América", "Historia de la Literatura Americana" en los que el estudioso encontrará enfocados con singular eficacia los problemas de la cultura continental y las direcciones cardinales que, desde el punto de vista social, imprimieron a sua labor los escritores de todos los tiempos en las diferentes zonas del Continente.

Pero es, sobre todo, un escritor de combate. Su libro "Haya de la Torre o el Politico" lo comprueba. En el Prológo de dicha obra Luis Alberto Sanchez definiendo con claridad su propria conducta literaria, — inseparable de la otra, — expresa: "Ni decoro abanicos ni fabrico confituras". Y es exacto. Las letras son para él un magnifico instrumento de liberación. Pertenece por otra parte este escritor a una generación americana que, en todos los países, ha hecho de la literatura una manera de revelación de los más angustiosos problemas. De un tremendo zumo de dolor se nutre en esta hora la lírica de los fuertes. Y entre ellos está, figura de primer plano, este Luis Alberto Sanchez que, sin sectarismo ni apasionamientos, entrega hoy a conocimiento de todos la mas bella compilación de casi cincuenta anos de labor poetica en el Perú.

Pero quien quiera sorprender orígenes y motivos; quien busque fuentes de inspiración más allá de los individualismos creadores; quien desse sorprender en sus tres dimensiones la Poesia Peruana fuerte y lírica, y duena de nobles prestigios an el ancho campo intelectual de América, ha de leer necesariamente el Prólogo de este "Indice", ensayo magistral en que Sanchez describe la trayectoria lirica que comienza en Chocano y Gonzalez Prada hasta culminar en las formas humanista y revisionistas de los últimos tiempos.

Tomamos de este PROLOGO los siguientes párrafos:

"LA GUERRA de 1879, (se refiere el autor a la guerra chileno-peruana) alteró no solamente la organización politica e económica del Perú, sino también su estructura social, imprimeindo un brusco sesgo a su expresión literaria. Pedagógicamente, el Perú transformó a sus maestros en propagandistas de la "revancha" literariamente a sus poetas en auditores de la masa; económicamente, afianzó la marcha hacia la plutocracia reclutada entre negociantes fiscales, intermediarios protegidos por el gobierno y audaces terratenientes; socialmente , insurgió al indio..."

Más adelante agrega:

"Violentamente apartada de sus suenos orientales, la Poesia abandonó a las huries y se dedicó a rondar los héroes. La dimensión esproncediana y zorrillesca se ve suplantada por la carlyliana. Del lamento se pasa a la proclama. La exasperación de los unos y la desesperación de los otros, rompen la dulcedumbre del quietismo satisfecho de los predecesores. No se liquidó el romanticismo sino que se le tinó de realismo. A Espana la remplaza Francia, también ululante y frenética tras el clarin de Deroulede y los truenos de Gambetta. Cayó en desuso la Academia, acometida por los feroces calamorrazos de don Manuel Gonzalez-Prada. Y la generación de postguerra presenta acusados caracteres procéricos en Leguia y Martinez, Mantilla, Teobaldo Elias Corpancho y otros, preparando asi la ruta para quienes, con Chocano, seguirian las huellas de Rubén Dario, aunque buscando la resonancia multitudinaria. Es asi como, en 1896, "La Neblina", semanario literario de Lima, publicada insistentemente un "Decálogo" de Chocano, en el que recomendaba el hermetismo de las torres de marfil, — rezago intelectualista y orgullo decadente, — a la vez que el diálogo con las multitudes, eco de la experiencia de la guerra, de la lección de Gonzalez Prada y sintoniza-

miento con el socialismo entonces apremiante en Europa".

Pasa luego revista el autor de este Indice las épocas y los hombres de la poesia peruana. Contemporáneo de los de los últimos tiempos, companero de muchos de ellos, companero de luchas y fatigas y andanzas por los desesperados caminos de América, Luis Alberto Sanchez traza al final de su estudio un Cuadro Sinóptico en que estan resumidas las caracteristicas diferenciales de cada tiempo y cada grupo. El lo dice:

"Me parece que después de la anterior resena, se puede ensayar una sinopsis de la poesia peruana en los últimos 36 anos.

PRIMERA EPOCA (1895-1905). — Poesia de torre de marfil, pero con vagos anhelos multitudinarios. — Modernismo en la forma y mesianismo en el deseo. — Triunfo de Chocano. — Gonzalez Prada inicia el camino hacia una nueva poesia, simbolista y más simplificada.

SEGUNDA EPOCA (1905-1915). — Apogeo del Modernismo. — Hegemonia de Chocano. — Rubén Dario ejerce su tutela. — Temas franceses, versallescos. — Iniciación de lo vernáculo con José Galvez. — Poesia doctoral y muy de Lima. — Oficialización de la lirica.

TERCERA EPOCA (1915-1923). — El movimiento "Colónida". — Simbolismo de Eguren; antiacademismo de Valdelomar; hegemonia de Gonzalez-Prada. — Insurgencia de la provincia. — Alberto Hidalgo y el "simplismo". — Iconoclastismo.

CUARTA EPOCA (1923...). — Poesia de masas. — Forma ultrista y futurista. — Estética del movimiento. Vernaculismo e indigenismo. — Valejo, Peralta y Speluci. — Tendencia humana y de protesta. — Cholismo.

QUINTA EPOCA (1927...) Poesia surrealista. Limenismo. Doctoralismo. Marginalizamiento. Renacimiento de bohemia, salón y formulismo".

He ahi las Cinco epocas de la poesia peruana contemporánea de acuerdo con la división y clasificación de Luiz Alberto Sanchez. "Desde luego, — como él mismo lo dice, — lo absoluto de tales caracteristicas debe ser atemperado o entendido en función de las explicaciones y exégesis anteriores".

Luego del Ensayo del Compilador, más de setenta autores peruanos integran el libro. Este Indice de la Poesia Peruana que Ercilla nos entrega tiene por muchos conceptos caracter de venturosa revelación.

NOCTURNO N.º 6

Juan PARRA DEL RIEGO nació en Perú en 1894. Muy joven aún fué a Montevideo. Alli se radicó. Salió de su patria después de sus primeros triunfos. Y no regresó más a ella. Pero tan grande fué su obra y de tales acentos su canto, que el Uruguay y el Perú lo aman indistintamente. Murió, en plena gloria, en 1925. Una calle de Montevideo lleva su nombre. — Poeta modernisimo, dejó estos libros: "Himnos del cielo y los ferrocarriles" (1924). — "Blanca Luz" (1925) "Tres Polirritmos inéditos", aparecidos en libro después de su muerte. — Del libro "Blanca Luz" tomamos este Nocturno Número 6.

Maravilla infinita de la moche estrellada!
Perlas enloquecidas, diamantes de temblor;
toda la joyeria de Dios desparramada:
la Cruz del Sur, Andrómaca, Sirio la Osa Mayor.

Joyero misterioso. Joyero sabio y fino
Que abres tu escarparate sonámbulo al camino,
quien fuera ese diamante con su temblor divino,
para llevarlo trémulo de una pasiãn callada
— única joya limpia y con amor ganada —
hasta la mano fina de la mujer amada.

Mi amada es dulce y fuerte. Contra mi ruda vida
— suave cabrita huérfana — se apretó conmovida.
La dije: Mi camino es de sangre y de guerra,
yo he sentido el terrible dolor que hay en la tierra.
Mi mal es un mal hondo, solitario y maldito:
Qué hará con tus collares de lágrimas mi grito?

Me dijo: Iré contigo, seré tu companera.
Toda la fiesta pura de mi cuerpo te espera...
Se bailar. Sé cantar. Sé dónde está el olvido.

Y me abrió el abanico solo de sus cabellos.

Joyero alucinante, joyero estremecido:
Qué diamante profundo, lento y desconocido,
hasta el alba, temblando, tú has pulido para ellos?

ENGENHEIROS — EMPREITEIROS
OBRAS PÚBLICAS — URBANISMO

SOCIEDADE BRASILEIRA DE URBANISMO S. A.

GENERAL CAMARA, 19 - 5.º RIO DE JANEIRO

Documentário Cultural Português

III

Nota-resenha sobre a democratisação da cultura em Portugal

O apontamento que deixávamos na crônica anterior sobre o custo da "Revista de Portugal", longe de exteriorisar um superficial gracejo, como a algumas pessoas decerto pareceu, salientava somente uma dolorosa realidade: — a ausência de abonadas economias que só por si garantissem uma desafogada existencia ás publicações culturais. Efetivamente, essa nota salientava que o estado económico do meio — como se sabe expressão dum periodo de crise que a guerra e outras coisas provocaram, — é ainda o maior entrave á democratização da cultura em Portugal. Porq°ue o momento febril que aqui se vive, febril pelo encontro dos mais desencontrados problemas, toca em todos os pormenores do nosso viver atual. Assim, o económico, que se agiganta por ser a mola central.

Não é ótimismo demasiado, dizer que o povo, depois que póde provar o fruto da verdade está ávido por êle todo. Queremos dizer que Portugal está ávido de conhecimentos. Ora, a satisfação dessa avidez (referimo-nos aos casos individuais) é que está fortemente condicionada. Todos conhecem a interferencia destes casos: — uns subalternos dos outros: — preço elevado de materias primas, — escassez de honorários abonados. Sabemos bem que a resolução destes problemas não é tarefa simples nem admite a superficial hipótese de que um aumento de salarios traria a felicidade. Porque estes casos nunca se resolvem a pessoal capricho, mas sim, implicam numa serie de "problemas" — esse porventura, bem fóra da natureza de "Esfera".

Voltando ao começo, e agora que focamos argumento de peso na nossa formação cultural, — cumpre que nos regosigemos com o aparecimento da "Revista de Portugal" — e com o acolhimento magnifico que teve: por um lado, dada a certeza que trouxe de que entre nós algo de sério se vai realizando mercê dum público cujo nivel de cultura começa a impor-se (não esqueçamos o papel preponderante que para a formação deste representam "O Diabo", "Sol Nascente", etc.) e de gerações intelectuais devotadas; por outro, pelas perspectivas que abre duma continuidade de caminhar progressivo.

Portugal, ao mesmo tempo que consubstancia a sua cultura, abre-se para a luz do mundo.

⁂

Na crônica anterior paramos aqui e ali na citação de revistas ou folhas que têm tido interferencia na nossa formação. Paramos, claro, não porque nada mais houvesse, mas sim, porque nalgum ponto teriamos que parar. Assim apontamos de preferencia as publicações de carater geral, e dentro deste critério aquelas mais diretamente atuantes na nossa formação cultural. Evitamos a citação de outras em que o especialisado começasse a particularisar-se.

Propositadamente guardamos para hoje, duas, sobretudo, que são uma meia especialisação e uma meia generalidade: — "Vida contemporanea" — notavel revista de estudos sociais, economicos, etc., que Cunha Leal e Vasco da Gama Fernandes dirigiram em Lisboa enquanto viveu, e "Portucale" — esta que já vem de longe e marca umo posição de destaque, sob a direção de dois eruditos de prestígio: — Claudio Bastos e Pedro Victorino.

REVISTA DA IMPRENSA

A questão Abel Salazar — António Sérgio, reacendeu-se conforme previramos. Agora, porem, por caminhos diversos dos anteriores. Se o incidente propriamente dito, se circunscrevia apenas aos dois contendores, agora parece envolver diretamente maior número de pessoas. Assim é que, á reprimenda de José Régio contra "Sol Nascente" pelo apoio que, no dizer de Régio, havia prestado a Abel Salazar solidarisandose com este nos ataques e acusações contra Sérgio, respondeu, em nome do jornal, Afon-

so Ribeiro. João Alberto, por seu turno, no "Diabo" apresentou tambem alguns pontos em contraposição de Régio; da mesma forma, a Página de Novos do "Trabalho" fez éco da questão.

Continua acesa, por lados vários, a discussão sobre a arte social ou não social: discussão essa muitas vezes indireta. Salienta-se, neste choque de critérios — que a todo momento tende a alargar-se numa auténtica querela de gerações — dum lado, António Gameiro, Jorge Domingues, Mario Dionísio, Frederico Alves, Ramos de Almeida, etc.; — do outro, o da arte pela supremacia dos valores estéticos, principalmente José Régio e João Gaspar Simões.

⁂

As entrevistas de Jaime Brasil, em Paris, para "O Diabo" — mais devagar de que no começo, têm continuado. Ultimamente o jornalista português realisou uma junto do poeta Jules Supervielle — sobre a missão da poesia moderna. O grande poeta francês, — que Adolfo Casais Monteiro mereceu, na "Revista de Portugal" um ensaio notavel, — apontou um traço curioso e oportuno. "E' preciso restabelecer o contacto entre o poeta e os outros homens".

⁂

No "Diabo" — dos depoimentos dos de mais de 40 anos sobre os de menos de 30 — a que responderam, alem dos apontados, até agora, Antonio Viana, Ramada Curto, Vitoriano Braga, — devemos salientar o do primeiro que, — de tal maneira falou em desfavor da gente nova — que "O Diabo" se viu invadido com respostas de desafronta. Todos os contraditores, nas linhas gerais, focaram o caso de que, se não são melhores, aos de mais de 40 anos o devem, — visto que por essa geração foram modelados.

⁂

"Sol Nascente" — cujo numero 29 apresenta um sopro forte de renovação — publica, digno de referencia especial — a tradução de um artigo de A. Toledano sobre o Centro Internacional de Síntese; de H. Lefevre: "O que é a dialetica?"; poemas de F. Garcia Lorca; Revista das Idéas; etc.

ARTES PLASTICAS

A. G. no "Diabo" dá apontamentos sobre a exposição de Carlos Botelho — que ao crítico, com ligeiras restrições, merece palavras de entusiasmo — mormente "pelo seu duplo interesse; 1.° — porque se impõe fora das noções triviais de beleza academica ou convencional, 2.° — porque reflete, ela mesma, o conflito surgido entre as duas gerações de nossos pintores".

No Porto, — a do pintor Italo Giovani — que a João Alberto (Sol Nascente) merece palavras de desaprovação.

CINEMA

• Confirma-se a boa impressão sobre "A Canção da Terra". Alves Costa no "Sol Nascente" chama-lhe o melhor filme português. Tambem Alberto de Serpa, na "Revista de Portugal" — aponta: "Um cinema simples, sincero e humano".

Do restante, fala Roberto Nobre: — "muitos filmes, muitos cinemas e nada que mereça ver-se".

TEATRO

Que conste, nada digno de referência.

LIVROS SAÍDOS

Abel Salazar — "PARIS EM 1934". Neste livro, o autor, como em "Uma primavera em Italia", "Digressões em Portugal", etc., grava as sensações do seu vagabundear pelo mundo. Abel Salazar, artista de superior qualidade quer quando pinta ou escreve é sempre o mesmo pintor másculo, vigoroso, a mesma inconfundivel personalidade. Sem o culto do purismo formal — como quando desenha ou pinta — o seu estilo é bizarro, sugestivo, saboroso.

Alberto Xavier — "O ROMANCE NO SECULO XVIII". A. Xavier que uns anos atraz apresentou, focando o romance desde a sua iniciação até ao Seculo XVII — o primeiro volume desta série de estudos — continua agora a sua tarefa. Neste volume são analisados as obras mais caracteristicas, como: — "Primavera" de Rodrigues Lobo". "A Astreia" de Honored'Urfé". "Vida del Buscon" de Quevedo". "Romain Comique" de Scarron". "Aventuras de Telémaco" de Fenelon.

Como o volume anterior, obra meditada e de merecimento.

Raúl Proença — "PÁGINAS DE POLÍTICA" — edição "Seara Nova". Trata-se de uma série de artigos que a "Seara Nova" desejosa de homenagear o diretor afastado de ha tempos do mundo vivo, reuniu em vo-

Livros e Revistas

"FISIOLOGIA DOS TABU'S", do Dr. Josué de Castro — Edição da CIA. NESTLE'.

E' altamente louvável, sob qualquer aspecto que a consideremos, a iniciativa da CIA. NESTLE' apresentando, em homenagem ás classes intelectuais do país, uma série de publicações de carater cultural, versando os mais diversos e interessantes assuntos. E' nessa coleção que acaba de aparecer a plaquete "FISIOLOGIA DOS TABU'S", de autoria do Dr. Josué de Castro, professor de Antropologia na Universidade do Distrito Federal. Tema dos mais importantes e controversos em Antropologia, o tabú, sua origem e formação, é explanado em "A FISIOLOGIA DOS TABU'S" de maneira clara e sucinta que o coloca ao alcance do leitor mesmo não iniciado na terminologia da disciplina em questão. Tem o Dr. Josué De Castro oportunidade de expor, neste trabalho, ao lado das concepções de Wundt e Freud, a sua teoria explicativa do tabú, baseada numa aplicação ao campo antropológico dos principios estabelecidos por Pavlov sobre os reflexos condicionados.

Ilustrada por Santa Rosa e primorosamente impressa, a publicação da CIA. NESTLE' contem, em adendo, uma relação de curiosos "tabús alimentares brasileiros, organizada e comentada pelo autor.

"O HOMEM E A PAIZAGEM", de Ovídio Cunha — Edições Pongetti.

A antropogeografia é uma das várias ciências compostas cujo conhecimento empírico a antiguidade possuia mas que sómente o extraordinário e moderno desenvolvimento das ciências básicas em que se apoiam permitiu constituir e sistematizar. "Ciência das relações entre o homem e o meio", toda a importancia da Antropogeografia ressalta ao simples enunciado da sua definição que a situa num plano de ligação entre as ciências da natureza e as da sociedade, das quais ela participa intimamente, entrosando-as. E é exatamente esse carater fundamental de ciência relacionadora do elemento humano e do meio ambiente que a torna um dos estudos mais sérios e úteis a serem feitos no Brasil, país onde os problemas da terra e do homem permanecem, na sua maioria, praticamente intátos, como que a desafiar a capacidade realizadora dos regimens e das administrações.

Daí o valor de um livro como "O HOMEM E A PAIZAGEM" — estudos de geografia humana e social — onde são focalizados, com o conhecimento do assunto já revelado pelo autor em trabalhos anteriores, interessantíssimos capítulos de antropogeografia brasileira e de outras regiões.

"PROBLEMAS MEDICOS-SOCIAIS DA INFANCIA", Drs. J. Freire de Vasconcelos e Silveira Sampaio — Livraria Odeon editora.

Os autores, que são dois jovens e conhecidos pediatras, estudam minuciosa e documentadamente, em "Problemas Médicos-sociais da infancia", uma das mais graves manifestações do complexo problema infantil, que é "o comércio das criadeiras". Sobre o mérito da obra dizem bastante as palavras do Juiz de Menores do Distrito Federal, Dr. A. Saboia Lima, que prefacia o volume: "Amparar as crianças abandonadas é, sem dúvida, o mais importante problema do Brasil contemporaneo... Os Drs. Freire de Vasconcelos e Silveira Sampaio realizam patriótica obra de assistência com a publicação deste magnifico livro, em que revelam grande competência e capacidade de observação,, a par de temperamento combativo e construtor".

Recebemos, tambem, PARIS EM 1934, de Abel Salazar — Tipografia Civilização, Pôrto.

ESPANA, 1936, poesia de Alvaro Yunque, Buenos Ayres.

LA NOUVELLE REVUE FRANÇAISE (n-297-1 de Junho).

Representativa, como poucas publicações, do espírito e da cul-

---

lume. No corpo primeiro do livro, alguns artigos com que Raul Proença refutou as teorias integralistas. No corpo segundo, uma outra série em oposição ao "Trahison des Clercs" de Benda.

A atitude de Raul Proença, para qualquer dos lados, é aquela que se coloca na idealidade democrática — norma geral de "Seara Nova".

Formalmente é um trabalho de Raúl Proença: argúcia e elegancia.

A apontar temos ainda uma nova edição dum livro de ha alguns anos, de Fidelino Figueiredo, "As duas Espanhas"; de Ferreira de Mira, "Gente Moça"; de Aleixo Ribeiro, "Bússola Doida" — para a coleção dos Autores Modernos Portugueses (Edições Europa); de João Gaspar Simões, editorial Inquérito, "Novos Temas", e para a Livraria Lello, "Viagens da Minha Terra" de Afrania Peixoto.

PUBLICAÇÕES NOVAS

"Ocidente" — revista mensal do pensamento nacionalista português.

Portugal — junho — 1938.

A. C. S.

tura gauleza, a N. R. F. oferece-nos sempre o espetáculo vário e fascinante da vida literária de França, atravez das últimas produções e depoimentos dos seus maiores escritores. O ecletismo do seu quadro de colaboradores permite ao leitor um fácil e instrutivo contato com as mais opostas correntes das letras francezas contemporaneas. Assim, neste número, o classicismo de André Suarez (Templos gregos, mansões dos deuses), precede a aguda análise social e o impeto transformador de André Chansom (*A Galé* (1), romance); Leon Bopp detalha as "Origens de uma nova revolução franceza", e Maritain retruca aos comentários de Gide sobre a sua conferência a respeito d'"Os judeus entre as nações".

A destacar, tambem: correspondência inédita de Voltaire, "Bodas de sangue", teatro, de F. Garcia Lorca, ensaios criticos de Marcel Arland, e os comentários sobre Walt Disney, e o último livro de Georges Bernanos.

As páginas redatoriais e uma ou outra secção da revista revelam certa excitação de carater político-internacional, que levam á conclusão de que determinados setores literários já compreenderam os motivos da inquietação manifestada pelo estado maior francês quando as tropas franquistas alcançaram os Pirinêus.

REVISTA DE PORTUGAL (n. 3). Transcrevemos parte do sumário dessa importante publicação, tão apreciada no Brasil, sem embargo do seu aparecimento recente: Sarah Affonso, Desenho; Jules Supervielle, Dieu Surpris; Cecília Meirelles, Metamorfose e outros poemas; Miguel Torga, Moysés; João Falco, Pequenos poemas sentimentais; Aquilino Ribeiro, Madrugada; Antonio Madeira, As rãs; Sant'Anna Dionysio, Um paralogismo de romancista; José Marinho, Sobre o juizo tácito; Francisco Bogalho, Partida; Mário Dionysio, Vulto; Fernando Amado, Segundo diálogo sôbre a pintura.

Sôbre literatura brasileira: Adolfo Casais Monteiro inicia o ensaio "Manuel Bandeira", e o mesmo e Guilherme de Castilho comentam, respectivamente, "Poemas", de Adalgiza Nery, e "O Amanuense Belmiro" de Cyro dos Anjos.

O DIABO (ns. 192,193), publica entre outros interessantes artigos: A igreja católica perante o eixo Roma-Berlim, oportuno comentário de Rodrigues Antunes; A máquina e o homem, por Christiano Lima; Pensamento positivo contemporaneo, e Uma obra prima de arquitetura, do mestre Abel Salazar; Panorama literário do Brasil, de Afonso de Castro Senda.

Afonso de Castro Senda vem dedicando a sua invulgar cultura e capacidade crítica ao estudo compreensivo das figuras mais significativas da nossa moderna literatura. Nêssse magnifico esfôrço para torná-las conhecidas e admiradas em Portugal, o jovem poeta e ensaista tem realizado páginas que pela agudeza de análise, exatidão de conceitos e clara percepção de determinados aspectos da realidade brasileira, impôem-se á atenção de todos os que se interessam pela literatura na qualidade da mais completa e objetiva expressão artística do homem e do social.

O BOLETIM DA C. E. B. continúa a preencher, com absoluto sucesso, a sua dupla finalidade de orgão congraçador da grande classe estudantil e educador, pela cultura, da mocidade brasileira. O seu número de Maio publica uma entrevista com Alvaro Moreyra, artigos de Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Edison Carneiro, Joel Silveira, Emil Farhat, Paschoal Carlos Magno e uma bela página ilustrada sôbre o teatro de Alvaro Moreyra.

COLUNA E VÉRTICE são duas revistas argentinas que pela amplitude e valor dos seus quadros de colaboradores possibilitam uma idéa precisa do momento literário hispano-americano. Entre as muitas traduções que tambem publicam sobresai (em Vértice) a do artigo de Mme. Chan-Kai-Shek: "O golpe de estado de Sian", que pormenoriza os acontecimentos que há dois anos emocionaram a China e o mundo, quando da conspiração tramada contra o Marechal Shan-Kai-Shek por um grupo de oficiais de sua imediata confiança. — F.

Recebemos ainda:

MEDICINA UNIVERSITARIA — (nº 1) — Junho — 938.
No que se pensa HOJE —Junho.
LUMO — Mexico — Junho, 938.
BELLO HORIZONTE (nº 94).
SCIENCIAS e LETRAS de S. Paulo.
REVISTA ACADEMICA (nº 36), Junho.
CLARIDAD — Buenos Aires.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

BRASILIANA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

O REI FILÓSOFO (VIDA DE D. PEDRO II) — PEDRO CALMON

O PADROADO E A IGREJA BRASILEIRA — JOÃO DORNAS FILHO

O PRECURSOR DO ABOLICIONISMO NO BRASIL (LUIZ GAMA) — SUD MENNUCCI

FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL — J. PANDIA' CALOGERAS

SYLVIO ROMERO. — CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA

TEATRO

TEATRO RIVAL - Zazá, Dulcina, Odilon e outros comentários.

Dentro de espectativas antagônicas (e divertidas) da antiga e da moderna geração, Dulcina deu-nos Zazá em sua festa artística. Deu-nos Zazá, naturalmente para não fugir á praxe das grandes atrizes. Mas o caso é que, em outros papeis, já nos tinha mostrado todas essas possibilidades que, então, exibiu.

Para quem tem, como o carioca, um *curso completo* de Dulcina, desde "Amor" a "Um Official da Guarda", passando por essa inesquecivel "A Alegria de Amar", por "Liberté Provisoire" e por "Tovarich", por "Le Bonheur" e "Uma garota que vê longe", passando por todas essas criações esplêndidas que têm sido as suas, *mesmo nas peças medíocres*, essa estreia não assumiu proporções de uma prova difícil para a atriz; outras igualmente sérias já foram vencidas e, depois delas, a noção de *dificuldade* desapareceu, totalmente, em relação a Dulcina.

"Zázá", em linhas gerais, não oferece novidade: a clássica história da atriz *vinda da lama;* a clássica mãe ébria, explorando-a; clássico protetor; o clássico amor que regenera... Tudo isso fugindo muitas vezes á coerência das personalidades, quebrando-lhes, algumas vezes, a unidade psicológica.

Não vamos discutir, porém, em pleno ano de 1938, se a Zazá, como tipo humano, está bem fixada, bem desenvolvida e bem acabada: o grande mérito da peça é oferecer *situações* teatrais em que as grandes intérpretes mostram, com amplitude, suas possibilidades.

E foi isso, simplesmente, o que Dulcina fez: aproveitou tudo e tudo mostrou do quanto é capaz de conseguir, em matéria de realização artística.

Desde as primeiras cenas a *sua Zaza entrou.* A sedução de Dufresne foi a primeira grande conquista do dia. Infinitamente sedutora e infinitamente fina, cheia de sutilezas e de recursos novíssimos, inteligentemente fixados dentro do clima atual, libertada dessa especie de *complexo de serpente* de que, nesses momentos, são acometidas certas atrizes, e por isso mesmo, sem recorrer a qualquer dos métodos batidíssimos e desprestigiados de que se valem (fracassando) as "vamp" á Isa Miranda e outras coleantes senhoras da tela e do palco, Dulcina usou de uma técnica inteiramente nova — muito sua e muito limpa. A cena foi conduzida com muita harmonia, entrecortada de detalhes magníficos, como aquele de sua irritação traduzida, de quando em quando, no apêlo á criada — imagem sonora de que ela se valeu para nos mostrar um estado de alma ou de nervos muito especial — que foi, indiscutivelmente, um achado vocal de admirável expressividade.

No 2º ato, desde as primeiras cenas de ternura, esteve magnífica. Convem assinalar a naturalidade com que Dulcina usa de toda essa momenclatura amorosa, num á vontade que afasta, inteiramente, a possibilidade do ridículo encabulante que nos oferecem algumas enfáticas amorosas de nossos palcos e dramáticas damas de nosso conhecimento. Porque é indiscritivel a proporção que toma a expressão "meu amor" (e outras banalidadezinhas sentimentais) dita por certas primadonas — o que explica, talvez, a economia de situações de amor de parte da maioria dos autores teatrais. Com Dulcina todas essas pequenas coisas ficam no seu logar — numa reabilitação.

E teve grandes momentos: nas suas cenas de janela, de costas para o público — voz e mãos, apenas — notável de verdade e de emotividade; no seu gesto de revolta, quando se joga, aos socos, sôbre Manoel Pera; naquela combinação magnífica de impressões várias, que foi a sua espera na casa de Dufresne (o comentário sôbre o retrato, a constatação do ambiente...); no diálogo com a criança, em que esteve, apenas, um pobre ser humano machucado e vencido; na cena do almôço, em que expôs uma técnica muito convincente de nervosismo recalcado... E depois, no final. Que esplêndida graduação de emoção obteve, que exuberância de tonalidades decrescentes! Gesto, voz, máscara — tudo admiravelmente harmonizado. Nêsse momento, em matéria de projeção emocional, Dulcina obteve o máximo. O ambiente de melancolia, por ela criado, foi qualquer coisa de surpreendente. Impregnou, envolveu a platéia. E veiu conosco para casa — em predominio.

Na fobia, na incompatibilidade quasi física, que se tem, já, pelo dramaticismo convencional, chega-se a ficar grata a Dulcina, por aquele seu "nunca mais", muito *de dentro,* com que obtem isso a que se deve chamar a culminancia emocional, atingindo a sensibilidade dos espectadores, sem lhes irritar ou descontrolar os nervos. Porque, essa é a verdade: ninguém mais aceitaria um "nunca mais" histérico, nem rugidos de leôas feridas. Mesmo para as lamentações de beira de túmulo ou para os prantos de junto ao caixão, o processo é outro: mais

Para o trabalho de Conchita, em Zazá, dever-se-iam abrir colunas especiais. Trabalho de composi-

ção e de animação, perfeito nos mínimos detalhes: não houve gesto falhado, ou inflexão perdida, ou expressão de mais ou de menos. Verdadeiramente grande.

Odilon animou, com indiscutível linha, a personalidade de Dufresne. Suas atitudes de displicência foram muito bôas, assim como o foram as suas expressoes finais, seu sorriso quando se certifica de que "a paz do seu lar" não foi atingida; sua violência contra Zazá... Falhou apenas em uma cena: quando Zazá revela a Dufresne não ignorar o seu casamento. Aí recorreu a um arregalo de olhos pouco recomendável.

Se Odilon soubesse quanto ganham, em verdade, os momentos em que, em lugar de grandes gestos, ou de exageros fisionômicos, êle explora, principalmente, as atitudes de serenidade e exerce contrôle sôbre os nervos dos personagens, penso que nada mais se poderia assinalar de pouco satisfatório em suas interpretações. Citemos como padrão destas, nesses últimos tempos, a sua "performance" [illegible] aos tropeções, ao ridículo imposto. Decerto que lhe não cabe a culpa (mas ao autor da peça) da personalidade apresentada em "A luz de um fósforo". Cabe-lhe, porém, outra culpa igualmente passivel de reparo: a de a ter escolhido para seu repertório. E o interessante é que a peça tem méritos: tem substância, é um bom estudo, é lógica, é humana. Mas deu-lhe o autor traços tão fortes, caricaturou, de tal modo, o personagem central, que tudo resvala para um excessivo ridículo, muito prejudicial á comédia, em suu inteireza.

Em Zazá, Odilon voltou a seu nível. O nível do qual jamais deveria descer. E foi um dos elementos integrantes da harmonia da interpretação —coerente com o belo e honesto esfôrço que, com Dulcina, vem realizando pelo bom teatro, no Brasil.

Ruth Mynsen começa a se fazer notar pelos traços de naturalidade que vem imprimindo a tudo quanto faz. Desde "Uma garota que vê longe" sua atuação na Companhia Dulcina-Odilon, já pesa em alguma coisa. Está se movimentondo bem, tem obtido inflexões muuito justas — num á vontade bem apreciável, dentro de seus papéis. Manoel Pera contribuiu, como sempre, com a sua impecavel naturalidade, para o êxito da peça — enquanto Aurora Abojim, numa rápida passagem, deu-nos o suficiente para que se considere como tipo vivo o que lhe coube viver.

Zilca Salaberry, incolor. Atila de Morais, que está sendo obrigado, ultimamente, a uma quasi especialização de senilidade, bem, como sempre. Sem oportunidades, porém.

Mário Salaberry, um pouco enfático.

E houve uma estréia: Sônia Lopes. Magnífica a apresentação dessa garotinha de 6 anos, surgindonos com uma segurança cênica digna de nota, enfrentando, como atriz de verdade, as dificuldades do seu pequeno papel. Disse, muito lúcidamente, muito concientemente, as suas falas. E teve um "que pena!" bastante promissor. Nêsse aluvião de "chanchadas" em que vivemos, Zazá veio provar, mais uma vez, que, com Dulcina, o público aceitará o Teatro *além de peças para rir.* Decerto que se não dispensam comédias como "Uma garota que vê longe" "A menina do chocolate" e outras, indispensáveis como complemento das criações de Dulcina. O que se quer é que, a essas, sejam reunidas outras mais sérias, de mais emoção, de mais sentido humano, como já o foi feito em temporadas passadas, com marcado sucesso para Dulcina e nas quais ela deve insistir, sem hesitações.

Peso demasiado para "seus fracos ombros"? Nada disso. Seu agudissimo sentido de beleza, revelado na delicadeza de seus *traços* artísticos, sua notável perceptibilidade para os momentos emocionais, sua perfeita compreensão das situações, a segurança e a lucidez de seus processos interpretativos, obrigam-na já a uma atitude decisivamente construtora, dentro do Teatro. Atitude a que ela não deve fugir, para que não seja quebrado êsse equilibrio estético, mantido desde a sua estréia — num emocionante esfôrço e numa entusiasmante vitória da artista sôbre o meio — *M.*

A MELHOR PUBLICAÇÃO LITERARIA DO BRASIL

CONSELHO DIRETOR:
Mario de Andrade, Alvaro Moreyra, Anibal Machado, Portinari, Arthur Ramos, José Lins do Rego, Santa Rosa, Rubem Braga, Jorge Amado, Sergio Milliet, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, A. D. Tavares Bastos, Erico Verissimo.

REDATORES:
Murilo Miranda e Moacyr
Moacyr Werneck de Castro

CORRESPONDENCIA:
Rua Machado de Assis, 39 — Sala, 313.

HOJE
No que se Pensa

Síntese Mensal da Atividade Contemporanea

Redação e administração

Avenida Angelica, 2.216
S. Paulo — Brasil

Direção de:

OTAVIO MENDES CAJADO

NOS JORNALEIROS

CINEMA

Mês de grandes filmes. Muitos cartazes bons. Gary Cooper duas vezes: "Aventuras de Marco Polo" e "A oitava esposa de Barba Azul". Shirley Temple tambem compareceu.

Pena é que o cronista cinematográfico seja obrigado a viver em dificuldades financeiras e não possa ver todos os filmes. Pena tambem — e incompreensivel que os representantes das grandes fábricas de filmes não forneçam entradas aos cronistas cinematográficos. Deviam convidar essa gente para as "primeiras". Mas não. E' incrivel mas é o que acontece.

Uma noticia bôa: — já anunciam para setembro "Branca de Neve" de Walt Dysney!!!

VENENO, Charles Boyer — Michéle Morgan Filme francês. Bernstein. O filme é bom, o enredo ótimo, as fotografias notáveis, os detalhes cuidadosos. Mas é ainda teatro, muito mais teatro que cinema. Os tipos principais interpretados por Boyer e Michele são magnificos. Êle se mantem o ator soberbo de todos os seus filmes.

Neste filme Boyer consegue o máximo. Sua máscara é de tal forma expressiva que realisa inteiramente a representação dos choques interiores. Magnifico trabalho. O resto do elenco fica teatro, declamando muito, gesticulando exageradamente. O cinema francês ainda não se libertou da influência do teatro. O artista francês continua com o comportamento do palco. Resultado: — nem cinema, nem teatro.

MANEQUIN — Ha para a critica cinematografica duas especies de filmes: os fartamente anunciados e os que passam quasi em silencio. Geralmente dentre os ultimos é que estão os melhores. Mas os criticos preferem comentar longamente aqueles para os quais os produtores mais dispenderam na propaganda. "Manequin" passou sem estardalhaço. E é um filme notavel. Cinema cento por cento. Nenhuma teatralidade. Um sentido profundo de vida real. Uma peça literaria, um romance literatura. A propria cena da escada, já tão explorada em varios filmes, quasi sempre aproveitada como imagem, é em Manequim completamente novo: aquelas crianças que choram, o choro faminto da casa de comodos, onde as torneiras pingam eternamente escandalhadas e a miseria transparece mesmo com a existencia de cortinas e biombos. Spencer Tracy - um dos maiores artistas do mundo. Sua mascara é o bastante para refletir analises interiores. E' Joan Crawford que consegue reunir a artista á mulher de vestidos elegantes (choque que existe no cinema), que interpreta profundamente, reunindo condições soberbas de artista e mulher, unificand oas duas, se mantem á altura de Tracy. Nenhum deles perde, nem ganha. Equilibram-se. E realizam notavelmente. Alan Curtis é bom no papel. Consegue muito bem sua ascenção lenta no parasitismo. Começa apenas o preguiçoso, para terminar o criminoso. Ralph Morgan, Mary Phillips muito bons. (Morgan é sempre bom). E é uma cena grandiosa aquela em que Elisabeth Risdon (a mãe explorada, humilhada) ensina á filha o dever de reagir. Manequim é um estudo social.

A OITAVA ESPOSA DE BARBA AZUL — Pena que dois bons artistas tivessem que trabalhar um filme tão ruim. Gary Cooper e Claudette Colbert. Ambos se esforçam enormemente para salvar o filme. Impossivel. E' uma comédia sem *humor*, sem levesa, cacete mesmo. Tipo chanchada. Não ha siquer situações interessantes. O cenário é bom, si bem que exageradamente luxuoso. Fotografias muito boas. O filme quer ser engraçado. Não consegue não. O enredo é um dos mais explorados pelo cinema: — o ricaço que se apaixona definitivamente. Tudo banalsinho. Gary Cooper não devia topar papeis desses. Êle é realmente um artista.

E.

A VOZ DA TERRA

Romance

AMADEU DE QUEIRÓS

Edições

CULTURA
BRASILEIRA
S/A

LEIAM

Criança

Revista para os pais

Nas

Livrarias e Jornaleiros

RADIO

Palavras isoladas, separadas por pontos, reunidas pela ausência de parágrafos, sintetisam os últimos momentos sensacionais comunicados pelo rádio. Parece mesmo inutil formar frases, procurar adjetivos, conjugar verbos e colocar pronomes. E' mais simples enumerar. Esporte. Futebol. Fifa. Amor. Pátria. Torcida. Subtração. Injustiça. Derrota. Recompensa. Boxe. América. Raça. Preponderancia. Superioridade. Satisfação. Vitoria. Alegria. Repercussão. Etc. Não é preciso dizer mais.

Continua com altos e baixos a seleção de peças para o teatro da PRA-9. "A Vingança do Judeu", "A Labareda" e outras no gênero... De quando em vez um Joracy Camargo ou um Paulo de Magalhães como desabafo. Mesmo assim, em "Capricho". Cesar Ladeira decepcionou os fans. Que bebedeira! Um artista tão elegante devia explorar o lado estético da embriaguez... Principalmente numa bebedeira simulada. Voltando ao repertório. Existem tantas peças interessantes! De autores estrangeiros e nacionais. A atuação de Barboza Junior dá sempre uma nota agradavel. Pelo rádio as comédias ligeiras agradam mais e um comico de qualidade não pode ser dispensado.

A literatura de publciidade e os qualificativos dos artistas continuam chateando. Como sempre "... o tal" e outros nos intervalos de frases infelizes batisadas para a propaganda. "A hora do Elixir de Inhame constitui *sem*...pre um prazer!... Mil vezes o "é barato ou não é?" da Capital. Ao menos tem sentido.

O teatro pelo rádio continúa o programa mais em voga. Já temos mais um e da melhor espécie — o da Radio Tupi. Delorges Caminha e Amelia de Oliveira — não é preciso maiores comentários. A escolha do repertório tambem promete. "Nada" de Ernani Fornari é uma magnífica peça, muito bem feita e extraordinariamente sofrida. O ceticismo do autor é lamentavel. E' positivamente uma concepção de periodo de transição. O material humano jogado na peça precisa ser educado. Impecavel a apresentação. A música tambem excelente na animação que imprimiu á vida que o som viveu. Digno de parabens o empreendimento da Tupi sem o preconceito dos atos que dividem o teatro em partes iguais.

"A Biblioteca do Ar" com a direção Genolino Amado — Cesar Ladeira corresponde perfeitamente ao fim que se destina: instruir e educar. Só tem um grave inconveniente — a hora. Quem trabalha oito horas por dia não lê depois das dez da noite. Os contos radiofônicos são geralmente bons, bem adaptados. As noticias são fartas e os anuncios a propósito. Não demos deixar de registrar a cronica qu efocou um artigo de Alvaro Moreyra em "D. Casmurro". Foram justíssimas as referencias repassadas de ternura. O maior cronista do Brasil é realmente admiravel como realisação humana.

Mis França no microfone da PRG-3 insinuou a necessidade urgente da televisão.

Em grande atividade a Radio Ipanema. Novos artistas, novos programas e novo transmissor. Ainda está em tempo.

O Casino da Urca está anunciando Lucienne Boyer. O rádio vai transmitir com certeza. — S.

ERRATA

No número 1 de Esfera — páagina 19 (2ª. coluna — 41ª. linha) — leia-se SOMATÓRIO em vez de somático.

CASA
ALHAMBRA

Moveis e Tapeçarias

RUA DO CATETE, 65
FONE: 42-2633
RIO

Metabril

Para limpeza de moveis e metais

REPRESENTANTE NO RIO:

H. CORDEIRO & CIA. LTD.

RUA LEOPOLDO FRÓES, 11 — SOBRADO

Peçam pelo Telefone
42-4869

ESTA REVISTA NÃO SE RESPONSABILISA POR CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS ASSINADOS